Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 378 Terça-feira, 2 de Junho de 1987 Preço 40$00

"Topless" continua proibido mas foi à praia na abertura da época

Pág. 10

Ex-toxicómanos estão a mudar zona de Mação (enquanto mudam)

Eles são 12 jovens, ex-toxicómanos, que se instalaram na zona de Mação, para tentarem a sua reintegração. Aconteceu talvez o inesperado: eles mudaram, na verdade, mas da sua reinserção resultou que também as pessoas à sua volta mudaram...

Págs. 6 e 7

Um mal que o Governo não deteve

EMPREGO PRECÁRIO: 1/3 DOS LISBOETAS ESTÃO ABRANGIDOS

O número de desempregados no distrito de Lisboa continua a aumentar, tendo a União dos Sindicatos garantido que eles são hoje mais 17 mil do que há três anos atrás. No entanto, ainda segundo um estudo divulgado pela USL, os trabalhadores enfrentam uma situação mais grave, por mais generalizada: a precaridade do emprego. Com efeito, segundo a União dos Sindicatos do distrito de Lisboa, cerca de um terço da população activa do distrito encontra-se em situação de emprego precário, subemprego ou desemprego propriamente dito.

Pág. 11

Policia, protegido por luvas de borracha, prende um manifestante

Seis mil cientistas debatem combate à SIDA

Apresentado produto que bloqueia entrada do vírus nas células

Cerca de 6.000 cientistas e funcionários de organismos de saúde de mais de 50 países participam na terceira conferência internacional sobre a SIDA que, desde ontem está reunida em Washington. Os investigadores norte-americanos aproveitaram a ocasião para anunciar a descoberta de um produto químico que proibe a entrada do vírus da SIDA nas células. Mas as comunicações dos especialistas não foram só de esperança. Um deles revelou, por exemplo, que o contacto heterossexual está a propagar a Sindroma duas vezes mais rapidamente do que as relações homossexuais.

Pág. 13

PSD E PRD APRESENTARAM CANDIDATOS

Págs. 3 e 4

A sexualidade do medo III

As relações paradoxais dos jovens

Mario Hernandez Estevez

DOMINAR os instintos: uma velha filosofia. Até que ponto a liberação se preocupou com o ego instintivo? As mulheres e os homens muito jovens tendem a cair num dom-juanismo que, longe de ser literário, é paradoxal. A sexualidade do medo não os atacou devido a uma falta de informação. Contudo, a juventude é transitória e essa fase chegará inevitavelmente com o passar do tempo.

De qualquer forma, ninguém pode negar actualmente, que uma primazia exclusiva da sexualidade instintiva poderá levar o homem à sua própria aniquilação.

A sociedade ocidental tem considerado seriamente o regresso a uma sexualidade íntima e selectiva. Afirma-se que, com as devidas distâncias, deveríamos regressar a um estágio anterior.

Na realidade, a revolução dos costumes íntimos conseguiu apenas quebrar o jugo de um puritanismo excessivo, em que a lei social do comportamento imposto e a moral (não só religiosa, como é óbvio) ameaçavam punir com os mais graves castigos quaisquer transgressões.

O indivíduo dos nossos dias enfrenta um dilema: o caminho está aberto e a sociedade compreende os seus conflitos.

Agora, o risco é exclusivamente seu. As consequências, sejam elas SIDA ou depressões, herpes ou desenraízamento familiar, resultarão de uma atitude tomada sem imposições, sem ditadura.

Sexualidade e civilização

Referimos civilização tal como se entende no mundo ocidental, pois é o seu homem que nos preocupa. De facto, sabe-se que, noutros lados, a sexualidade nunca gerou qualquer pandemónio. A nossa cultura agrupa o sexo e a psicologia, pelo que nasce, assim, um mundo característico em que a regra tem fundamentalmente a ver com o que os peritos denominaram de «sexualidade adquirida».

O regresso a uma atitude sexual «romântica», verificado já em certos países, representa uma reconversão dos homens e das mulheres através da sua cultura; não importa ter sido o medo a desencadeá-lo. O importante é verificar que o indivíduo poderá ter pensado nos grandes inconvenientes trazidos por uma sexualdidae sem barreiras.

Não nos esqueçamos que a civilização do progresso nos trouxe uma sociedade competitiva e cruel, a qual abriu uma ferida no ego, instalando-se o «stress», o pessimismo, a solidão, etc., etc. Não é, portanto, descabido pensar que uma sexualidade íntima e afectiva poderá minorar estes problemas.

As coisas do espírito

Pode parecer pretensioso, mas não é. As coisas do espírito são importantes, porque banalizar o que o homem consegue através da cultura e do espírito e fazer preponderar a sexualidade e o gozo físico poderia levar ao fim da civilização, obrigando a um retrocesso.

Após o ímpeto inicial, os povos ocidentais que mais aderiram à liberação dos costumes e ao novo status social foram aqueles a quem a cultura chegava lenta e tardiamente, atraso este que tinha a ver com os lucros obtidos por outras sociedades onde a cultura conseguira um bem-estar mais justo e generalizado.

Tanto assim é que os primeiros a partilhar a sexualidade do medo e a aderir ao regresso da afectividade e da moderação foram as nações mais ricas e poderosas, verificando-se, igualmente, uma maior adesão por parte dos seus núcleos sociais com um melhor nível cultural.

Dominar os instintos

A promessa da liberação dos costumes sexuais adulou os instintos relegando para segundo plano aqueles que até aí tinham regido maioritariamente a vida humana. Em certas comunidades ocidentais onde se persiste nesta ideia de liberação sexual, verifica-se que outros aspectos e necessidades são postos à margem. O rendimento «per capita» passa a estar ligado à libido. Rendimento «per capita» e libido, com a cultura.

Devemos, porém, considerar que o Mundo terá muitas dificuldades em regressar a uma sexualidade dominada, isto se, dentro de vinte anos, não deflagar uma nova revolução.

É preciso ter em conta os milhares de milhões de pessoas que vivem actualmente com os instintos à flor da pele, pensando também nos seus filhos e netos. Depararemos com uma nova elite, algo como a elite do sexo/cultura/materialismo/medo.

Revolução e dom-juanismo

É na juventude que mais se verifica a existência de uma sexualidade sem barreiras. Os jovens não dispõem de qualquer ponto de referência que lhes permita efectuar um retrocesso pela via da inquietação ou da nostalgia. O dom-juanismo masculino e feminino da nossa época é utilizado como uma ostentação da revolução sexual, uma contrapartida ao movimento de retrocesso.

Trata-se sem dúvida de um dom-juanismo banal e um tanto paradoxal. Este dom-juanismo dos nossos dias rege-se por leis peculiares de ostentação, as quais só podem ser analisadas mediante um estudo sociológico.

Quando a sociedade fala de educação sexual, refere-se quase exclusivamente ao processo orgânico da mesma. Conhece o teu corpo, propõe, talvez se devesse falar muito mais sobre os processos tortuosos utilizados pela mente no mundo da sexualidade. A alma é muito mais erótica. Afinal de contas, há muito tempo que a sexualidade se afastou da sua finalidade inicial, a procriação como única motivação.

A sexualidade do medo gera, hoje em dia, a confusão, mas terá necessariamente de abrandar. Entre os muitos campos essenciais para a felicidade do homem e da mulher, o sexo ocupa um lugar de destaque. Será, porém, necessário que ele interaja com as restantes sensibilidades humanas, caso contrário poderá levar ao fim da História do Homem.

FIM DA SÉRIE

JOVENS PUDESSEM...

José Manuel Gouveia
20 anos, paquete

"O amor ainda é fundamental"

O que pensas tu sobre o caso da lixeira nuclear junto à fronteira portuguesa?

— É um caso a ser estudado. Pode ser uma calamidade, com consequências graves para a Natureza e a nossa população. E isso dos espanhóis retirarem as coisas perigosas de perto das cidades deles para perto de nós é errado, não se devia fazer.

Centrais nucleares, o que pensas?

— São um risco. Acho que devem existir, porque nos dão energia de que temos necessidade, mas é preciso que haja mais cuidado com elas.

Não haverá outras hipóteses energéticas?

— Haver há, mas são mais caras.

Toma o exemplo de Chernobyl. Será que não está na própria condição das centrais nucleares serem perigosas?

— Está, e isso estraga um pouco o lado positivo que a energia nuclear tem, mas mesmo assim é bom que existam.

E quanto à existência de armas nucleares?

Deviam desaparecer. Os países que têm armamento nuclear deviam entrar em acordo e acabarem com isso.

Há uns que dizem que são as armas nucleares que lhes dão segurança. Afinal como é que estaríamos melhor?

— Já nem sei

Alguns ministros, entre os quais o nosso ministro da Defesa, já defendem que caso haja uma diminuição na corrida aos armamentos nucleares se deveria optar por um reforço das armas convencionais usadas pelas Forças Armadas. O que achas disso?

Acho mal, claro.

Um projecto de paz em todo o mundo será possível, não é um desejo um tanto utópico, sabendo-se o que se passa pelo mundo?

— Não, não acho utópico. Tudo depende das pessoas se entenderem entre si.

Fez ontem vinte anos que foi publicado o «Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band» dos Beatles. Viste o documentário na televisão? Achas que o amor ainda é um valor fundamental?

— Vi sim. Acho que sim, que é fundamental, e isso apesar de a juventude actual já ser muito diferente, e para pior.

Ontem na apresentação dos candidatos PSD

CAVACO NÃO VÊ ALTERNATIVA A NÃO SER ELE PRÓPRIO

«E possível formar um Governo coerente e credível alternativo ao do PSD?». A pergunta do líder social–democrata, Aníbal Cavaco Silva, ontem durante a apresentação dos candidatos do seu partido num hotel de Lisboa, pressagia o levantar do véu sobre uma estratégia eleitoral linear. E para a tornar mais óbvia lança de imediato uma outra interrogação: «É possível formar um Governo sem o apoio do PCP?». Implícito está o tema segurança, o apelo a uma linha de continuidade exemplarmente consubstanciada na palavra de ordem que preside à campanha dos sociais–democratas: «Portugal não pode parar».

O slogan serve de ligação entre o passado — a governação social–democrata e o veredicto eleitoral que traduzirá inevitavelmente o corte ou a prossecução de uma determinada política. Por isso, não é de estranhar que Cavaco Silva insista em dizer que o seu partido «quer ser julgado pelos portugueses», e que anuncie para breve a apresentação pública de um balanço sobre a actividade do seu Governo. Mas logo de seguida inflecte numa outra direcção: nestas eleições «não está, só, nem sobretudo, em causa a vitória do PSD — o que nelas vai estar verdadeiramente em causa é a vitória do país». E prossegue: «Só o PSD tem uma ideia para Portugal — que já começou a executar em 18 meses de Governo».

Deixando de lado o discurso esccrito, e já na altura das respostas às questões levantadas pelos jornalistas, Cavaco foi mais longe no cenário apresentado: «O que está em jogo nestas eleições é a estabilidade ou as crises políticas, a melhoria das condições de vida ou a austeridade e a estagnação».

Depois,é a ocasião propícia para contrastar com a sua imagem das «oposições» que «continuam sem uma linha de rumo» e a dar «nos últimos dias, como durante os dezoito meses passados, o espectáculo das suas lutas internas e dos confrontos mútuos». Ainda na mesma linha maniqueista Cavaco antevê: «Por tudo o que se tem passado, os portugueses não têm dificuldade em avaliar o que sucederia no nosso país se as oposições pudessem vir a governar Portugal».

Comportamentos e resultados

«O PSD está confiante de que vai ganhar as próximas eleições». E «ganhará quem tiver maior número de votos e deputados». Diz ainda Cavaco Silva que o seu partido parte para a batalha de 19 de Julho «para obter o melhor resultado de sempre». Com 29,8% dos votos no anterior escrutínio, em 1985, é evidente que tudo o que for a mais é ganho e o maior de sempre. Mas será isso só que o PSD quer? Neste particular, o presidente dos sociais–democratas é bem mais cauteloso ao recusar–se a apontar qualquer possibilidade de alianças futuras e a fazê–las depender dos «comportamentos e dos resultados» dos diversos partidos. De qualquer forma compromete–se a «lutar para que o país possa vir a ter um Governo com apoio maioritário no Parlamento» até porque reconhece que um Executivo sem esse apoio terá «grandes dificuldades». Torna–se evidente que o parceiro a privilegiar é o CDS, pelo que não são de estranhar as palavras endereçadas a este partido: «Teve algumas posições que nós consideramos de crítica construtiva à actuação do Governo».

Para os socialistas alguns remoques: que o PSD não fará cartazes a pedir os 43% (alusão à anterior campanha eleitoral), que se usar a figura de Mário Soares revela «insegurança» e que a inclusão de independentes nas suas listas «ao contrário de outros» não implicou quaisquer acordos.

Acertar o passo

Na presença dos seus principais candidatos, Cavaco Silva mostra–se «bastante satisfeito» com o elenco escolhido para as diversas listas. Sublinha a «diferença» que marcou a sua elaboração — «sem polémicas, e muito menos sem guerras públicas»; chama a atenção para os cinco independentes que as integram, saídos sobretudo do ex–Masp e da chamada esquerda liberal (Nuno Delarue, Gilberto Madail, José Pacheco Pereira e Manuel Villaverde Cabral) e ainda José Manuel Casqueiro, da CAP; para a representação «reforçada» da juventude e para a presença de dirigentes sindicais; afirma pretender um «Parlamento que acerte o passo pelo país».

Quanto ao Parlamento Europeu, disse o líder do PSD que «foi preocupação do seu partido apresentar candidatos com larga informação sobre assuntos da Europa comunitária e que simultâneamente representassem todas as regiões do nosso país».

Macau

Soares confirmou demissão de Joaquim Pinto Machado

O Presidente da República comunicou para Macau, no passado sábado, dia 30, a aceitação do pedido de demissão do Governador daquele território, Pinto Machado, ou seja, no mesmo dia em que a notícia foi conhecida em Lisboa. A exoneração deverá agira ser publicada na folha oficial.

Seguir–se-à o processo de nomeação de um novo Governador, o qual, nos termos do Estatuto Orgânico de Macau, obriga a uma consulta prévia aos representantes da população do território, designadamente através da Assembleia Legislativa local.

Não estão ainda estabelecidos prazos para esta consulta que deverá ser feita por uma ou mais personalidades escolhidas por Belém. Aquando da nomeação de Pinto Machado deslocaram–se a Macau, com esse objectivo, Gomes Mota, Sá Machado e Correia Gago.

É provável que a substituição de Pinto Machado não se efectue antes de Setembro/Outubro, sendo dado como quase certo que Carlos Monjardino desempenhará as funções de encarregado do Governo durante esse período.

O mandato de Pinto de Machado caracterizou–se por forte estabilidade política, designadamente com membros do seus Governo designados como «homens do Presidente»: Carlos Monjardino e António Vitorino.

Questões como as do fundo de pensões e da formação da Fundação Oriente originaram confrontos políticos que por mais de uma vez levaram Pinto Machado a considerar a hipótese de se demitir.

O diferendo suscitadao ultimamente em torno da Teledifusão de Macau, onde Nuno Delerue — que entretanto se demitiu para se candidato a deputado pelo PSD — pretendia punir alguns elementos contra a opinião do presidente da TDM, António Ribeiro — figura considerada como próxima de Carlos Monjardino — terá desencadeado esta crise.

Aspectos visíveis da mesma passam pela aceitação da demissão de Delerue por Mário Soares na ausência de Pinto Machado, que só tomou conhecimento do caso ao regressar a Macau e sem informação directa de Belém. Vinte e quatro hora depois de «incidente», o Governador apresentava, por sua vez, a demissão invocando motivos de «dignidade pessoal».

Aquilo que em alguns meios locais é classificado como «o estilo invisível» de Pinto Machado, o que parece significar a falta de intervenção real do Governo, provocou, segundo fontes macaenses, graves problemas, bem como tentativas sus e dos seus apoiantes de aplicar àquele território uma política que não tem em conta a realidade social ali vigente.

Neste campo, terá sido particularmente conflituosa a acção de Delerue que chefiava o sector dos Assuntos Sociais. Delerue tentou aplicar a Macau normas laborais e assistenciais que entravam em colisão com grandes interesses económicos da região.

Conselho de Redacção da RTP denuncia limitações a debates pré-eleitorais

O Conselho de Redacção da RTP considerou que a directiva do Conselho de Comunicação Social sobre a actuação dos órgãos de informação do sector público durante a campanha eleitoral como uma limitação à actividade dos jornalistas.

Segundo um comunicado do CR da RTP, a que a Lusa teve acesso, a directiva «inviabiliza a organização de debates neste período pré-eleitoral».

É «materialmente impossível e jornalisticamente discutível assegurar nos programas da Direcção de Informação, à excepção dos noticiários, igualdade de oportunidade para todas as forças políticas que se propõem concorrer às eleições» — considera aquele CR.

O Conselho de Redacção lamenta que, «no seu conjunto», a directiva do CCS «limite objectivamente o exercício da actividade dos jornalistas dos órgãos de Comunicação Social do Estado — e, em particular, dos da RTP».

A directiva 2/87 do CCS indicava aos jornalistas dos órgãos de informação pertencentes ao Estado como deveriam proceder desde a emissão do documento até às eleições de 19 de Julho.

A decisão do órgão presidido por Artur Portela Filho levou a RTP a desistir de organizar debates ou entrevistas com dirigentes políticos.

Fundadores da APRIL entre os candidatos

N.º 2 da UDP é cabeça da lista pelo Porto

Mais de um terço dos candidatos da UDP pelo círculo eleitoral do Porto agrupa dirigentes, delegados e activistas sindicais e membros de comissões de trabalhadores de empresas como Efacec, EDP, Sepsa, Siderurgia, Companhia do Cobre, Eurofer, Electro Cerâmica, Têxtil Artificial do Poto, Sociedade de Construções W. Graham, Centro Regional de Segurança Social e Petrogal, assim como sectores de actividade como a banca e os seguros, além do ensino e da agricultura. A média de idades é de 38 anos. As mulheres representam 20 por cento e estão colocadas até ao 13.º lugar.

A candidatura da UDP pelo Porto, à cabeça da qual está o n.º 2, Carlos Marques, é constituída por operários, trabalhadores, intelectuais e técnicos de diversas áreas com «provas dadas de dedicação aos interesses populares antes e após o 25 de Abril» diz o mandatário da lista, José Machado de Castro.

Eis os primeiros 15 dos 39 candidatos da União Democrática Popular pelo círculo do Porto:

Carlos Marques, 28 anos, jornalista (do Secretariado do Conselho Nacional da UDP); José Machado e Castro, 38 anos, trabalhador de seguros, delegado sindical, membro do CN; Rui Nóvoa, 26 anos, metalúrgico, delegado sindical e membro da CN da UDP; Maria Fernanda Costa, 32 anos, professora, dirigente sindical, do Secretariado Regional da UMAR; Eduardo Valdez, 37 anos, empregado administrativo, dirigente sindical; Eduardo Frias Costa, 33 anos, empregado comercial, da Comissão da APRIL; Manuel Solla, 29 anos, metalúrgico; Valdemar Abreu, 48 anos, agricultor, do CN da UDP; Domingos Soares, 44 anos, deficiente das FFAA, da CM de Aldoar; Manuel Cerqueira Pinto, 30 anos, trabalhador-estudante; Teresa Pacheco, 35 anos, engenheira; Luís Silva, 50 anos, electricista, membro de CT; Ana Guedes, 36 anos, técnica de telecomunicações; Luís Sequeira, 42 anos, funcionário público, membro de CT; e Silvestre Pereira, 32 anos, trabalhador de seguros.

De realçar o facto da lista da UDP ser a que, entre as que concorrem pelo Porto, ser a que maior número de fundadores da APRIL tem entre os seus candidatos.

PC (R) apoia listas da UDP

O PCP(R) poderá desistir de ir às urnas em favor da UDP nos círculos em que este partido concorre isolado. A informação foi dada ontem pelo dirigente do PC(R) Alcidio Torres, afirmando que «o objectivo prioritário» do seu partido «é a criação de um forte grupo parlamentar da UDP».

Alcidio Torres falava numa conferência de imprensa para apresentação dos candidatos pelo distrito de Setúbal. O PC(R) apresentou candidaturas em quase todos os círculos, excepção feita a Lisboa, Porto e nas Regiões Autónomas, nos quais decidiu desde o início apoiar as listas da UDP.

ENSINO SECUNDÁRIO

CURSO GERAL

- UNIFICADO (7.º, 8.º e 9.º Anos)
- PLANOS PRÓPRIOS (2 Anos lectivos)
- NOCTURNO — Intensivo

O Curso Geral de planos próprios pode ser frequentado em regime de **UNIDADES CAPITALIZÁVEIS**, regime especialmente concebido para alunos com **condições particulares** de aprendizagem.

CURSO COMPLEMENTAR

- 10.º ANO (Área A, C e D)
- 12.º ANO (1.º, 2.º, 3.º e 4.º Cursos) com reforço de preparação tendo em vista as condições de acesso ao ENSINO SUPERIOR
- NOCTURNO — Intensivo

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES NAS SECRETARIAS

EXTERNATOS

MARQUÊS DE POMBAL
RUA MORAIS SOARES, 93 (CHILE)
TELEF. 83 46 58/83 14 16

ÁLVARES CABRAL
AV. GRÃO VASCO, 1 (BENFICA)
TELEF. 70 69 74/70 67 51

DIRIGENTES DO PRD EXPLICAM SUBSTITUIÇÃO DE NOMES NAS LISTAS DE CANDIDATOS

O dirigente nacional do PRD Ivo de Pinho esclareceu ontem a razão pela qual o seu partido decidiu optar pela inclusão do seu nome à frente da lista por Aveiro, em detrimento do deputado Corujo Lopes que fora, nas anteriores eleições, o número um por aquele círculo eleitoral.

Recorde-se, a propósito, que a concelhia de Aveiro se demitiu em bloco como forma de protesto pela alteração de nomes. De acordo com o «Jornal de Notícias», Ivo de Pinho terá afirmado que «não é necessário ser natural de um distrito para se fazer um bom trabalho» e que «os interesses pessoais devem ser sacrificados aos interesses partidários».

«O círculo de Aveiro é importante não só em termos qualitativos como quantitativos e, por isso mesmo, entendi colocar-me à disposição do partido», acrescentou o mesmo dirigente, citado pelo «JN». Numa clara alusão a Corujo Lopes e aos restantes membros da concelhia de Aveiro que se demitiram, Ivo de Pinho terá afirmado que «quem não entender assim, não deve estar no nosso projecto».

Disse também - de acordo com o mesmo matutino - que «a Comissão Directiva Nacional entendeu que era vantajoso para o partido distribuir figuras de relevo nacionais por outros distritos, em vez de optar pela sua concentração em Lisboa». Ivo de Pinho considerou, de resto, que «ele próprio poderia ser eleito por Lisboa, onde nasceu e trabalha, mas que se prontificou a aceitar o conviute da comissão directiva para encabeçar a lista por Aveiro, pela sua experiência profissional nos domínios da política industrial e económica, em que poderá ser muito útil àquele distrito». («JN»).

O dirigente do PRD, que elogiou o «excelente trabalho» de Corujo Lopes na Assembleia da República, recordou que essa circunstância «não lhe dá o direito de ser o número um da lista» por Aveiro.

Eanes comenta

Comentando as polémicas verificadas em várias distritais por desacordos sobre a formação das listas, Eanes disse que o «PRD prometeu ser diferente, mas infelizmente nesse aspecto foi relativamente semelhante aos outros partidos». Falando na apresentação dos candidatos a deputados por Lisboa, lista que ele próprio encabeça, o líder renovador afirmou esperar da votação de 19 de Julho «um resultado sensivelmente semelhante ao anterior, talvez ligeiramente superior». «O PRD admite também a hipótese de liderar a área do centro-esquerda, e se essa bater a direita, a de apresentar um Governo ao presidente da República».

Ramalho Eanes disse ainda que não está a admitir a hipótese de uma coligação com o PSD, no entanto, acrescentou, «a porta não está fechada à chave». A lista de Lisboa integra, entre outros, os nomes de Correia Gago, Natália Correia, Vasco da Gama Fernandes, Magalhães Mota, Carlos Lilaia e Miguel Galvão Teles. Segundo Eanes, o PRD promete uma campanha «pela positiva», «sem ataques mesquinhos, difamação pessoal ou outras formas de quinquilharia política».

Gonçalves Ramos desmente intervenção

O comendador António Gonçalves Ramos, numa carta que dirigiu ao «JN», desmente qualquer intervenção pessoal no processo de escolha dos candidatos a deputados pelo PRD. Afirma aliás que não é militante do partido, embora seja «sobejamente conhecida» a sua «admiração e amizade para com o seu presidente, general Ramalho Eanes. Nega também que a sua pessoa seja «motivo de discórdia e... elemento perturbador do ambiente dos renovadores», e, afirma, que o seu genro, Osvaldo de Agiar, «é candidato a deputado por indicação dos órgãos do partido, do qual é militante, e não por qualquer pedido ou interferência» da sua parte. Garante finalmente que não participu em qualquer reunião para «analisar a decisão» de Maria da Glória Padrão.

Pela primeira vez

PPM concorre às eleições em todos os círculos

As listas de candidatura do PPM às próximas eleições gerais integram 21 por cento de independentes, revelaram ontem dirgentes da organização que pela primeira vez concorre em todos os círculos eleitorais. Desses independentes, dois são cabeças de lista, acrescentou Ribeiro Teles durante uma conferência de imprensa para apresentação dos candidatos do partido.

O mesmo dirigente apontou a amplitude da candidatura popular-monárquica como sinal da «vitalidade e crescimento» da organização, atributos que relacionou - segundo a agência Lusa - «com a singularidade da perspectiva do seu partido».

Essa perspectiva, nas suas palavras, privilegia a defesa da cultura portuguesa e a sua afirmação no contexto internacional, sendo ela, mais do que uma expansão do ideal monárquico, o factor de crescimento do PPM, expresso, como foi lembrado, nas últimas eleições autárquicas. De acordo com o popular-monárquico Luis Coimbra, a campanha promovida então em Lisboa durante nove dias e com um investimento de apenas 400 contos, deu uma votação superior a 5 por cento.

Apresentando as listas do PPM, os dirigentes do partido salientaram que a idade média dos candidatos é de 42 anos e 18 por cento mulheres.

Registo no Tribunal Constitucional

CDU VAI SER COLIGAÇÃO PERMANENTE COM INTERVENÇÃO NAS AUTÁRQUICAS

Assumindo-se como «projecto estável de intervenção na vida política do País», a Coligação Democrática Unitária(CDU), registou-se ontem, no Tribunal Constitucional, como «coligação permanente de partidos», com a actual sigla e símbolos.

Tal decisão permitirá, desde logo, a participação da CDU em próximas eleições suplementares para orgãos autárquicos e a intervenção como tal nas autarquias e «noutros planos da vida do país», refere uma nota da coligação. A nota acrescenta serem objectivos, âmbito e finalidade da CDU, «intervir em todos os domínios da vida pública do País(designadamente a nível nacional, regional e local), por forma a suscitar e possibilitar a actuação convergente de forças e personalidades democráticas(incluíndo independentes) empenhadas numa acção unitária com vista à realização e concretização dos ideais de Abril e da Constituição da República».

Açores e Madeira

Em Angra do Heroísmo, o cabeça de lista da CDU pelos Açores, José Decq Mota, sublinhou ser objectivo da coligação a eleição, pela primeira vez, de um deputado pela região ao parlamento nacional.«A única novidade que pode resultar destas eleições com repercussões na transformação futura da situação nos Açores é a eleição de um deputado da CDU», afirmou Decq Mota, que é deputado regional.

O candidato considerou ser de «grande importância para a Região» que o PSD deixe de ter mais de 50 por centos dos votos nos Açores e que a CDU eleja um deputado.

No Funchal, teve lugar, ontem, uma sessão pública de apresentação dos candidatos da CDU, presidida por Blanqui Teixeira, membro da Comissão Política do PCP. O dirigente comunista salientou a importância de uma forte votação da CDU para a formação de um Governo democrático de alternativa ao PSD de Cavaco, para acrescentar que o crescimento eleitoral daquela coligação terá de basear-se nos «trabalhadores que erradamente votaram nos partidos de direita, nos que votaram PS mas verificam que as suas propostas apontam para um entendimento com a direita e na cooptação do eleitorado que se deslocou para o PRD por pensar que este partido defenderia uma atitude clara e firme em relação aos partidos de direita».

Entretanto, no comício da passada noite de domingo, em Setúbal, com a presença de Álvaro Cunhal e da deputada de «Os Verdes», Maria Santos, nº 2 da lista CDU pelo distrito, a jovem candidata, Paula Coelho prometeu uma campanha de denúncia da política de juventude do Executivo de Cavaco. «Agora não faltarão rebuçados para os jovens. Mas rebuçados não matam a fome...», disse Paula Coelho.

Encontro com artistas

Constâncio revela "pequeno segredo"

Vítor Constâncio revelou um dos seus «pequenos segredos»: uma breve passagem pelo teatro, como actor, contracenando durante três meses com Rui Mendes, Canto e Castro e José Viana. Tinha então 13 anos de idade e actuou no Teatro do Gerifalto na peça «A ilha do Tesouro».

A revelação surgiu durante um jantar com artistas, no Parque Mayer, ocasião aproveitada pelo actual líder do Partidos Socialista para tecer algumas considerações sobre a situação da cultura em Portugal.

«A cultura é um modo de vida, está ligada à transformação social», razão porque, sustentou, os seus agente devem ser apoiados e estimulados.

Constâncio sublinhou que «a cultura escrita portuguesa é das mais ricas do mundo», mas está subestimada, mesmo no espaço político de expressão portuguesa onde carece de estímulo.

A este propósito destacou que «tem falhado a política de cooperação cultural com os países de expressão portuguesa». «Aquilo que está no Orçamento», dedicado à cooperação, é insuficiente, adiantando que «pode ser multiplicado algumas vezes».

Para o líder do PS, embora «Portugal não tenha capacidade de penetração nesses países do ponto de vista económico», os laços de Portugal com as suas antigas colónias podem ser mantidos pela «presença da língua e da cultura», apontando: «Temos muitas lições a colher de França».

Adriano Moreira na Guarda

Há novos pobres em Portugal

O presidente do CDS, Adriano Moreira, declarou ontem na Guarda que «as estatísticas não exprimem as dificuldades da vida dos portugueses».

O líder do CDS disse que existem actualmente em Portugal «os novos pobres, uma classe média que vai perdendo o estatuto, enquanto se agravam as assimetrias da sociedade civil».

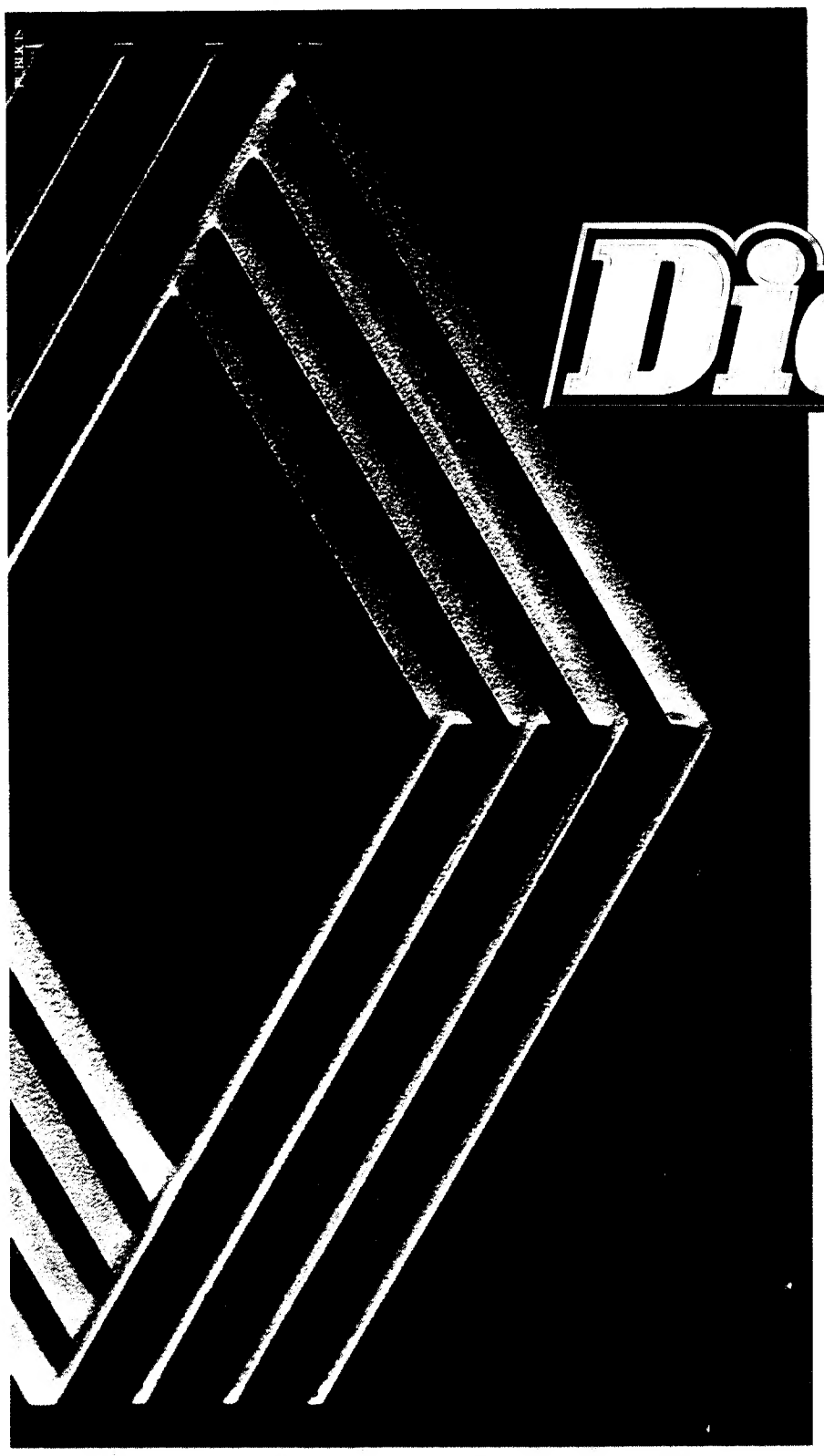
Adriano Moreira considerou Portugal «um Estado burocratizado» onde a melhoria na área económica só é possível com a reanimação das actividades privadas, reanimação à qual — no seu entender — o sistema político existente tem sido um entrave.

Quanto às eleições de 19 de Julho, o presidente do CDS manifestou confiança num aumento de votos neste partido, como forma de travar caminho à esquerda.

«Só haverá uma melhoria qualitativa na Assembleia da República se o CDS tiver uma representação forte» — disse Moreira, que no entanto se queixou de dificuldades de comunicação entre o seu partido e o eleitorado, «devido à ausência de grandes máquinas de comunicação».

Por outro lado, defendeu para os jornalistas o estatuto de profissão liberal, de modo a que possam actuar «com inteira independência e não condicionados pelo poder».

Como ontem noticiámos, Adriano Moreira esteve na Guarda para orientar um encontro de autarcas do CDS.



RENAULT

a liberdade de escolher

Diesel

Liberdade de escolher de entre a mais vasta gama de automóveis ligeiros **diesel** do mercado.
Liberdade de escolher veículos **diesel** tecnologicamente muito avançados, de consumo baixo e performances elevadas.
Liberdade de escolher a viatura **diesel** mais adequada, em tudo idêntica no conforto e segurança aos modelos a gasolina.
Liberdade de escolher automóveis **diesel** potentes, robustos e silenciosos.
Liberdade de escolher um **diesel Renault.**
Liberdade de escolher a liberdade.

Crédito RENAULT
As melhores condições de compra.

Renault Supercinco TD/GTD
Diesel

Renault 9 GTD
Diesel

Renault 11 GTD
Diesel

Renault 21 GTD e Turbo DX
Diesel

Renault 21 Nevada Turbo D
Diesel

Renault 25 Turbo DX
Diesel

Terapêutica da hipnose defendida em Coimbra

Médicos e docentes universitários defenderam em Coimbra a inclusão de uma cadeira de hipnose nos cursos de Psicologia e Medicina.

A proposta foi apresentada no encerramento de um curso particular sobre a disciplina ministrado pelo professor de matemática Eugénio Monteiro, do Instituto Superior de Engenharia de Coimbra.

Há dez anos que este professor chama a atenção para as aplicações terapêuticas da hipnose que, na sua opinião, se for praticada com rigor científico, ajuda a curar várias doenças.

Eugénio Monteiro está a preparar um livro sobre o assunto e ministrou já 16 cursos sobre auto e heterohipnose no Porto e em Coimbra.

Muitos dos participantes ficaram entusiasmados e um grupo de médicos vai abrir em breve em Coimbra a primeira clínica hipnológica do País.

Eugénio Monteiro declarou à Lusa que muitos médicos recorrem à hipnose, embora lhes dêem outros nomes, como «relaxamento» e «training de Shultz», «talvez receosos de serem confundidos com o vulgar hipnotizador de circo que é, a meu ver, um criminoso psíquico», comentou.

Novo regime de pessoal não docente das escolas

Pôr termo às «gravíssimas perturbações» é o objectivo do novo regime do pessoal não docente das escolas oficiais não universitárias, publicado no «Diário da República».

Entre as falhas existentes neste sector e apontadas na introdução do Decreto-Lei contam-se a dispersão do regime jurídico por vários diplomas legais, não actualizados de acordo com a evolução do ordenamento da função pública nos últimos anos; rarefação dos efectivos «que procuram noutras áreas departamentais melhores respostas aos seus naturais anseios de realização profissional»; ausência de carreiras específicas adaptadas às funções daquele pessoal; e «pulverização de quadros por escola, sem a necessária flexibilização para acompanhar as variações anuais da população escolar, o que ocasiona gravíssimas perturbações sempre que há movimentação resultante de concursos».

A actual gestão, «fortemente centralizada», dos recursos humanos e a ausência de estruturas desconcentradas são outras lacunas que o Decreto-Lei aponta.

O diploma quantifica por distrito e por profissões os quadros existentes para pessoal não docente. Estas dotações de pessoal deverão ser actualizadas anualmente.

'Ares do Pinhal' — Uma experiência de reintegração social

EX-TOXICÓMANOS ESTÃO A MUDAR MAÇÃO

Rui Eduardo Paes

CONCELHO curioso, o de Mação. Pertencendo ao distrito de Santarém, à província da Beira Baixa e diocese de Portalegre, casas há que têm a sala de jantar de um lado e o quarto noutro. Condição que faz com que aí se concentre um basto número de diferenças, que lado a lado vão vivendo mais à vontade que noutras regiões do País.

E tanto é assim que bem lá no cimo da serra, entre quilómetros de pinhal, uma pequena aldeia individualizada em características que são só suas, a Aldeia de Eiras, recebeu de braços abertos há coisa de ano e meio um grupo de gente que noutros lugares causaria certamente um pé-devento: os primeiros de doze jovens que, inseridos numa comunidade de reintegração social a que baptizaram de 'Ares do Pinhal', estão a lutar contra uma dependência — a que provoca a heroína.

A pacífica e proveitosa inserção que todos eles fizeram em meio rural não deixou de nos chamar a atenção, e fomos até lá acima para vermos como é. De facto, jovens em terapia e aldeãos têm-se relacionado numa estreita convivência e chegam a colaborar nas tarefas do campo.

Se da parte dos rapazes e raparigas da 'Ares do Pinhal' assim é vivida a vontade de comunicarem com os outros e tornarem-se úteis, reencontrando o seu próprio equilíbrio interior, pelo lado dos agricultores da Aldeia de Eiras o comportamento averiguado é um tanto incompreensível.

Esperar-se-iam preconceitos, temores, algum distanciamento, críticas, oposições, desconfiança. Mas nada disso aconteceu, antes se verificando o contrário. Como explicá-lo? Jorge Silva, coordenador local da comunidade, diz-nos ser aquela uma população «muito especial», o que várias pessoas na vila de Mação, mais abaixo na serra, nos confirmaram.

O povo da Aldeia de Eiras tem geralmente de 45/50 anos para diante, e será isso talvez o que explica a atitude que não podem evitar e até lhes é natural: um certo paternalismo nas suas relações com o grupo que ali tenta a desintoxição ao mesmo tempo que redescobre o prazer da vida no trabalho e no lazer e, com incidência muito forte em termos de terapia social, na amizade e solidariedade que mantêm entre si.

«Damos-lhes carinhos»

Um paternalismo que não pesa e é bem aceite, tal a candura com que se reveste. Duas das mulheres da aldeia preparam-lhes todos os dias a comida. Explicanos uma, a D. Maria Emília, que faz serviço na 'Ares do Pinhal' para lhes prestar auxílio.

E fala-nos assim: «Eles são para nós como uma família. A gente trata-os como vizinho, damos-lhes muitos carinhos. Se têm quaisquer necessidades sabem já que temos a porta sempre aberta. E não gostamos nada, aqui na terra, quando tomamos conhecimento de que um deles voltou a cair no mesmo. São boas pessoas, pronto — respeitam-nos e nós respeitamo-los a eles, não é como em Lisboa, pode-se morrer mesmo ao lado que ninguém liga.»

A outra senhora, D. Maria José Inácio, julga este tipo de iniciativas de ajuda a dependentes de drogas uma «coisa boa para a humanidade». E acrescenta logo de seguida: «São pessoas humanas como nós, não é? E a coisa que os trouxe para aqui não se pega, só pega a quem a toma. Claro que têm fases, coitados, mas compreendo-os e eles compreendem-nos a nós, a mim até chamam de mãe. Tenho filhos e netos e não gostava que lhes acontecesse o mesmo.»

Ricardo Paulo é agricultor e proprietário. Fornecedor também de leite fresco à comunidade, partilha do mesmo espírito receptivo: «Aceito isto, mas preferia que ninguém precisasse desse género de tratamento. Mas olhe, atravessamos esta época! Certa vez uma das raparigas até me disse que se não fosse o futuro a droga seria boa, veja lá!»

Mas o nosso interlocutor admira-lhes o empenho em abandonar de vez a droga. «Se não fosse a vontade deles nem paravam aqui», diz. À parte isso, o que parece agradar-lhe particularmente é o trabalho dos jovens com a enxada, juntamente consigo e com os outros agricultores da Aldeia de Eiras. Foram todos para o batatal, e se no pedaço reservado à comunidade as batatas ficaram feias, devido à inexperiência, Ricardo Paulo lá arranja um dito que os desculpa — «Como se costuma dizer, as batatas são bastas mas no prato».

Outro aldeão, Adriano Delgado de nome, é o dono da tasca e o seu melhor cliente, e pelo que pudemos saber muitos problemas tem criado aos monitores da «Ares de Pinhal», já que a sua bonomia se traduz em oferecer de beber aos ex-dependentes. Um copo a mais, ele não o sabe, pode ser um factor de recaída. «Tenho pena deles», justifica-se o tasqueiro. «São uma boa malta, é o que é. Nunca nos fizeram mal.»

É no cafezinho local, onde os jovens vão sempre após as refeições aí jogando e conversando com os velhotes do povoado, que o véu é levantado um pouco mais. Isabel e José Carlos, o casal trintão que o governa, contam-nos finalmente porque é que a Aldeia de Eiras é assim tão especial: «As pessoas daqui preocuparam-se em mandar os filhos para a escola e até conseguiram que tirassem cursos. É gente com alguma cultura, e gostam de ler. Já não se passa nada disto nas aldeias aqui à volta.»

«Por isso — acrescentaram ao «DL» — é que não houve preconceitos nenhuns quando vieram para cá os rapazes. Só curiosidade, ao princípio.» Jorge Silva corroborou-nos a afirmação. Engenheiro zootécnico, ele é um «filho» da aldeia, ali vive a sua mãe e dali não saiu: é um exemplo vivo do esforço de um conjunto de 70 pessoas em ser mais do que foram noutras gerações.

O sonho desses velhos agricultores realizou-se com um preço o abandono da terra pela maior parte dos mais jovens, que preferiram instalar-se nos centros urbanos. Muito poucos, de facto, optaram como fez Jorge Silva. O Zé Maria, um dos toxicómanos em recuperação na 'Ares do Pinhal', mecânico de automóveis, apreciador das músicas de Billy Bragg e Duruti Column e antigo viajeiro pela Europa, descobre neste particular uma explicação para o bom relacionamento existente entre os dois diferentes tipos de habitantes na aldeia.

«É que nós tornámo-nos na juventude daqui», diz-nos ele. «Só há na aldeia mais quatro miúdas, para além de nós. Até foi natural que eles nos quisessem dar a mão.» Pode-se inclusivamente afirmar que a presença destes doze ex-dependentes está a rejuvenescer a aldeia. E não se esperaria outra coisa, pois como nos contam no café, «a juventude foi sempre aqui o motor do desenvolvimento».

«Não parece nada»

Mas não se pense que tal acontece apenas na aldeia. Também na vila de Mação, sede do concelho, a comunidade 'Ares do Pinhal' marca a sua existência, e de diversas maneiras. É José Luís Gonçalves, animador cultural por parte da Câmara e amigo pessoal de alguns dos residentes naquele centro de reintegração, quem nos fala sobre o modo como se vêm integrando e qual o olhar que a vila sobre eles deposita.

«As pessoas só estranharam ao princípio, mas depois houve uma grande aceitação. Acima de tudo acho que contou a maneira como eles se apresentaram, tentando captar simpatias. E conseguiram-no realmente, porque aqui aceitam-se bem as pessoas de fora. Rapidamente cada um dos rapazes deixou de ser fulano que veio para cá em determinada circunstâncias para ser como qualquer outro jovem de Mação», elucida-nos aquele responsável.

«O quê? Ele também é da comunidade?», pergunta-se por vezes na vila, ao saber-se que alguém é da 'Ares do Pinhal'. «Mas não parece nada», concluem invariavelmente os que descobrem que já não tem importância. O padre, registe-se, tem desmistificado nas suas homílias a figura do drogado. De parte da juventude da vila os contactos são naturais, sem romantismos nem desconfianças. «Os que fumam charros — confiam-nos — têm o bom senso de se afastarem para longe da presença deles. E é um gesto bonito.»

A integração na própria vila é tão pronunciada que vários dos rapazes e raparigas da comunidade desenvolvem actividades de utilidade pública em Mação. Um casal trabalha no arquivo fotográfico do Museu local. Outro rapaz dedica-se ao levantamento da fauna da região, também para o Museu. Um terceiro está a fazer um estudo da arqueologia industrial do concelho, sobretudo no que respeita às velhas fábricas de cera.

À hora da refeição, o sentido comunitário

Integração nas tarefas rurais

A actividade como terapia

Solidariedade, e até amor

Destacamos, no entanto, o caso do Jorge, actualmente empregado no único bar com música ali aberto. Profissão de risco, certamente, mas que soube assumir, e de tal modo que é em Mação e não na 'Ares do Pinhal' que ele dorme. E mais: o Jorge tem uma namorada que conheceu nas suas andanças pela vila, uma jovem professora secundária.

Conversámos com João Catarino, o proprietário do Rua Nova Bar, que confirmou ao «DL» ter decidido por sua própria iniciativa o convite feito a Jorge: «Pesei tudo, e não há dúvida que foi uma aposta minha nele. Sabia perfeitamente que podia levar-me o dinheiro todo, para gastar em heroína, mas ei-lo aí: é um bom elemento, se bem acompanhado. Alguns clientes até se espantam.»

Nem tudo é um mar de rosas, claro, e o Jorge conta-nos uma história esclarecedora: «O tipo já estava com uma bebedeira enorme em cima e começou a criar problemas. Tentei convencê-lo a ir para casa mas voltou-se contra mim — 'Seu drogado!'

Só sei que nos dias seguintes falou-me com tamanha delicadeza que até parecia mentira. É assim.»

Uma questão de mentalidades, como o leitor vê. Mas também nesse terreno os moradores da 'Ares do Pinhal' fazem-se sentir. Ou ouvir, neste caso: alguns entre eles têm um programa na Rádio Voz de Mação, «Xura-d'Eiras nu-Éter». Dedica-se esse espaço à análise crítica social, focando factos eminentemente locais. Matéria perigosa, sem dúvida, e eles não evitam colocar o dedo nas feridas.

Norberto, um dos principais responsáveis daquela estação de rádio, também ele um jovem, é peremptório quando nos afirma, preto no branco, que «ninguém daqui teria tomates para fazer o que eles fazem». E continua: «As pessoas revoltam-se, mas é importante que se diga o que aquele pessoal diz. Vieram acrescentar algo mais à rádio. O programa deles abana a população e destrói o mito que anda à volta dos toxicómanos.»

«Xura-d' Eiras-nu-Éter» inclui um «correio sentimental» que tem feito furor. Há tempos uma ouvinte escreveu uma carta na qual confessava que ela e o marido se tinham desinteressado das relações sexuais vulgares, e que agora apenas mantinham o sexo anal. Perguntava ela se ainda assim não deveria tomar a pílula, não fosse acontecer o imprevisto.

A carta foi respondida, e diz-nos Norberto: «Falam-se de coisas no programa que ainda são tabus mas que eles tratam de uma maneira tão natural que não choca. É preciso motivar esta população para uma transformação salutar, e a malta da 'Ares do Pinhal' está a fazê-lo.»

Estreia em criança de seis anos

ENXERTOS DE MEDULA: PRIMEIRA OPERAÇÃO FEITA EM PORTUGAL

Mais um êxito da medicina portuguesa embora com a ressalva de o «Know how» ser de importação: o primeiro enxerto de medula, por transplantação, foi ontem concretizado no Instituto Português de Oncologia, em Lisboa. Autor deste «nosso» milagre»: o médico Manuel Abecasis.

Quanto ao paciente, trata-se de uma crianca de seis anos, residente no Norte do país, que era portador de doença até agora tratável por este método de «transplantação de medula». O dador foi um seu irmão mais velho.

Esta delicada intervenção só se efectuava, até agora, no estrangeiro, sendo numerosos os doentes que se deslocavam propositadamente a Londres, entre outros locais, com elevados custos (particulares e da Segurança Social).

Aliás, o médico que concretizou a intervenção cirúrgica em causa, estagiou exactamente em Londres com o objectivo de ali aperfeiçoar a técnica indispensável para agora poder actuar autonomamente mo Instituto Português de Oncologia.

Trata-se de uma técnica complicada que exige diversas operações prévias no sentido de retirar ao paciente todas as defesas imunológicas, passando pela destruição da flora intestinal, por exemplo, para evitar a existência de microrganismos porventura desencadeadores de «infecções oportunistas» num organismo entretanto tronado indefeso.

Realizado o transplante, por injecção de um enxerto de medula do dador na do doente, este terá de continuar, até se normalizar o seu estado, num ambiente de rigorosa assepsia.

Foi o que se passou com a crianca agora tratada no IPO, que depois de efectuado o transplante terá de permanecer por um prazo de 45 dias num quarto espceailmente concebido para a protecção indispensável.

É assim que, de momento, as entradas no quarto onde se encontra este doente são alvo de precauções especiais de desinfecção. A sala, assinale-se a título de curiosidade, mede dois por quatro metros e é objecto de permanentes análises bacteriológicas.

A crianca está protegida dos visitantes por uma parede de vidro e o contacto faz-se apenas por intermédio de um intercomunicador. Nesse mesmo sentido, a própria comida fornecida é previamente esterilizada em autoclaves.

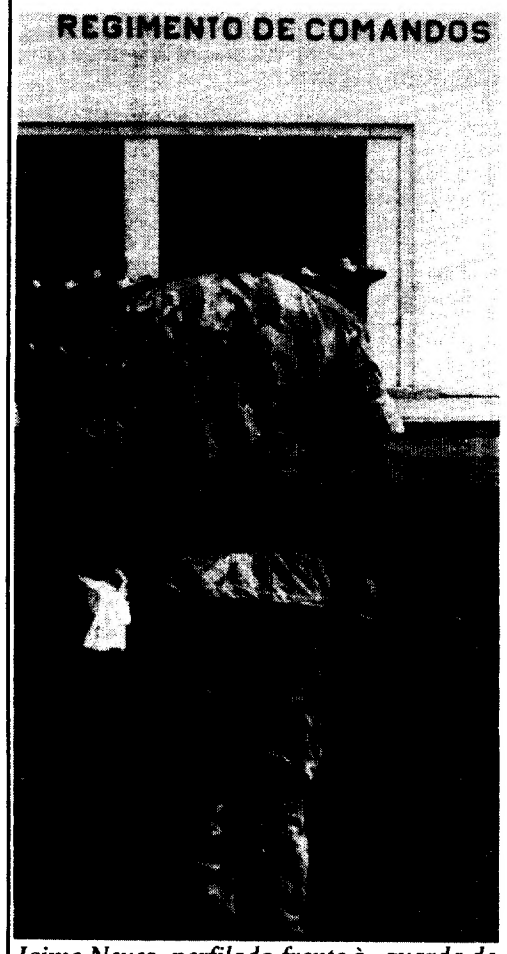
Por outro lado, o facto de a medula transplantada ter sido extraída de um irmão resulta da necessidade de o dador ser geneticamente próximo do doente para minimizar fenómenos de rejeição.

O julgamento dos "Comandos" em Santa Clara

QUANDO TUDO PARECE RESUMIR-SE À "BOINA VERMELHA" DO ALFERES BAPTISTA

Manuel Geraldo

Doze anos decorridos sobre o evento (tentativa de afastamento do coronel Jaime Neves da liderança da unidade em 30 de Julho de 1975), o julgamento, em repetição, dos 20 ex-militares do Regimento de Comandos da Amadora, que ontem à tarde prosseguiu em Santa Clara, parece estar reduzido ao direito de um dos réus, alferes Baptista, poder usar ou não «boina vermelha», tal a preocupação demonstrada neste aspecto pelo controverso promotor de Justiça do 2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa (2.º TMT), coronel de Cavalaria Mário Cabedo.



Jaime Neves, perfilado frente à «guarda de honra», no seu regresso à unidade após os acontecimentos de 30 de Julho de 1975

«Mas porque é que o alferes Baptista tem ainda a boina vermelha dos Comandos?», questionou o coronel Cabedo ao antigo 2.º comandante da unidade, coronel Lobato Faria, que acabaria por não responder dada a intervenção de um dos advogados de defesa, dr. Loff Barreto, para verberar a forma algo tendenciosa e nada «jurídica» como o promotor de Justiça vem pautando a sua presença em tribunal.

Aliás (recorde-se), tinha sido já o coronel Cabedo, que nesta repetição de julgamento substituiu o coronel Nuno Vilares Cepeda, quem gerara alguma estupefacção na sessão anterior, quando dirigindo-se a Jaime Neves, parafraseou Artur Agostinho que, num livro sobre o Verão Quente de 1975, esceveu que, nessa altura, «uns ficavam de fora (em liberdade) e outros iam dentro (para a cadeia)». Afirmou a propósito o coronel Cabedo: «Eu fui dos que foram dentro, e se calhar o meu coronel também foi!...»

Ontem, Mário Cabedo, figura dos meios hípicos, confessaria em Santa Clara não ter «qualquer formação jurídica», facto que estará sem dúvida na origem do seu interesse por pormenores de certo modo marginais ao processo, como o da «boina vermelha» do alferes Baptista, o único dos réus ainda no activo, após a morte do 1.º sargento Branca e da passagem à reserva do capitão Patrocínio.

Controvérsia em torno da NATO

Mas a sessão de ontem também ficou marcada pela quase «amnésia» de Lobato Faria, que, de todos os arguidos, apenas disse lembrar-se do alferes Fernando Fontinha (já então formado em Direito), a quem pretendeu responsabilizar pela sua detenção e pela própria movimentação, a mando, afirmou, «de um determinado partido que se movimentava dentro da unidade». Em resposta a um dos advogados, Lobato Faria reconheceu ter havido um objectivo de natureza política nos acontecimentos de 30 de Julho de 1975, destinado «a evitar que o Regimento de Comandos saísse para a rua para forçar a destituição do Primeiro-Ministro, general Vasco Gonçalves, então contastado pelos comandantes de todas as unidades da região de Lisboa, «Comandos» incluídos, e excluindo o RALIS, a EPAM e a Polícia Militar».

Recorde-se que no julgamento anterior, em que todos os réus foram absolvidos (a recurso do comandante militar de Lisboa, general Ricardo Durão, o Supremo anularia o acórdão), Lobato Faria, referindo-se ao alferes Fontinha, que agora pretende transformar em «motor» da sublevação, diria: «Aliás, o alferes Fontinha não estava habituado a pegar em armas, pois estava lá para a Secção de Justiça onde só pegava em papéis»., Por outro lado, Lobato faria negaria a afirmação feita por Jaime Neves, de acordo com a qual a «revolta» gerada na unidade estaria relacionada com a passagem de uma esquadra da NATO por Lisboa, disposta a ajudar os opositores de Vasco Gonçalves. «Na altura — comentou — ouviu muitos boatos, mas esse confesso que não!»

Lobato Faria seria substituído na bancada das testemunhas por outro dos declarantes (igualmente da acusação), major Ribeiro da Fonseca, à data à frente de uma das companhias operacionais da unidade, que também só reconheceu o alferes Fontinha, pois, ao que frisou, «tirando os oficiais, os outros militares eram às centenas e só se viam à distância». Para Ribeiro da Fonseca também os acontecimentos de 30 de Julho de 1975 tiveram na sua génese uma «motivação de origem política». O julgamento prossegue na próxima segunda-feira, a partir das 14 e 30.

Dois professores de Leiria acusados de tráfico de heroína

Dois professores da Escola Secundária Domingos Sequeira, em Leiria, foram detidos, juntamente com mais dois indivíduos, sob a acusação de se dedicarem ao tráfico de heroína. Em casa de um dos professores, de 28 anos, solteiro, arquitecto, apenas referenciado pelas iniciais de A.J.F.B., foram encontradas mortalhas, cachimbos, comprimidos e outros utensílios normalmente utilizados por consumidores de droga.

Quanto aos outros três detidos tinham em seu poder heroína no valor de cinco mil escudos, estando o professor, divorciado, em tratamento de desintoxicação há sete meses.

Dois jovens afogados no regresso de romaria

Dois jovens que regressavam de uma romaria morreram anteontem afogados no rio Zêzere, perto da Foz do Alge, em Figueiró dos Vinhos, quando o barco em que seguiam se voltou, fazendo com que submergissem na água, de onde não conseguiram escapar dado não saberem nadar.

O acidente ocorreu cerca das 19 horas e até ao momento os corpos dos dois jovens (Carlos dos Santos Martins, de 21 anos, e José Luís Martins da Conceição Rosa, da mesma idade) ainda não foram encontrados, tal como as suas motorizadas que seguiam com eles na pequena embarcação a remos.

Denuncia Sociedade Protectora dos Animais

Abandonar cães e gatos é um "acto de crueldade"

A Sociedade Protectora dos Animais (SPA), com sede no Porto, lançou ontem um apelo à população «para que não abandone os seus animais quando vai de férias», dado constituir, ao que afirmou um dos seus dirigentes, Manuel Cavalheiro, «uma desumanidade, mesmo crueldade, deixar abandonados nas ruas amigos e companheiros de todas as horas como são, por exemplo, os cães e os gatos».

A SPA dispõe de um serviço de recolha de animais, nos períodos de férias dos donos, mas as suas instalações «estão superlotadas — disse Manuel Cavalheiro — e são manifestamente insuficientes».

De acordo com a mesma fonte, a SPA tem presentemente a seu cargo a protecção e alimentação de cerca de 750 cães e 300 gatos recolhidos na via pública, recomendando aos cidadãos que vão de férias «que confiem os seus animais a familiares, amigos e vizinhos, evitando assim que deambulem pelas ruas, passando fome e correndo o risco de adoecerem ou de serem atropelados».

Suspeitas de fogo posto em dois incêndios no Barreiro

Dois pequenos incêndios verificaram-se ontem no concelho do Barreiro e em ambos os bombeiros suspeitam de terem sido casos de fogo posto. O primeiro fogo principiou nos terrenos de um supermercado, na zona do Lavradio, destruindo embalagens e propagando-se ao telhado de um armazém. As chamas foram extintas em cerca de uma hora e os prejuízos são de dezenas de contos.

No outro sinistro arderam 500 metros quadrados de mato, numa quinta em Palhais, propriedade de Adelino Martins, tendo os populares visto dois indivíduos a fugir do local quando o fogo começou.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

DURANTE muitos anos, eu sei lá quantos, Macau foi a capital do jogo. Na escola era o que nos ensinavam. Que ideia faziam as crianças de Macau? Bem, a nível de soberania, nunca soubemos ao certo se aquilo era «nosso», se era emprestado, se era emprestado se quê. É verdade que vinha nas páginas das colónias, mas isso era com certeza por mera questão de arrumação. Também isso agora não interessa, para quê arranjar sarilhos com a China, país de quem somos, afinal, «tradicionais amigos»? Quanto ao resto, imaginávamos um lugar onde não se fazia mais nada senão jogar. À roleta, às cartas, aos dados, em casa, nas lojas, nas ruas, sobre mesas, panos, até nas soleiras das portas, em todo o lado, de todas as maneiras e feitios. As pessoas não trabalhavam, não comiam, não dormiam, não etc., nada: jogavam apenas. Muitos comentários sobre Macau desde há anos passados na televisão vieram demonstrar que isso era exactamente assim.

Algo porém está a mudar na mentalidade das gentes. Isso aconteceu em especial depois de haver a certeza de que a China resolvera entrar na posse directa da ilha. Então as capitais movimentaram-se e hoje sabe-se que uma data de indústrias vão ser implantadas, em certos casos com participação mista. Segundo ouvi pela televisão, pois onde havia de ser, a maior iniciativa em perspectiva é a construção de uma fábrica de seringas.

Confesso aqui muito à puridade que ao princípio não percebi lá muito bem. Uma fábrica de seringas, que raio de coisa! Se fosse a indústria de baralhos de cartas ou de dados ou de totolotos ou de esferas para as roletas ou de cartões para o jogo da glória ou de cavacos para o jogo da bernarda, enfim. Mas seringas?

O pobre, o pobre, o pobre ingénuo de mim! Ó meu anjinho, ó meu otário, ó meu lorpa, pois não se está mesmo a ver? Não se está mesmo a ver que, com estas injecções de propaganda oficial, o consumo de seringas na RTP deve ser uma loucura?...

Anunciada "total reconversão tecnológica"

PETROLEIRO MANCHA PRAIAS DE PORTO COVO

As praias do Porto Covo e Ilha do Pessegueiro, a sul de Sines, são as mais atingidas pelas manchas de petróleo derramadas há cerca de uma semana no terminal do porto de Sines, acidente de que só esta manhã ecologistas e população daquela área tiveram conhecimento. «Não estamos perante qualquer desastre ecológico nem nada que se lhe pareça, porque a curto prazo todas as praias atingidas estarão limpas como antes», disse ao «DL» uma fonte da capitania de Sines.

O anúncio de um derrame de petróleo, ainda por avaliar em toda a sua extensão, no terminal do porto de Sines, causou apreensão entre os primeiros banhistas — note-se que a época balnear abriu ontem, como noticiámos noutro local — instalados naquela área, de Sines a Vila Nova de Milfontes. Um banhista de férias em Vila Nova de Milfontes disse esta manhã ao nosso jornal constar ali que também esta praia havia sido atingida, facto que não podemos confirmar.

O rebentamento de uma soldadura do petroleiro «Nisa», da Soponata, pouco depois das 21 horas do passado dia 26 de Maio, no terminal de Sines, lançou o pânico na zona, se bem que os derramamentos de petróleo naquele porto sejam, hoje em dia, vulgares. «Só que este não era — disse-nos o mesmo informador — um derramamento qualquer. Não foi, se bem que a situação tenda a normalizar-se», acrescentou a fonte do porto de Sines.

De acordo com outra fonte da capitania do porto de Sines, a totalidade das ramas de petróleo «alijadas» do «Nisa» pela descolagem de um dos seus tubos mais largos (com 35 centímetros de diâmetro) foi recuperada, havendo resíduos que se encravaram nas fendas das praias de Porto Covo e Ilha do Pessegueiro. É também provável que manchas de petróleo se tenham espalhado na zona, ainda segundo o mesmo informador.

«Não há motivo para alarme»

«Mas o grosso das ramas de petróleo derramadas pelo 'Nisa' foram recuperadas na área portuária, mercê dos meios de segurança e combate à poluição no mar de que aqui se dispõe», afiançou a fonte da capitania de Sines que temos vindo a citar.

Noutras ocasiões, têm rebentado pequenas juntas de corticite ou de cartão, porque os petroleiros são extremamente sensíveis, o que não constitui problema de maior para a Administração do Porto de Sines, cujos serviços de segurança são tidos por muito eficazes, além de prontos.

Apesar disso, a sua imediata intervenção não foi de molde a impedir a esparsão e derrame de petróleo, porque se tratou do rebentamento — caso raro — e descolagem de uma soldadura com um diâmetro de 35 centímetros, pelo qual saem, em condições normais, oito quilos de carga por centímetro quadrado.

O equipamento da Administração do Porto de Setúbal (APS) para emergência deste tipo é assinalável e foi com ele que a equipa de segurança do porto e o Serviço de Combate à Poluição do Mar — que também dispõe de meios próprios — atacaram, desde logo, a situação. Impediram que o «grosso do produto saísse da área portuária, mas não puderam evitar que resíduos se espalhassem na área. Por isso, manchas de petróleo eram esta manhã visíveis nas praias de Porto Covo e Ilha do Pessegueiro. Suspeitava-se que a praia de Vila Nova de Milfontes também tivesse sido atingida.

«Não há motivo para alarme, apesar de tudo, porque a curto prazo tudo estará limpo. Isso não aconteceria se, por exemplo, tivéssemos hoje ao nosso dispor os meios de há dez anos atrás. Então, sim, poder-se-ia falar de um desastre ecológico, o que, felizmente, não é o caso», opinou a mesma fonte da capitania de Sines.

Autoridades dizem que não há "qualquer desastre ecológico"

"JN" entra no ano do centenário

O «Jornal de Notícias», prestigiado matutino portuense, completou hoje 99 anos de existência, o que de imediato, lhe dá abertura para o ano do centenário. No cabeçalho, por consequência, outros números: Ano 100.º/ N.º 1. Quer os leitores, quer os jornalistas, certamente não serão insensíveis a este trânsito de um século. Leitores, jornalistas e todos os trabalhadores do «JN». Trata-se, na verdade, de um tempo que se renova. Desde já, as congratulações do «DL».

Ao entrar no ano do seu centenário, o «JN», que tem como director Sérgio Andrade, e director adjunto Frederico Martins Mendes, informa, prestando contas ao seu público leitor, que conforme «a última assembleia ordinária, de accionistas e o Relatório e Contas publicado, o Jornal de Notícias» atingiu o seu melhor resultado de sempre», palavras estas de Emanuel Lima Leite, presidente do Conselho de Administração.

Palavras, aliás, que prosseguem sob o título «total reconversão tecnológica é autêntico programa centenário», palavras insertas na edição de hoje do matutino: É, no ano em que se comemora o seu Centenário, um óptimo índice e o garante de uma evolução positiva. A empresa nascida em 1922, segundo os seus estatutos, orgulha-se de possuir este produto. Orgulha-se de quem a serviu e serve. É gratificante constatar-se que o público leitor e os anunciantes nos estimam e nos são fiéis...»

Uma distribuidora comum

Referindo-se à zona tecnológica, «actualmente um dado muito importante», Lima Leite afirma que, neste momento o «JN» possui tecnologia moderna «e vai aumentar essa capacidade».

Assim, sendo, dentro em breve a Redacção do «JN» «disporá de um novo espaço no edifício homónimo e será totalmente informati zada». O mesmo ocorrerá com outros serviços, como o Centro de Documentação e com os Serviços Administrativos.

Merece atenção a seguinte revelação do presidente da CA da empresa: o desenvolvimento do noticiário regional, com o enriquecimento dos quadros redactoriais zonais. Textualmente: «Busca-se a melhoria da informação no sentido de ela ser mais dinâmica e atempada.»

A médio prazo, aquela empresa jornalística, com, o patrocínio da Secretaria de Estado da Comunicação Social e outras empresas do sector, poderá vir a constituir uma distribuidora comum, pois isso reverterá em dois ganhos — «para as empresas um decréscimo dos custos, garantindo os postos de trabalho e melhorando os custos; para o público maior rapidez no acesso aos jornais».

A longo prazo, está previsto a formação de um Parque Gráfico Comum.

Segundo o presidente da CA, «nenhum dos títulos perderá a sua identidade, o seu estilo, e características próprias — e isso porque se trata de uma medida de gestão».

Novos orgãos de comunicação

Embora as iniciativas editoriais não se tenham esgotado, de momento «todos os esforços e iniciativas se prendem ao Jornal de Notícias, o qual irá melhorar a quantidade e a sectorização informativa e de opinião através de uma série de realizações, a divulgar a seu tempo, bem como a consolidação de «O Jogo», único diário desportivo nacional que tem vindo a ganhar raízes entre o público afecto à realidade desportiva.»

É possível ainda que o «JN» venha a lançar outros meios de Comunicação Social.

Até porque «a empresa e o «JN» são já um **network** no campo de Comunicação Social não só pelos produtos que apresenta como também nos serviços que presta, presenças que concretiza e acções que vem dinamizando» — acentuou Emanuel Lima Leite.

Refira-se, finalmente, que um vasto programa comemorativo do ano do centenário está a ser elaborado, cobrindo os campos da cultura, do desporto, das manifestações populares, dos espectáculos de índole artística e popular.

Concluído encontro sobre o nuclear na Figueira da Foz

Autarquias devem defender ambiente da Península Ibérica

Os autarcas que participaram no primeiro encontro nacional de municípios declarados zonas livres de armas nucleares, realizado este fim-de-semana na Figueira da Foz, concluíram pela necessidade de serem as próprias autarquias, em colaboração com as similares do lado espanhol, a promover a defesa do meio ambiente na Península Ibérica.

A reunião teve como motivação mais imediata o escândalo da instalação junto da fronteira portuguesa de um depósito de lixos nucleares, projecto que tem sido contestado a nível concelhio e local.

A propósito lamentaram os participantes no encontro o facto de a Espanha desde há muito tempo fazer «do nosso território vazadouro do que eles próprios produzem, mas a que têm um enorme medo».

Em documento que sintetizou as conclusões da reunião refere-se que para além das centrais nucleares junto à fronteira ou na margem dos rios que também banham Portugal, temos agora, «para culminar esta agressão às nossas vidas, um depósito de lixos nucleares, junto ao vale do Douro, em Aldeadavila».

Neste contexto de mal-estar que é vivido pelas populações de ambos os países decidiu-se na Figueira da Foz a consciencialização geral, de modo a obrigar ao abandono imediato do projecto espanhol.

«Os sinais dos tempos são aterradores — consideraram os autarcas presentes —, caso não sejam tomadas posições claras que encoragem a contenção da paranóia armamentista e a corrida louca para o suicídio final.»

No encontro dos municípios livres de armas nucleares também se falou, necessariamente, do armamento nuclear: «O desperdício de recursos financeiros, naturais e humanos, utilizados na corrida aos armamentos, impedem a prossecução dos objectivos de desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida», consta de uma proclamação aprovada pro unanimidade.

Defenderam os autarcas, na sequência de tal perspectiva, que «a preservação da vida e a garantia de desenvolvimento decorrem da concretização de uma política de desarmamento geral, simultâneo e controlado, preconizada pela ONU e consagrada no artigo sétimo da Constituição portuguesa».

Foi neste âmbito que aqueles responsáveis municipais propuseram «a concentração de esforços no sentido de tornar Portugal um país livre de armas nucleares e o estabelecimento de um acordo visando o desarmamento e a paz entre os povos».

«É isto a ciência!»

A associação de ecologistas Amigos da Terra, por sua vez, tomou posição sobre o projecto de instalação do depósito de resíduos nucleares em Aldeadavila. Escolheu para fazê-lo uma atitude de esclarecimento sobre o que são concretamente os resíduos radioactivos.

Em documento distribuído pela Imprensa os Amigos da Terra chamam a atenção pelo facto de a radioactividade, «levada pelos ventos e águas, contamina o ambiente e provoca um aumento notável de cancros e leucemias nas áreas de mineração».

Aquela organização ecologista faz lembrar que o enterrmento de lixo nuclear lá levou a acidentes como o de Kishtyn, na União Soviética, onde centenas de quilómetros quadrados se tornaram num deserto devido à explosão do vapor resultante do sobreaquecimento do lixo e como o de Rocky Flats nos Estados Unidos, onde uma quantidade de plutónio foi lançada na atmosfera resultante da combinação de vários tipos de lixo depositados.

Mais a mais, consideram os Amigos da Terra no seu estudo que a zona de Aldeadavila, nas margens do Douro, é friaticamente permeável. O depósito de lixos radioactivos em granitos, como é o caso, suscita «dúvidas e grandes angústias», segundo a associação ecologista, que se rebela contra a atitude do Departamento de Combustível Nuclear da Direcção-Geral de Energia da CEE, quando afirma que as interrogações que envolvem cada processo de enterramento de lixos radioactivos, não podem ser respondidas, dependendo da responsabilidade moral, social e política de cada nação.

É isto, a ciência, protestam os Amigos da Terra, já que questões graves como esta são acrescidas pelo factor incerteza.

Organizações de juventude alertadas

Também a Comissão Nacional da Juventude Centrista decidiu manifestar-se a favor de uma campanha de âmbito nacional contra a instalação da lixeira nuclear junto à fronteira portuguesa.

Considerou a juventude do CDS que a intenção do governo espanhol é um «atentado contra a segurança e a integridade do nosso povo», lamentando ainda a passividade que o Governo de Cavaco Silva tem mostrado relativamente ao assunto.

Por isso, mesmo exige a JC que «o Governo português esclareça a opinião pública sobre a situação, não se esquecendo de salvaguardar os interesses nacionais».

A Juventude Socialista, por seu lado, declarou na sequência do escândalo de Aldeadavila, que defende «uma política energética diversificada com recusa da opção nuclear». «O nuclear — disseram os jovens socialistas em comunicado – não presta, em Portugal, na Espanha ou em qualquer parte do mundo».

A organização de juventude do PS pediu igualmente ao Governo que esclareça se pretende ou não introduzir no Plano Energético Nacional a construção de uma central nuclear até ao ano 2000.

Abriu ontem a época balnear

"TOPLESS" E NUDISMO SÃO AINDA PROIBIDOS NAS PRAIAS PORTUGUESAS

A época balnear de 1987 abriu ontem em todas as praias portuguesas, mas oficialmente apenas foi assinalada de em Tameriz, no Estoril, pelo Instituto de Socorros a Náufragos (ISN). Apesar de naquela praia se terem, já ontem, visto algumas banhistas com os seios ao léu, em «topless», a rigidez da lei mantém-se. Quer o nudismo quer o «topless» continuam proibidos, muito embora se saiba que em relação aos peitos à mostra haja cada vez mais tolerância por parte das autoridades marítimas.

Uma ronda esta manhã feita pelo «DL» junto de algumas capitanias habilita-nos a adiantar que a legislação sobre qualquer das situações se mantém, razão por que a RTP ontem tenha surpreendido muita gente, inclusive o subdirector do ISN, ao privilegiar o «topless» numa reportagem sobre a abertura da época balnear. «Lá está mais uma fantasia nas nossas praias, foi a minha reacção ao ver a televisão», disse Sousa Machado a o «Diário de Lisboa».

Da parte das autoridades há, segundo alguns comandantes, tolerância perante o «topless», uma vez que, nas nossas praias, se trata de casos bastante isolados e, sobretudo, praticado por estrangeiras. Mesmo que se trate de portuguesas, e porque são poucas, nós fechamos os olhos, a não ser que sejamos alertados pelas próprias pessoas», disse um desses responsáveis ao «DL».

A época balnear, como acima se diz, abriu ontem e foi assinalada na praia de Tamariz, no Estoril. Uma magnífica manhã de sol «apadrinhou» o acto que se traduziu, fundamentalmente, no hastear da bandeira verde, sob o lema da segurança. Durante quatro meses (até 30 de Setembro), a maioria das praias concessionadas, no litoral e no interior (rios, açudes, ribeiras e barragens), estarão vigiadas por efectivos do ISN. «Cabe-nos garantir a segurança dos banhistas, é isso que faremos porque é esse o nosso campo de acção», disse o comandante Sousa Machado ao «Diário de Lisboa».

O subdirector do ISN frisou ainda que das 44 mortes registadas durante a época balnear do ano findo, 37 ocorreram em praias não concessionadas e, mesmo assim, dizem respeito a um dos melhores anos quanto a segurança nas praias. Sousa Machado congratulou-se, ainda, pelo facto do ISN ser reforçado, este ano, por 132 corporações de bombeiros nos dias de maior afluência.

O ISN homenageou ainda os salvadores galardoados com medalhas de prata e cobre, de coragem, abnegação e humanidade na época de 1986.

A medalha de prata de coragem, abnegação e humanidade foi ontem imposta, no Estoril, ao primeiro-cabo do Exército, José António Pereira de Oliveira, que, no rio Nabão, na passada época balnear, em Tomar, procedeu a um salvamento.

A medalha de cobre de coragem, abnegção e humanidade foi entregue a Rui Manuel Parro da Silva Martins, que na praia da Foz do Lizandro salvou um banhista, e ao soldado da Guarda Fiscal, Fancisco José Dias de Oliveira, que na doca do Bom Sucesso, em Lisboa, socorreu uma criança.

Alguns melhoramentos em material de salvamento, como seja o carretel com suporte nas armações de praia e o novo cinto/bola, estão já nas praias.

Foram também instalados sinais de mau tempo, com sinalização de mau tempo diurno e nocturno nos principais portos portugueses.

Ao serviço dos concessionários

São cada vez mais os bombeiros disponíveis

São cada vez mais os bombeiros disponíveis e ao serviço dos concessionários das praias. Uma informação do Instituto de Socorros a Náufragos adianta que se elevam, este ano, a cento e trinta e duas as corporações de Bombeiros que, aos sábados, domingos e feriados, irão reforçar, em todo o País, a acção dos nadadores-salvadores ao serviço dos concessionários das praias.

O reforço de bombeiros, nos dias de maior afluência às praias, tem vindo a aumentar, tanto no litoral como no interior, podendo dizer-se que mais de mil homens irão velar pela segurança dos banhistas, no decorrer da presente época balnear. Conta-se também neste número com pessoal das autoridades marítimas e das estações salva-vidas.

No continente e nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira, o Instituto de Socorros a Náufragos tem distribuídos cerca de oitocentos postos de praia, duzentos aparelhos de comunicação rádio, cento e seis botes pneumáticos, cinquenta e seis embarcações de fibra de vidro, cento e sessenta e dois motores fora de borda, cem caixas-ambulância de primeiros socorros, vinte e três auto-porta-cabos, cinquenta e três aparelhos lnaça-cabos e dezanove tendas.

Não obstante os meios humanos e materiais empenhados no Serviço de Assistência nas Praias, o ISN recorda que, no ano passado, registaram-se seiscentos e quatro acidentes, dos quais quarenta e quatro mortais.

"Creoula" já é navio-escola

Armada com novo encargo a formação e recreio de jovens

NÃO sem alguma polémica, o lugre «Creoula», último sobrevivente da frota bacalhoeira portuguesa, foi ontem transferido do Ministério da Agricultura e Pescas, sob cuja dependência se encontrava, para o Ministério da Defesa, passando desde agora a ser utilizado pela Marinha de Guerra com finalidades de formação.

Na mesma ocasião foi assinado um protocolo internacional sobre o Cartão Jovem que prevê a reciprocidade de vantagens entre seis países — Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda e Escócia —, com o patrocínio da Comunidade Europeia. Presentes os representantes das várias estruturas do Cartão Jovem Europeu, em cerimónia chefiada pelo Primeiro-Ministro português.

Cavaco Silva considerou o acto «particularmente significativo», justificado pelo facto de Portugal ser «um País universalista, e como tal o mais adequado para tal assinatura».

A coincidência dos dois actos cerimoniais não foi acidental. O «Creoula» será reconvertido em navio de treino de vela e de mar, e os seus maiores beneficiados serão os utentes de associações de vela civis e a Marinha Mercante. A juventude, portanto.

Na Armada, a «transferência» do lugre não terá sido encarada pacificamente nalguns sectores, por se considerar que nenhuns benefícios irá trazer para aquele corpo militar, antes o obrigando a encargos de manutenção vultuosos.

Lembremos a propósito que o partido liderado pelo general Ramalho Eanes, o PRD, pediu a ratificação do decreto-lei que permitiu a passagem de posse do «Creoula». Considerou aquele partido, na altura em que o processo ontem formalizado teve o seu início, que se estaria a permitir que alguns oficiais de Marinha, na situação de reserva, actuassem «como gestores de iates de recreio».

Questão polémica é a das diferenças técnicas e pedagógicas que a formação de um marinheiro civil implica, em relação aos padrões que norteiam a Armada de Guerra, o que para muitos não faz sentido. A passagem do navio para mãos militares é igualmente contestada por assim se ter inviabilizado a pretensão de se instalar no «Creoula», relíquia do nosso grande período da pesca do bacalhau na Terra Nova, um Museu de Pesca.

Nova etapa

Seja como for, durante o acto público realizado quando o «Creoula» já sulcava as águas do Tejo, em direcção à barra, o ministro da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida, designava como uma «nova etapa» a passagem futura da marinha de recreio para a Marinha de Guerra», com a vantagem de poder «representar uma reserva de meios humanos».

A respeito do Cartão Jovem Europeu defendeu António Couto dos Santos, secretário de Estado da Juventude, que deste modo se afirma a «vontade política de proporcionar aos jovens mobilidade e de reforçar o seu espírito europeu através de um melhor conhecimento entre as juventudes de cada país».

Os trabalhos de reconversão do lugre, mais o seu apetrechamento e aparelhagem de navegabilidade foram orçados em 200 mil contos. Durante os anos em que o «Creoula» se encontrou inactivo (desde 1973) os gastos anuais de manutenção foram de 30 mil. Para além das funções navio-escola tenciona-se também que o lugre seja utilizado em cruzeiros de treino de vela, em regatas e como embaixador itinerante da cultura, da economia e do turismo.

Lançado à água em 1937, o «Creoula», depois de transformado, conta agora com sete camarotes duplos na vante e quatro outros com 60 beliches para rapazes e raparigas na zona do porão, incluindo ainda um refeitório para 12 pessoas com copa, duas casas de banho e três instalações sanitárias, enfermaria com camarote para o enfermeiro, uma cantina e um segundo refeitório, mais pequeno.

LIVROS DO BRASIL

Livros do Brasil informa os seus leitores que **Josué Montello,** grande escritor brasileiro, estará amanhã dia 3 de Junho, pelas 18.00 horas, no Pavilhão da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, na Feira do Livro, para autografar

A COROA DE AREIA
Uma edição «Livros do Brasil»

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

o país do dragão

TENNESSEE WILLIAMS

MARCAÇÕES PELO TELEFONE 87 56 26

«... Um dos melhores espectáculos do teatro português recente»
Carlos Porto — «D. Lisboa»

DE 3.ª A SÁBADO, ÀS 21 H — DOMINGO, SÓ ÀS 16 H

SOCIEDADE DE PRODUTOS ADESIVOS COLOFIX, LIMITADA

CERTIFICO NARRATIVAMENTE PARA EFEITO DE PUBLICAÇÃO: — Que, em Assembleia Geral de quinze de Maio de mil novecentos e oitenta e sete, da sociedade por quotas com a denominação em epígrafe e sede na Rua José do Patrocínio, número doze, AN — Um, em Lisboa, e estando presentes todos os sócios, foi deliberado por unanimidade a exoneração de João Miguel de Sande de Castro Sotto Mayor de Azevedo Bourbon Aires de Campos, do cargo de gerente, que vinha exercendo na sociedade.
Está conforme.

Lisboa, vinte e cinco de Maio de mil novecentos e oitenta e sete

"D.L." 2/6/87

Um milhão da EFTA para quatro empresas

Quatro empresas portuguesas (uma agrícola, uma agro-industrial e duas hoteleiras) vão beneficiar de empréstimos de valor global superior a um milhão de contos ontem aprovados pela comissão directiva do Fundo EFTA, informou o Banco de Fomento Nacional.

Os empréstimos foram concedidos à empresa agrícola Finagra, à agro-industrial Isidoro M. de Oliveira (transformação de carne e produção de rações para animais) e às hoteleiras Granpian e Sociedade Atlântida.

À Finagra foi concedido um montante de 240 mil contos que se destinam à construção de uma adega que utilizará tecnologia avançada, cuja investigação será apoiada pela Universidade de Évora.

Outro dos empréstimos, no valor de 220 mil contos, foi concedido aos estabelecimentos Isidoro, que têm um projecto de investimentoo que lhe permitirá aumentar a sua capacidade de produção e ao mesmo tempo melhorar a qualidade dos seus produtos.

Os restantes foram concedidos à Granpian — investimentos hoteleiros — no valor de 400 mil contos, para a construção de um novo hotel na Quinta do Lago (Algarve), investimento de 2,4 milhões de contos, e à Sociedade Atlântida — empreendimentos turísticos — no montante de 220 mil contos, para a construção de um aparthotel, no Funchal, que custará cerca de 800 mil contos.

Com estes empréstimos, ascende a 500 o número de projectos financiados pelo Fundo EFTA em empresas portuguesas, num montante global de 25 milhões de contos.

Os financiamentos do Fundo EFTA contribuíram para investimentos de empresas portuguesas no montante global de 64 milhões de contos e que originaram a criação de 4.700 novos postos de trabalho e a estabilidade de 75.000 empregos, refere o Banco de Fomento Nacional.

No distrito de Lisboa

UM TERÇO DA POPULAÇÃO TEM EMPREGO PRECÁRIO

Subemprego, contrato a prazo e desemprego são chagas do distrito, segundo os Sindicatos

Os desempregados no distrito de Lisboa são cada vez mais, tendo aumentado num período de três anos em cerca de vinte mil unidades; mas mais grave do que isto é o facto de cerca de um terço da população activa do mais populoso distrito no nosso País se encontrar em situação de emprego precário, subemprego ou desemprego propriamente dito.

Estas informações foram divulgadas pela União dos Sindicatos de Lisboa (USL), no quadro da preparacão do seu terceiro Congresso, marcado para o próximo fim-de-semana em Sacavém.

Segundo os estudos da USL, em que se baseou esta informação, um em cada quatro desempregados é jovem.

Simbolo mais vivo da precaridade do emprego e da degradação actual da relação laboral são os salários em atraso que no distrito de Lisboa permanecem como chagas vivas e persistentes no tecido social. Os números divulgados pela União dos Sindicatos dizem tudo: No ano passado, 400 empresas do distrito tiveram salários em atraso, em períodos irregulares ao longo do ano;

No final de 1986 eram 21.900 os trabalhadores nessa situacão, em 25 empresas, que deviam, no seu conjunto, três milhões e 200 mil contos em salários e outras retribuições pecuniárias.

Os desempregados no distrito, também no fim do ano passado e ainda segundo os números apurados no estudo da USL que temos referido, eram 121 mil, ou seja, mais 17 mil que em 1983.

Enquanto ultima os preparativos do seu Congresso para debater esta situação grave, a União dos Sindicatos de Lisboa lamentou a precarização crescente do emprego no distrito garantindo que, nas admissões mais recentes, há 69,1 por cento de contratados a prazo, na indústria, e 89,7 por cento na construcão civil.

A USL destacou, na configuracão do cenário social em que vai decorrer o seu Congresso, a situação dos tarefeiros da Função Pública.

«90 por cento das dezenas de milhar de tarefeiros prestam serviços que correspondem a actividades e necessidades permanentes da Função Pública», conclui a União dos Sindicatos de Lisboa.

Vendas a prestações mais selectivas

O Conselho Permanente de Concertação Social deu, ontem, o seu acordo à legislação que o ministro das Financas está a preparar para tornar mais selectivo e para restringir o regime de vendas a prestacões.

Estas restrições, que visam travar a inflacão reduzindo o consumo e fomentando as poupanças das famílias, foram já há algum tempo referidas por fontes governamentais. Discutiu-as, agora, o Conselho de Concertação Social, julgando-se que as restrições previstas foram atenuadas para os bens de consumo geral e agravadas para certos bens não essenciais e de luxo.

Um informação do Ministério das Finanças, ontem divulgada, diz que Miguel Cadilhe deu ordem para se preparar o texto final da Portaria e que esse texto será redigido «em consonância com o compromisso assumido no Conselho Permanente de Consertação Social».

Actividade dos consórcios vai ser regulamentada

A legislação que regulamenta a actividade dos consórcios de venda em grupo em Portugal existe e deve ser rapidamente aprovada pelo Governo, disse ontem o Presidente da Associação Portuguesa de Administradores de Consórcio de Compra em Grupo (APAC).

O sector das empresas de vendas em grupo, explicou Sousa Machado, exerce uma actividade de serviços na área do comércio e não pode ser confundida com qualquer actividade de tipo parabancária.

O consórcio serve apenas como um sistema de incentivo à poupança prévia, desincentivando o recurso ao crédito por parte dos compradores, aliás como preconiza a política económica governamental, acrescentou.

Segundo os empresários do sector, a legislação existente «não satisfaz plenamente as necessidades requeridas pelas empresas», mas a sua introdução prmitirá desenvolver, disciplinar e orientar este ramo de actividade.

Um outro aspecto contemplado pela legislação respeita aos direitos dos participantes nos consórcios de compra em grupo, os quais ficarão «melhor defendidos» caso seja aprovada.

Os negócios efectuados através dos consórcios, salientou Sousa Machado, não têm peso inflacionista nem são geradores de desequilíbrios na balança comercial como alguns especialistas pretendem atribuir.

O Presidente da APAC afirmou, ainda, que «é uma injustiça» se o sector for abrangido por qualquer legislação relacionada com a venda a prestações, dado o sector nada ter a ver com este tipo de negócio.

Garante economista norte-americano

Dólar continuará a descer neste ano e no próximo

O economista norte-americano Stephen Cohen afirmou que a Reserva Federal dos Estados Unidos (FED) deverá aumentar a sua taxa de desconto básica (Prime Rate) nas próximas duas semanas.

Cohen, que falava a jornalistas portugueses em Lisboa, sublinhou que o FED está preparado para defender o dólar mas admitiu que «este ano e no próximo» a moeda norte-americana continuará a descer nos mercados internacionais de câmbios.

Stephen Cohen é consultor do governo norte-americano e de organizações privadas para assuntos de economia internacional, além de ser professor na School International Service, na Universidade americana de Washington.

Aquele especialista defendeu um pequeno aumento dos impostos norte-americanos sobre bebidas alcoólicas, tabaco e gasolina, mas sublinhou que o défice orçamental dos Estados Unidos não pode ser reduzido «muito rapidamente, a não ser à custa de uma recessão da economia».

Se isso acontecer, também as exportações de outros países para o mercado norte-americano cairão abruptamente e «todo o mundo sofrerá», acrescentou.

Cohen mostrou-se céptico quanto ao plano de relançamento da economia anunciado pelo governo japonês, afirmando que entre a prática de Tóquio e os seus actos existe alguma diferença.

Quanto aos alemães-federais, Cohen aconselhou-os a «viverem perigosamente», mesmo com risco de aumento da inflação, que está actualmente próxima dos zero por cento.

Investimento tem sido sustentado por emigrantes e empréstimos

O investimento interno em Portugal no período 1983-1985 foi financiado em 41,5 por cento, em média, pelas remessas de emigrantes e por empréstimos contraídos no exterior, indica um estudo agora divulgado por uma instituição bancária.

Este facto traduz uma elevada dependência da economia portuguesa em relação aos fundos provenientes do exterior, acrescenta o documento, incluído no boletim trimestral do Banco Português do Atlântico.

Os valores mais prováveis correspondentes à 1985 mostram, no entanto, uma significativa melhoria, tendo o contributo dos emigrantes para a poupança nacional caído para 30 por cento e o financiamento do investimento com base em fundos gerados internamente superado os 75 por cento.

Sgundo o estudo, durante o período em análise (1983-85), a poupança corrente das famílias portuguesas atingiu valores relativamente elevados e estáveis, correspondendo a 27 por cento do Produto Interno Bruto.

No entanto, a sua poupança financeira — equivalente aos recursos nacionais ao dispor dos outros sectores — revelou um andamento ligeiramente ascendente (com um valor médio de 20 por cento do PIB), em virtude do decréscimo do investimento em habitação.

A redução do investimento produtivo e público foi ainda mais sensível, em virtude da política conjuntural prosseguida, passando de 21 por cento para 15 por cento do PIB, acrescenta o estudo do BPA.

O documento assinala que foi a evolução do investimento global conjugada, em 1985, com a redução do «defíce líquido corrente dos outros sectores», que permitiu restringir significativamente o recurso à poupança estrangeira, que naquele último ano se tornou mesmo negativa.

A fracção que na poupança nacional coube ao contributo dos emigrantes no período em análise e de difícil quantificação, adianta o BPA, embora estime esse valor em cerca de 35 por cento entre 1983 e 1985.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	42$05	48$05
ALEMANHA FED. (marco)	76$95	78$15
AUSTRIA (xelim)	10$90	11$10
BÉLGICA (franco)	3$506	3$756
BRASIL (cruzado)	3$000	5$500
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105$60	108$10
(notas de 5 a 1000)	106$10	108$60
DINAMARCA (coroa)	20$45	20$85
ESPANHA (peseta)	1$072	1$192
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	141$35	144$85
(notas de 5 a 1000)	141$85	145$35
FINLÂNDIA (marka)	31$70	32$30
FRANÇA (franco)	23$10	23$80
HOLANDA (florim)	68$35	69$45
IRLANDA (libra)	206$85	210$85
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$932	$987
NORUEGA (coroa)	20$80	21$30
REINO UNIDO (libra)	229$95	234$45
SUÉCIA (coroa)	22$05	22$55
SUÍÇA (franco)	92$75	94$25
VENEZUELA (bolivar)	45$40	55$40

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

«As crianças precisam de liberdade»: eis o slogan escolhido pela Igreja metodista sul-africana que celebrou o «Dia Internacional da Criança», recordando os 1.400 jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, presos desde a imposição do estado de emergência em Junho passado

Um grupo de cerca de 25 homens armados assaltou ao princípio do dia de ontem um hotel de luxo de Copacabana, levando consigo joias, dinheiro e documentos dos cofres de segurança do estabelecimento - anunciou a Polícia. Pessoal de segurança e funcionários do Othon Palace - onde a diária mínima é de 23 contos - ficaram retidos durante cerca de 25 minutos sob a ameaça de armas, enquanto 62 cofres de segurança, contendo os valores dos hóspedes, eram forçados - acrescentaram as autoridades. O detective Romeu Diamante disse a jornalistas que o bando conhecia pormenorizadamente a disposição e o sistema de segurança do hotel. É a primeira vez que é assaltado um hotel de luxo no Rio de Janeiro nos últimos 10 anos.

A bandeira dos Estados Unidos e uma efigie Paquistão, Zia-Ul Har, são queimadas por manifes protestavam contra a apatia de Ul Har faca ao m indianos

Dívida estrangula América Latina

A dívida externa, tal como está a ser encarada actualmente, estrangula o desenvolvimento e ameaça as democracias da América Latina e Caraíbas, advertem os presidentes dos 11 países mais endividados da região. Esta advertência dos 11 presidentes da América Latina foi enviada através de um documento à cimeira dos sete países mais industrializados do Ocidente, a realizar em Veneza de 8 a 10 deste mês.

A carta, remetida pelo presidente uruguaio, Julio Maria Sanginetti, aos participantes do encontro dos sete países industrializados, é a terceira consecutiva enviada pelo Congresso de Cartagena. O seu texto foi analisado na capital venezuelana, uma semana antes do início em Veneza do encontro dos chamados sete grandes. A carta apela aos sete grandes para reflectirem no facto de que a não ser possível aos países latino-americanos inverterem as tendências recessivas que caracterizaram a presente década, «estas converter-se-ão num obstáculo de peso à expansão ordenada e estável da economia mundial».

Conferência de socorros a náufragos

O rei Juan Carlos inaugurou a XV Conferência Internacional de Sociedades de Socorros a Náufragos, em que participam representantes de 27 países, incluindo Portugal. A conferência, organizada pela Cruz Vermelha espanhola, através da sua secção do mar, tem como finalidade o intercâmbio de aspectos relacionados com o salvamento marítimo. Durante os seis dias por que se prolongarão os trabalhos da reunião, embarcações de salvamento estrangeiras, procedentes de Portugal, Suécia, Noruega, Reino Unido e França, permanecem no porto de La Corunha. Diversas sociedades apresentarão o mais moderno material náutico de salvamento, para comprovar os últimos avanços da ciência de construção naval incorporados neste tipo de embarcações.

A agenda da conferência tem como pontos principais a análise dos tipos de barcos de salvamento, o processo de resgate e procura, o treino de tripulações e administração dos primeiros socorros. Durante a reunião serão apresentados estudos sobre o socorro a barcos de passageiros, critérios objectivos para a suspensão das buscas de náufragos, dificuldades de linguagens nas operações de auxílio e utilização de aviões ultra-ligeiros e dirigíveis.

Aniversário do Plano Marshall

Quarenta anos depois de George Catlett Marshall ter anunciado um plano para reconstruir a Europa destruída pela guerra, as pessoas recordam a sua iniciativa como algo de especial na política externa norte-americana. «Foi a política mais criativa que tivemos desde a Segunda Guerra Mundial», declarou Lucius Battle, destacado funcionário do Departamento de Estado durante o apogeu do plano nos anos imediatamente a seguir à guerra. «O Plano Marshall é um dos pontos de mudança da nossa história», disse recentemente o secretário norte-americano de Estado, George Shultz, durante uma recepção para responsáveis que ajudaram a pôr o plano em prática. Marshall propôs o plano em 5 de Junho de 1947, durante um discurso de graduação proferido em Harvard. Desempenhava então o cargo de secretário de Estado durante a administração do presidente Harry Truman. No total, de acordo com números norte-americanos, os Estados Unidos gastaram 13.300 milhões de dólares de 1948 a 1961

Acordo sobre armas mais perto?

RFA ACEITA 'DUPLA OPÇÃO

A aceitação pelo governo alemão–federal do plano das superpotências para eliminar da Europa os mísseis nucleares de médio e curto alcance acaba com o último grande obstáculo a uma acordo sobre armas, disseram segunda–feira responsáveis norte–americanos. Na verdade, a coligação do chanceler alemão–federal Helmut Kohl aceitou segunda–feira a chamada «dupla opção zero», terminando assim seis semansa de disputas públicas.

Não houve ainda qualquer reacção oficial de Washington à decisão do governo da Alemanha Federal, mas funcionários da administração Reagan, que pediram o anonimato, afirmaram que o comunicado ontem emitido por Bona abriu caminho para um acordo sobre os mísseis de médio e curto alcance, que poderá estar concluído no final do ano.

Após seis semanas de debate público sobre o assunto, o governo de Bona emitiu um comunicado onde afirma aceitar a proposta de Moscovo, denominada «dupla opção zero», que fora já acordada, basicamente, pelos outros países da Europa Ocidental e pelos Estados Unidos. Ao abrigo desta proposta. todos os mísseis de médio alcance seriam retirados da Europa, juntamente com as armas de curto alcance. Washington e Moscovo manteriam, por cada lado, cem mísseis de médio alcance no seu próprio território.

No entanto, Bona inistiu que os 72 mísseis Pershing 1- A (de curto alcance), instalados há 25 anos e que são pertença da RFA, devem ser excluidos de um acordo Leste–Oeste, à semelhança do que foi já acordado no que respeita às forças nucleares francesa e britânica.

Analistas consideram que o compromisso ontem assumido pelo governo de Bona representa um revés claro para os dirigentes da linha dura do CDU e para os sociais–cristãos que manifestarm o seu desagrado pela «dupla opção zero» e fizeram campanha para vetar a retirada de mísseis de curto alcance.

Os Estados Unidos desmentiram oficialmente terem exercido pressões sobre a coligação no poder de Bona.

Diplomatas disseram, contudo, que Kohl foi submetido a pressões polidas,

"Caso Rust"

Receia-se que aventura do jovem piloto venha a ter 'dramáticas consequências'

A organização dos pilotos civis e o chefe da Força Aérea da República Federal da Alemanha disseram recear que a aventura do jovem Mattias Rust, que aterrou com uma avioneta na Praça Vermelha de Moscovo, venha a ter «dramáticas consequências».

Os meios políticos ocidentais interrogam-se também sobre o alcance e o sentido das mudanças que o «Caso Rust» já provocou na direcção do Kremlin e na altura hierarquia militar soviética.

Nun comunicado divulgado em Bona, a associação «Cokpit», que agrupa os pilotos da aviação civil da RFA, condenou a «escapada» de Rust, que qualificou de «incrível disparate» e de «perigoso espalhafato».

O porta–voz da organização, Horst Gehlen, disse que o caso Rust» deu aos soviéticos «uma motivação psicologicamente muito forte» para abater o próximo avião intruso.

A Imprensa popular da RFA fez de Rust uma espécie de herói nacional, mas a dura reacção do Kremlin e o fulminate saneamento das mais altas figuras da hierarquia militar soviética suscitam também interrogações e especulações nos meios diplomáticos ocidentais de Moscovo.

Os observadores salientam que desde a chegada ao poder de Gorbatchev que se falava de uma «mexida» nos altos comandos militares.

É possível, neste contexto, que o líder soviético tenha aproveitado este caso para alargar às Forças Armadas a política de renovação dos quadros dirigentes.

O porta–voz do Ministério soviét geiros, Gennadi Gerasimov, an dem estar iminentes nas chefias n «Caso Rust». Em consequência de Estado–Maior da Força Aérea sovié exonerado e o ministro de Defesa, S reforma e substituído pelo ex–adjun sado sábado.

efigie do presidente militar do
manifestantes em Karachi, que
ao massacre de muçulmanos

ZERO'

mas insistentes, por parte de Washington, no sentido de limar as divergências existentes no seu governo antes da cimeira de Veneza da próxima semana, na qual participam os lideres dos sete países mais industrializados, e da visita do presidente Reagan à RFA em 12 de Junho.

Entretanto, em Bruxelas, uma delegação de 30 mulheres de 13 países da NATO, chefiada pela mulher do primeiro-ministro grego, Margarita Papandreu, pediu à NATO que aceite as propostas de desarmamento da União Soviética.

soviético dos Negócios Estran-
cia que no vas demissões po-
fias militares, na sequência do
cia deste incidente, o chefe do
soviética, Alexei Koldunove, foi
esa, Serguei Sokolov, passado à
adjunto, Dimitri Ja sov, no pas-

SIDA: produto que bloqueia entrada do vírus nas células foi apresentado em Washington

Investigadores norte-americanos afirmaram segunda-feira que um produto químico conhecido como «Peptide T» impede que o virus mortal da SIDA ataque as células humanas, podendo servir como tratamento ou vacina. Falando na terceira conferência internacional sobre a SIDA que ontem começou em Washington e na qual participam cerca de 6.000 cientistas e funcionários de organismos de saúde pública de mais de 50 países, Candace Pert salientou que o «Peptide T» bloqueia a entrada do virus da SIDA nas células.

A investigadora referiu que as autoridades norte-americanas permitiram que fossem efectuadas experiências clínicas com o «Peptide T», devendo começar em Julho testes emvolvendo cerca de uma dezena de doentes de SIDA numa área controlada.

Especialistas dos Centro Federal para o Controle da Doença em Atlanta, informaram, por seu lado, que, nos Estados Unidos, o contacto heterossexual está a propagar a SIDA duas vezes mais rapidamente do que as relações homossexuais.

Testes de SIDA efectuados em homens e mulheres militares mostraram que metade dos doentes de SIDA eram solteiros e a outra metade casados. «A SIDA já não é mais uma doença de solteiros, é umda doença da família americana», salientou Robert Redfield do Instituto Militar de Investigação Walter REEd em Washington.

Na mesma conferência foi ontem confirmado que um vírus semelhante em termos de efeitos ao da SIDA, mas com uma estrutura diferente, foi já detectado em dez casos registados na Nigéria.

A abertura da cimeira de Washington coincidiu com vários protestos contra o discurso pronunciado por Ronald Reagan, no domingo, no qual o presidente defendeu a obrigatoriedade de testes sanguíneos para presos, emigrantes e doentes de alguns hospitais. Polícias norte-americanos protegidos com luvas de borracha prenderam 64 pessoas que se manifestavam em frente da Casa Branca, gritando : «dinheiro para preservativos, não para os contras»; « basta de comédias, os testes não curam a SIDA».

Protestos na RFA

Na Alemanha Federal, várias associações anunciaram, entretanto, que vão instalar acções judiciais contra as medidas de combate à SIDA adoptadas pelo governo do Estado da Baviera e que ontem entraram em vigor.

A Associação Federalde Homossexuais, a associação «Peostitutas Defendem-se Unidas» e representantes do partido ecologista «Os Verdes» exprimiram, em conferência de imprensa, o seu receio de que normas semelhantes ao «Catálogo Bávaro da SIDA» possam em breve ser decretadas em todo o território alemão-federal.

As três organizações consideram o pacote de medidas da Baviera como «discriminatório contra minorias incómodas e absolutamente contraproducente na luta conta a SIDA». O catálogo bávaro inclui exames obrigatórios ao sangue para determinar a presença de anti-corpos de SIDA entre os chamdos grupos de riscos, candidatos aa cargos da administração pública, pretendentes a asilo político e estrangeiros que pretendam fixar residência na Baviera, à excepção dos provenientes da CEE, Áustria, Suiça e países escandinavos.

Ao contrário da Baviera, a Dinamarca optou pelo humor com preservativos gigantes nos autocarros de Copenhaga e frases humoristicas como elementos de base na campanha em curso contra a SIDA. A pedido da Direcção-Geral de Saúde, uma agência puyblicitária dinamarquesa procurou «divulgar uma mensagem que evite o pânico e a histeria», assim como « a discriminacão dos grupos mais expostos ao Sindroma».

Atentado contra Karami reivindicado por duas organizações

Uma organização de fundamentalistas islâmicos asumiu hoje a responsabilidade pelo assassínio do primeiro-ministro libanês Rashid Karami, um dia depois de um grupo de oficiais do Exército ter reivindicado também a autoria do atentado. Karami morreu segunda-feira vitima da explosão de uma bomba colocada no helicóptero militar que o transportava de Tripoli, no norte do Líbano, para Beirute Ocidental.

Num telegonema anónimo para uma agência noticiosa internacional de Beirute, a « Organização Vingança pelos Mártires do Islão» informou que matou Karami para vingar as acções sírias contra os fundamentalistas islâmicos em Tripoli, a segunda maior cidade do Líbano. Karami pretencia a uma das mais influentes famílias sunitas de Tripoli e mantinha estreitas relações com a Síria.

Ontem, um homem que se identificou como capitão Hammoud, reivindicou, num telefonema para uma agência noticiosa estrangeira em Beirute, o atentado contra Karami em nome do «Exército Secreto Libanês», que afirmou ser uma célula secreta de oficiais do Exército do Líbano, mas não deu qualquer explicação para o atentado.

O presidente Amin Gemayel decretou uma semana de luto oficial em memória de Karami e nomeou o ministro da Educação Selim Hoss, um muçulmano sunita tal como Karami, como primeiro-ministro interino.

Entretanto, são já conhecidas váraias reaçcões ao atentado que vitimou Karami. O governo sírio, que enviou em Fevereiro 7.500 soldados para Beirute Ocidental, divulgou um comunicado denunciando uma «conspiração sionista-imperialista contra o Líbano, a sua unidade e a via de desanuviamento nacional». A milícia cristã «Forças Libanesas», que se opunha a Karami pelas sua posções pró-sirias, também denunciou o ataque de foi vítima o primeiro-ministro.

A casa Branca, o Kremlin, o governo francês e o rei Hussein da Jordânia são algumas das autoridades estrangeiras que condenaram já o ataque contra Karami. Em Israel, o primeiro-ministro Yitzhak Shamir comentou que a morte de Karami não terá qualquer efeito sobre as relações israelo-libanesas.

Rashid Karami foi o sexto político libanês assassinado desde que o Líbano se tornou independente da França em 1943. Mas a guerra civil que assola o país desde 1975 provocou já morte de 125.000 pessoas.

General desertor acusa Castro

O ex-chefe de Estado-Maior adjunto das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba, general Rafael del Pino Diaz, desertou por estar convencido de que Fidel Castro está a arruinar aquele país das Caraíbas - revelaram fontes oficiais norte-americanas.

Del Pino, que além de ter sido adjunto do ministro da Defesa foi também chefe da Força Aérea de Cuba, furtou um pequeno avião de treino, na quinta-feira passada, e aterrou numa base aérea próximo de Key West, na Florida, com a sua terceira mulher e três filhos.

O oficial cubano de mais alta patente a fugir de Cuba desde aue Fidel Castro subiu ao poder em 1959, «ficou desiludido com o Governo cubano e decidiu afastar-se» - afirmou Patrick Korten, porta-voz do Departamento norte-americano de Justiça, acrescentando: «ainda não começamos a falar com ele seriamente».

A deserção do general del Pino, um herói cubano na invasão da Baía dos Porcos, que mais tarde prestou serviço em Angola, enfureceu as suas duas primeiras mulheres.

As autoridades norte-americanas têm classificado a deserção de del Pino como «a maior caçada| desde que Fidel Castro subiu ao poder e esperam que o general possa fornecer valiosas informações sobre os planos militares de Cuba e as relações desde país com a União Soviética.

24 HORAS

Tamiles contra-atacam: 33 mortos

Guerrilheiros tamiles dizem hoje parar um autocarro no Leste do Sri Lanka e mataram 33 passageiros, incluindo 29 sacerdotes budistas - informaram fontes governamentais, acrescentando que os atacantes pertenciam ao grupo «Tigres de Libertação do Eelam Tamil». Foi o maior massacre de monges budistas desde o início deste conflito étnico, há quatro anos, que já provovou pelo menos seis mil mortos. Nos últimos dias, as forças governamentais têm desenvolvido uma ofensiva destinada a quebrar a resistência tamil e o plano da India para distribuir abastecimentos na província de Jafna, foi considerado por Colombo como uma infracção à sobera-nia do Sri Lanka, «a que nos teremos que opor».

Aquino rejeita rumores de golpe

O exército filipino desmentiu rumores de um golpe de Estado e um auxiliar disse que a Presidente Corazon Aquino não estava preocupada com notícias de que soldados próximos de um ministro que demitiu iriam desencadear um motim. Líderes da coligação no poder disseram que as ameaças de golpe de Estado acabariam, devido ao forte apoio dos Estados Unidos a Aquino e ao estabelecimento do primeiro congresso democrático do país em 16 anos, depois das eleições de Maio. Entretanto rebeldes muçulmanos propuseram um reinício de conversações com o Governo sobre autonomia para o Sul das Filipinas, segundo o negociador governamental, Emmanuel Pelaez.

Campanha eleitoral em Espanha

A campanha para as eleições municipais, autónmomas e europeias em Espanha entra na recta final com características similares às das duas primeiras semanas, em que predominaram as desqualificações recíprocas e a ausência total de debate político. Esta campanha trem sido até agora, politicamente, a mais pobre das efectuadas em Espanha nos últimos anos. Entretanto os partidos políticos bascos suspenderam hoje a campanha eleitoral para protestar e exigir a libertação do empresário Andres Gutierrez Blanco, sequestrado por um comando da Eta-Militar no passado dia 19. Também o partido Herri Batasuna, considerado o braço político da Eta-Militar, suspendeu a campanha, mas por motivos diferentes - solidariedade com os presos e refugiados bascos e contra a tortura.

Napoleon Duarte ignora proposta

O Presidente de El Salvador, José Napoleon Duarte, ignorou a proposta de paz apresentada pela guerrilha. Duarte, que ontem discursou para todo o país através da rádio na localidade de Sesuntepeque, a 80 quilómetros da capital, disse que os 98 guerrilheiros feridos em combate podem viajar para o estrangeiro para serem tratados, sem dar pormenores sobre a sua libertação. No discurso, Duarte não mecionou directamente a proposta de paz apresentada recentemente pela guerrilha, nem o seu interesse por recomeçar o diálogo suspenso há três anos. O Presidente salvadorenho recusou a semana passada a iniciativa rebelde que, em 18 pontos, sugere a «humanização» da guerra civil iniciada há sete anos.

Lei de pacificação argentina

Três dezenas de deputados do Partido Radical, de Raul Alfonsin, anunciaram que votarão contra a lei de «Pacificação Nacional» proposta pelo Governo argentino, na nova redacção aprovada pelo Senado. A tensão política que se vive em Buenos Aires foi agravada pelo facto, comunicado à Imprensa argentina por porta-vozes militares, do chefe do Estado-Maior do Exército, general José Dante Caridi ter realizado, nos últimos dias, várias reuniões com oficiais generais passados à reserva compulsiva e presos sob a acusação de «delitos de repressão».

Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa

"Jogos da Cidade" entram na fase final

Desde 24 de Janeiro que tem vindo a decorrer nos diversos recintos desportivos dos bairros lisboetas a I Edição dos Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, tendo participado mais de 3500 jovens (de ambos os sexos) com idades compreendidas entre os 13 e 15 anos em representação de 320 colectividades desportivas e estruturas sociais. Neste momento, os «jogos» entram na sua derradeira fase importando portanto o «ponto da situação» que é o seguinte:

Futebol de salão

MASCULINO: resultados dos oitavos de final: Escola Secundária da Ameixoeira, 0-MTS Vicente Paulo, 3; Sport Lisboa e Águias, 1-Cruzeirense, 3; Magriços Norte, 1-Olivais e Moscavide, 4; GD Giestal, 2-«Os Catitas», 5; SC Intendente, 2-Xutos e Cabeçadas, 1; Colégio Moderno, 2-Socorro, 3; «Maiúsculas», 2-Sete Colinas, 1 e «Viva a Graça», 2-Escola Secundária do Restelo, 0.

Ficaram apurados para os quartos de final as seguintes equipas, que, após sorteio, irão defrontar-se no sábado dia 6 (Escola Sec. do Restelo): «Os Catitas» - SC Intendente, Socorro - Maiúsculas, «Viva a Graça» - MTS Vicente Paulo e Cruzeirense - Olivais e Moscavide.

FEMININO: para as meias finais a disputar no sábado, na Escola Preparatória Nuno Gonçalves, teremos os seguintes confrontos: Escola Secundária da Ameixoeira - Oriental e SU Fontesantense - GD Valentes.

Andebol

Resultados dos quartos de final: «Troca Tintas», 32 - Passos Manuel, 11; «Pimpolhos», 0 - Escola Alemã, 15 e Liceu Pedro Nunes, 26 - Caramão, 11.

As meias finais terão igualmente no sábado, no pavilhão da Escola Secundária Pedro Nunes, com o seguinte calendário: masculinos: vencedores do encontro D. Maria I - «Os Kraques» com «Troca Tintas» e Escola Alemã - Liceu Pedro Nunes. Feminino: Luisinhas - Escola Alemã e Passos Manuel - Liceu Camões.

Basquetebol

Quartos de final: Oficinas de S. José, 32 - Ala Magriços D. Dinis, 39; Escola Secundária Pedro Nunes, 75 - GD Valentes, 27 e Ginásio Alto Pina, 8 - Kola-Kao, 111. A Escola Secundária Padre António Vieira foi apurada por falta de comparência da Escola Alemã.

As meias finais terão os seguintes confrontos: Kola-Kao - Esc. Sec. Padre António Vieira e Ala Marujo D. Dinis - Esc. Sec. Pedro Nunes.

Atletismo

No passado sábado realizou-se a 5.ª prova urbana, na zona de Belém, com a participação de cerca de 300 atletas tendo cortado a meta em primeiro lugar Rui Duro («Os Belenenses») e Elizabete Dias (Centro de Atletismo das Galinheiras).

À esquerda: os participantes na prova urbana de atletismo, realizada no sábado na zona de Belém, que teve por vencedora Elizabete Dias (Galinheiras). À direita: a equipa de basquetebol feminina da Escola Alemã com a sua treinadora Carolin Krentel.

"Astral-Fly": campeonatos em Setembro

A Motorel levou a Comunicação Social até Tróia, para apresentar aquele que é considerado **«o brinquedo desportivo do ano»:** o «Astral-Fly», disco voador desenvolvido por especialistas em aerodinâmica que congeminaram um objecto de corte transversal e perfilar. Que voa como um planador e, atirado por mão humana, já chegou a atingir a distância «record» de 396 metros e inscrição no famoso «Guinness».

Constituído por um núcleo de policarbonato de alta flexibilidade e por um anel exterior de borracha (por forma a não causar danos nas pessoas ou objectos com que possa chocar) o «Astral-Fly» está a nascer, no nosso país, à média de dois mil exemplares diários. Na RFA já se disputam campeonatos com este engenho, prevendo-se que o mesmo venha a acontecer, entre nós, já no próximo Setembro, para o que estão a constituir-se equipas por todo o Portugal.

Aos interessados indica-se que o «Astral-Fly» custa menos de 900 escudos e está a ser dançado pela Motorel (engº Sousa Rodolfo) e distribuído pela Totalsport (dr. Oliveira e Silva) e Electroliber (dr. Figueiredo). Na festa, em Tróia, os jornalistas mostraram a sua aptidão para fazerem voar o brinquedo: o prémio maior (uma moto) foi para o nosso camarada Francisco Rosa.

Setúbal: Câmara apoia clubes

A Câmara Municipal de Setúbal divulgou em comunicado os apoios que em 1986 concedeu aos clubes do concelho.

O comunicado do Município de Setúbal refere que «ao Vitória de Setúbal foi dada viabilidade de construção de um bloco residencial tipo «lar dos jogadores» e alvará de licença de loteamentos do Campo dos Arcos com dispensa dos encargos previstos na lei».

«Ao Vitória de Setúbal a câmara municipal doou ainda quatro hectares de terreno para um complexo desportivo e cedeu dois lotes de terreno para construção de dois edifícios de seis pisos com a área de 208 m²» — refere o comunicado.

Segundo a Câmara Municipal de Setúbal foram ainda concedidas áreas de terreno para diversos clubes populares e espaços para instalação de sedes de seis associações culturais e desportivas.

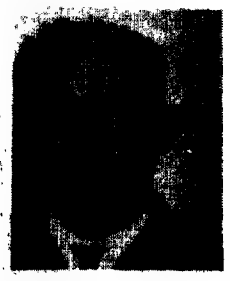
Golfe: "ranking" mundial

O australiano Greg Norman continua no primeiro lugar do «ranking» mundial dos profissionais de golfe, mas o espanhol Severiano Ballesteros aproxima-se rapidamente, estando agora apenas a 188 pontos, após os torneios realizados no fim-de-semana.

Norman, conhecido também como o «tubarão branco», e que esta temporada tem ficado em posições modestas nos torneios mundiais, totaliza agora 1 570 pontos, mais 188 do que Ballesteros, que há uma semana ascendeu ao primeiro lugar da «Ordem de Mérito» da PGA europeia.

O alemão-federal Bernhard Langer, que tem baseado a sua actuação esta época nos torneios do milionário circuito norte-americano, continua em 3.º lugar com 1 246 pontos (a 324 de Norman) enquanto no 4.º lugar continua o japonês Tsuneyuki (Tommy) Nakajima, com 850 pontos, seguido dos norte-americanos Payne Stewart, com 822 pontos, e Lanny Wadkins, com 755.

ALBUFEIRA



LEONARDO MARTINS AMADO

Sua mulher, filha e restante família vêm por este meio agradecer a todos aqueles que acompanharam nos quando esposo e muito amado pai à sua última morada.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

17.º JUÍZO

Proc.º — 3556 **2.ª Secção**

17.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Faz-se saber que nos autos de acção especial de despejo que António Manuel da Silva Brilhante, residente na Calçada do Combro, n.º 73-3.º, Lisboa, move contra José Marques Martins, com última residência conhecida na Rua Vila de Bissora, n.º 380-10.º-C, Olivais-Sul, Lisboa, correm éditos de 30 dias, citando o referido réu para comparecer pessoalmente no 17.º Juízo Cível de Lisboa — 2.ª Secção, no dia 25 de Junho de 1987, pelas 10.30 horas, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transagir, a fim de se proceder à tentativa de conciliação nos referidos autos que lhe são movidos pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra nesta secção à sua disposição.

Mais, é o réu citado para, no caso de não comparecer qualquer das partes ou de se não obter o seu acordo, contestar a acção no prazo de 10 dias a contar daquela data e depois de decorrida a dilação de 30 dias, sob pena de ser condenado no pedido, podendo deduzir em reconvenção e o pedido de benfeitorias e indemnizações a que se julgue com direito.

Lisboa, 1987, Maio, 27

O Juiz de Direito,
António Correia de Abranches Martins

O Escriturário,
António Joaquim dos Reis Bogas

«DL» 2/6/1987 — 2.ª pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.º JUÍZO

ANÚNCIO

Acção ORDINÁRIA n.º 3432/85 3.ª Secção Autor UTIC-UNIÃO DE TRANSPORTADORAS PARA IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO, LD.ª com sede em Lisboa. RREIRA SEIXAS & LOPES, LD. ltima sede conhecida na Rua Jaime Reis Dias, n.º 15 — Sobreda da Caparica — Almada.

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio — citando os réus para no prazo de VINTE dias, findo o prazo dos éditos, contestarem querendo a acção, na qual a Autora, pede que seja declarado resolvido o contrato de venda referido no art.º 1.º da p.i., o qual se encontra à disposição da ré na Secretaria deste Juízo, e a condenação da mesma no pagamento da indemnização de Esc.: 319 670$70, estabelendo-se, de tal sorte compensação entre esta indemnização e as quantias entregues pela R. à A. e ainda em custas, procuradoria condigna e o mais que for legal. Valor da acção: 416 533$90.

Lisboa, treze de Maio de 1987.

O Juiz de Direito,
(assin. ilegível)

A Escrivã Adjunta,
Maria Teresa da Silva

«DL» 2/6/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA
9.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção deste 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e nos Autos de Execução Ordinária n.º 11 595 em que é Exequente Renault Gest-Sociedade de Comércio de Automóveis, SARL, com sede na Av.ª Infante D. Henrique, lote 575, em Lisboa, move contra a Executada Soldargon-Metalúrgica Félix & Costa, Ld.ª, ausente em parte incerta e com última sede conhecida na Av.ª dos Fuzileiros Navais, n.º 39-1.º-Dt.º, no Barreiro, correm éditos de 30 dias notificando a executada, para no prazo de 10 dias e findo o dos éditos e que se conta da data da segunda e última publicação do anúncio, deduzir, querendo, oposição à execução pagar à exequente ou nomear bens à penhora sob pena de esse direito ser devolvido à exequente conforme tudo melhor consta no duplicado do requerimento que se encontra nesta secção ao dispor da executada cujo pedido consiste no pagamento à exequente da quantia de Escudos 257 085$00, juros e acréscimos legais.

Lisboa, 87/05/07

O Juiz de Direito,
a) João Augusto Moura Ribeiro Coelho

O Escrivão Adjunto,
a) Nuno Rodrigues Ferreira

«DL» 2/6/87— 2.ª pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

A DOUTORA MARIA ISABEL FERNANDES TAPADINHAS, JUIZ DE DIREITO DA SEGUNDA SECÇÃO DO PRIMEIRO JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

FAZ saber que neste tribunal correm termos uns Autos de Acção Especial de Interdição N.º 4 473, em que é requerente o Ministerio Publico e arguido **ANTÓNIO MIGUEL ALVES FIALHO**, solteiro, residente na Estrada Militar, Rua B-n.º 1, na Damaia e na qual se pede a interdição do referido arguido nos termos e para os efeitos do disposto nos artigos 944.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Lisboa, 22 de Maio de 1987

O Juiz de Direito,
(assin. ilegível)

O Escrivão Adjunto,
(assin. ilegível)

«DL» 2/6/1987 — 2.ª pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA NOVA DE OURÉM

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela segunda secção desta comarca correm éditos de TRINTA DIAS, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anuncio, CITANDO os chamados **PALMIRA OLIVEIRA DE SOUSA**, viuva doméstica, **FERNANDA OLIVEIRA DE SOUSA, JUSTINO DE OLIVEIRA DE SOUSA** e mulher **MARIA ELIA MARTINS DE SOUSA, FRANCISCO EDUARDO OLIVEIRA DE SOUSA** e mulher **JULIA DE JESUS PEREIRA DE SOUSA**, todos com última residência conhecida na Rua Saraiva de Carvalho n.º 352-2.º Direito em Lisboa e EDUARDO DE OLIVEIRA SOUSA e mulher **FRANCELINA DE OLIVEIRA DA SILVA**, com ultima residência conhecida na Rua Saraiva de Carvalho n.º 352-1.º Direito em Lisboa, para no prazo de VINTE DIAS, findo o prazo dos éditos, nos autos de acção ordinária n.º 109/83 que os autores Abílio Gonçalves de Oliveira e mulher movem contra **Fernando Rodrigues Antunes** e mulher, onde foi requerida pelos reus a sua intervenção principal, apresentaram o seu articulado ou fazerem a declaração de que fazem seus os articulados da parte a que devem associar-se, tudo como melhor consta dos autos, ficando à sua disposição no Tribunal desta comarca cópias dos articulados já oferecidos.

Vila Nova de Ourem, 26 de Maio de 1987

O Juiz de Direito
António Oliveira Morais

O Escrivão Adjunto
António Simões de Carvalho Rodrigues

(«DL» 2/6/87 – 1.º Pub.)

Carlos Valente: justa distinção

Decisão justa. O Conselho de Arbitragem da FPF vai distinguir o árbitro Carlos Valente e os seus auxiliares Jacinto Roque e Carlos Cortiço, com a nomeação para dirigirem a final da Taça de Portugal, que terá lugar no «salão de festas» do Jamor a partir das 17 horas do próximo domingo. Naturalmente que a escolha de Carlos Valente se fundamenta no acerto com que dirigiu os 15 encontros que lhe couberam no ora terminado «nacional» da 1.ª divisão e justo será referir que para o rigor das suas decisões muito terão contribuído os seus «adjuntos» Roque e Cortiço. Portanto, a distinção é também para eles. Naturalmente que outros árbitros como Vítor Correia, Azevedo Duarte, Raul Ribeiro, Carlos Esteves e Rosa Santos tiveram uma época brilhante, simplesmente, também nós partilhamos da eleição feita por Pinto de Sousa e seus pares ao proporcionar ao «mexicano» Valente a honra de estar presente na jornada mais festiva do futebol luso.

Chalana manifesta gratidão

Fernando Chalana mostrou-se agradecido à actual direcção do Benfica por o ter ido buscar ao Bordéus.

A transferência, há uma semana anunciada pelo presidente do Bordéus mas apenas confirmada domingo em Braga pelo presidente do Benfica, João Santos, foi assinada sexta-feira em França.

O antigo internacional e «estrela» do último Campeonato da Europa, em França, afirmou-se «feliz» pelo regresso ao Benfica, onde espera voltar «a dar alegrias aos sócios». «Agradeço à actual direcção do Benfica os esforços desenvolvidos para me irem buscar ao Bordéus», acrescentou Chalana, que recupera de uma intervenção cirúrgica a que recentemente foi submetido no Porto.

Sorteio de fim de época

Estrela da Amadora - Rio Ave jogam sábado para a "competência"

Feirense/Penafiel e Estrela da Amadora/Rio Ave são os dois jogos da primeira jornada do torneio de competência entre a I e II divisões em futebol — segundo o sorteio ontem efectuado em Lisboa, estando a 1ª jornada marcada para o próximo sábado (dia 6).

O Rio Ave, que ficou em 13º no campeonato nacional da primeira divisão, terá uma difícil deslocação ao terreno do Estrela da Amadora (2º classificado da zona Sul da II divisão), que tem fortes aspirações em ascender ao escalão superior do futebol português.

No respeitante à segunda fase do campeonato nacional da II divisão para apurar o respectivo campeão do escalão secundário, o V. de Setúbal defronta o Espinho, no sábado, enquanto na segunda jornada (dia 10) o mesmo Vitória de Setúbal enfrenta (em casa) o Covilhã.

Para a segunda fase do nacional da III divisão (zona Norte e Sul) a primeira jornada coloca frente a frente o Vianense e o Marco (zona Norte) e o Louletano e Caldas (zona Sul).

●

O calendário completo da primeira volta do torneio de competência I/II divisões é o seguinte: **1ª Jornada:** Feirense-Penafiel e Est. Amadora-Rio Ave; **2ª Jornada:** Penafiel-Est. Amadora e Rio Ave-Feirense; 3ª Jornada: Rio Ave-Penafiel e Est. Amadora-Feirense.

A primeira volta disputa-se nos dias 6, 10 e 14 do corrente e a segunda em 18, 21 e 28.

●

O calendário do torneio para apuramento do campeão nacional da segunda divisão é o seguinte: V. Setúbal - Espinho (6 de Junho); V. Setúbal - Covilhã (10 Junho) e Espinho - Covilhã (14 Junho).

A segunda volta decorre em 18, 21 e 28 de Junho.

●

Quanto ao calendário do torneio de apuramento do campeão nacional da 3ª divisão, é o seguinte:

Zona Norte: Vianense - Marco (6 Junho); Vianense - Oliveira Bairro (10 Junho) e Marco - Oliveira Bairro (14 Junho)

Segunda «mão» em 18, 21 e 28 de Junho.

Zona Sul: Louletano - Caldas (6 Junho), Louletano - Pescadores C. Caparica (10 Junho) e Caldas - Pescadores C. Caparica (14 Junho).

Segunda volta em 18, 21 e 28 de Junho.

Futre é por todos desejado

Todos querem o "ás de oiros" mas o Porto não "destrunfa"

Naturalmente que um jogador da craveira técnica de Paulo Futre está na mira dos grandes clubes, e daí não se estranhar, sobretudo a partir da memorável jornada de Prater, que os empresários das mais altas potências futebolísticas europeias procurem contratar o «menino de ouro» do luso futebol. Simplesmente, o maior interessado é o FC Porto, que obviamente não estará disposto a esbanjar aquele precioso «às de ouros» do seu naipe de trunfos. Como último (terá surgido mais algum no dia de ontem?) candidato, surge o Atlético de Madrid e a história é-nos contada pelo telex da Lusa que aqui revelamos:

«O candidato à presidência do Atlético de Madrid, Jesus Gil, disse que ofereceu na passada semana 150 milhões de pesetas por temporda, um automóvel Porsche do último modelo e casa ao jogador Futre, do FC Porto. Além disso, o Atlético de Madrid comprometia-se a pagar os 1 400 000 dólares pela rescisão do contrato com o clube portuense.

Jesus Gil disse à agência Lusa que na sexta-feira passada se deslocou à cidade do Porto para assinar contrato com o jogador, que para os espanhóis se transformou na estrela do futebol português com a exibição na final da Taça dos Campeões Europeus.

As condições iniciais eram de 75 milhões de pesetas por temporada para o jogador, além do Porsche e da casa e dos 1 400 000 dólares de indemnização para o FC Porto.

Jesus Gil, um dos quatro candidatos às eleições de presidente do Atlético de Madrid, a realizar dia 27, reuniu-se com Futre, seu pai e seu irmão, mas o jogador foi demasiado honesto e foi consultar o presidente do clube portuense. «**No dia seguinte — disse Jesus Gil — quando ficámos de ultimar tudo, as condições já tinham sido mudadas, mas mesmo assim ainda cheguei a oferecer 150 milhões de pesetas por temporada. Ia preparado com cheques do Banco de Espanha para pagar no momento**», acrescentou Jesus Gil, um construtor civil espanhol, que pretendia negociar directamente com o jogador.

As negociações entre o candidato à presidência do Atlético de Madrid e Futre ficaram condicionadas a um eventual acerto de condições com o presidente Pinto da Costa, em que Jesus Gil afirma mostrar pouca confiança.

●

A direcção do FC Porto já tomou, entretanto, as providências necessárias e decidiu aumentar as condições financeiras

do contrato do jogador e introduziu cláusulas quanto a uma eventual desvinculação.

Jesus Gil, contactado pela agência Lusa, reconheceu que **as possibilidades são reduzidas e acusou o presidente do FC Porto de enganar o jogador e de tê-lo sequestrado. «Levou-o para um lugar isolado que não sabemos onde e nem sequer conseguimos contacto com o jogador»** disse Jesus Gil.

O candidato à presidência do Atlético de Madrid comentou à agência Lusa: «**não sei o que ele lhe prometeu, vai enganá-lo e quando puder vende-o por cinco milhões de dólares**».

Além de Pinto da Costa, Jesus Gil acusou os dirigentes do Real Madrid e o Barcelona de intromissão, revelando que, quando estava a almoçar com Futre, seu pai e irmão, no restaurante do seu colega Eurico, telefonou um representante do Real Madrid a pedir-lhe que esperasse até à próxima quarta-feira para negociar com o Atlético de Madrid.

Um porta-voz do Real Madrid desmentiu esta versão e disse não ter havido qualquer contacto.

«Isso não quer dizer que não tenhamos interesse por Futre, como temos em princípio por qualquer jogador como ele. Mas não há nada, efectivamente» disse o mesmo porta-voz.

O gerente do Barcelona também disse que não há nenhum contacto nem negociações com o jogador Futre e alegou que o clube tem neste momento quatro estrangeiros, quando só podem jogar dois na primeira equipa.

O Real Madrid também tem três estrangeiros, Hugo Sanchez e Jankovic, além de Valdano que está de baixa há várias semanas por sofrer de uma hepatite.

●

Agora resta aguardar pelos próximos episódios mas é nossa convicção de que o «menino de oiro» continuará bem firme nas Antas até porque ali representa o campeão da Europa.

Ainda sobre o caso-Mapuata

Salgueiros reclama alargamento do quadro da primeira divisão

Aí está mais um caso a agitar as estruturas do futebol português. Com efeito, a reacção dos membros da Associação Nacional de Clubes, sobre a decisão assumida pelo plenário do Conselho de Justiça, que por 9 votos a favor e três contra, haviam considerado irregular a actuação do futebolista zairense Mapuata no encontro Belenenses - Marítimo atribuindo como penalização a derrota ao clube do Restelo por 3-0, estava tomada a partir da reunão havida no Clube dos Empresários, em Lisboa, sendo resolvido que, em caso daquela decisão acarretar prejuízos a terceiros iriam lutar pelo alargamento da Primeira Divisão de 16 para 18 ou 20 clubes.

Aproveitando a «deixa», aí está o Salgueiros a pedir a devida protecção aos seus parceiros e, de braço dado com o Rio Ave — também apanhado no encalhe — o alargamento vai ser pedido durante a reunião que extraordinariamente ocorrerá esta semana. Consta-se que as primeiras adesões já foram dadas pela Associação de Futebol de Coimbra e, naturalmente, da Associção de Futebol do Porto.

Despromovidos pela secretaria

O presidente do Salgueiros, Carlos Abreu, exigiu o alargamento da Primeira Divisão para 18 clubes como forma de reparar o que classificou de injustiça de que o clube de Paranhos foi alvo.

«Sofremos neste momento uma grande frustração — disse Carlos Abreu em conferência de Imprensa — porque foi através da secretaria que fomos despromovidos». «Fizemos os pontos necessários para irmos pelo menos à 'Liguilha'», acrescentou Carlos Abreu, referindo-se ao facto de o Salgueiros ter sido despromovido em função da atribuição de dois pontos ao Marítimo em jogo em que tinha sido derrotado pelo Belenenses, por a equipa da Madeira ter ganho o protesto sobre o caso Mapuata.

Recorde-se que o Salgueiros terminou o campeonato com 24 pontos e o Marítimo com 25.

Carlos Abreu considerou «uma aberração, um contra-senso, um equívoco» todos estes factos e exigiu «que um caso destes, absolutamente anormal, tenha também uma solução anormal».

O presidente do Salgueiros recordou a decisão unânime tomada na passada sexta-feira pela Associação Nacional de Clubes, no sentido do alargamento da Primeira Divisão, caso algum clube fosse prejudicado pelo chamado «caso-Mapuata» e assim disse aguardar que «seja feita justiça ao Salgueiros da única forma possível: o alargamento».

Apoio da Associação de Futebol do Porto

Carlos Abreu disse ainda ter recebido já o apoio expresso do presidente da Associação de Futebol do Porto, Adriano Pinto, «e de numerosos presidentes de direcção de clubes portugueses».

O presidente do Salgueiros revelou que no decorrer da presente semana a Associação Nacional de Clubes — de que não fazem parte o Porto, Chaves, Marítimo e Varzim — vai realizar uma reunião extraordinária para agir relativamente aos prejuízos causados ao Salgueiros e também ao Rio Ave.

●

O presidente da direcção do Rio Ave está solidário segundo Carlos Abreu — com a posição salgueirista.

Todos querem "ir à bolsa" de Herrera

O ciclista colombiano Luis Herrera, vencedor da recente volta à Espanha em bicicleta, está a ser alvo de chantagem, devido à sua crescente fortuna, anuncia o diário «El Tiempo», de Bogotá.

«Era só o que faltava na Colômbia: Lucho Herrera, o herói nacional do nosso tempo, recebeu uma carta com o pedido de 50 milhões de pesos (35 000 contos), e a advertência de que se não entregar o dinheiro, deve sujeitar-se às consequências», diz o jornal.

«O ciclista e a sua família, que residem na povoação de Fusagasuga, a 65 km de Bogotá, **sofrem agora todo o género de pedidos, pois todos os dias dezenas de pessoas lhe batem à porta, desde coxos a cegos, todos querem dinheiro. Há nove dias que um homem lhes pede dinheiro, dizendo, para sepultar o filho, ou uma linda rapariga da terra a solicitar 20 000 pesos (14 contos) para pagar a matrícula na universidade»,** acrescenta o jornal.

Lucho Herrera, que pediu já autorização ao exército para usar uma pistola de 9 mm, como defesa, dorme actualmente com uma velha pistola francesa debaixo da almofada.

Calcula-se que o ciclista colombiano tenha ganho já esta época meio milhão de dólares (70 000 contos).

Violência no futebol brasileiro

Sucedeu no Brasil. Uma chuva de pedras e garrafas arremessadas pelo público, somada à incapacidade da polícia para conter os adeptos que invadiam o relvado, obrigou a interromper, 10 minutos antes do tempo regulamentar, o jogo de futebol Internacional de Limeira-Corinthians.

Os incidentes, ocorridos na cidade de Limeira, a 150 km de São Paulo, iniciaram-se quando o árbitro, José Aragão, expulsou o defesa Costa, da equipa da casa.

Os cerca de 16 000 adeptos do Internacional que se encontravam no pequeno estádio reagiram atirando pedras e garrafas para o rectângulo de jogo e tentando invadi-lo para lincharem Aragão, contra quem já vinham protestando pelo juiz ter marcado uma clara grande penalidade a favor do Corinthians, de que resultou o único golo do encontro. Ao ver que os 20 polícias presentes no estádio não conseguiam conter a multidão enfurecida, Aragão suspendeu a partida e refugiou-se nas cabinas, de onde só saiu passado três horas debaixo de forte escolta policial.

Stanley Matthews na "lista negra"

O antigo futebolista inglês Stanley Matthews integra uma «lista negra» de entidades ligadas ao desporto, pelos seus estreitos laços com o regime racista sul-africano — noticiou a imprensa britânica.

A lista, compilada pelas Nações Unidas, em colaboração com o Comité Olímpico Antiapartheid Sul-Africano, inclui 2 600 desportistas de 51 países, acusados de ligações com a África do Sul.

Matthews, um dos mais célebres futebolistas britânicos de sempre, jogou e treinou clubes sul-africanos depois de terminada a sua brilhante carreira em Inglaterra. Segundo a imprensa britânica, Matthews, actualmente com 70 anos, tentou organizar recentemente um torneio internacional de futebol na África do Sul.

Ciclismo

A "CLÁSSICA" PORTO-LISBOA TERÁ 105 CONCORRENTES

Para disputar a 57.ª edição da «clássica» Porto - Lisboa, que se realizará no próximo dia 10, encontram-se inscritos 105 ciclistas em representação das seguintes 12 equipas: Sicasal, Feirense, Boavista, Ajacto, Esmaltina, Sporting, Garcia-Joalheiro, Salgueiros, Olhanense, Lisboa e Marinha, Sangalhos e Louletano.

Recorde-se que esta importante prova do calendário federativo é mais uma vez organizada pelo «Jornal de Notícias» e entre os favoritos o destaque vai, obviamente, para Marco Chagas, Manuel Cunha, Carlos Santos, Alexandre Ruas, Cayn Theakhston e, entre este grupo, teremos que incluir o velho «Lau» que teima em figurar entre os grandes valores da velocipedia nacional.

Troféu «Joaquim Agostinho»

O troféu internacional «Joaquim Agostinho» em ciclismo terá este ano a participação de quatro equipas estrangeiras e possivelmente das sete melhores profissionais portuguesas, disse em Lisboa o vereador do Desporto da Câmara Municipal de Torres Vedras, em conferência de Imprensa convocada para «apresentar» a prova.

Francisco Manuel Fernandes confirmou a participação das selecções da União Soviética, Polónia, Marrocos e da equipa espanhola da Teka.

Das equipas portuguesas convidadas a participar na primeira prova do ciclismo português inscrita no calendário internacional, apenas o Torreense confirmou, aguardando a organização resposta do Sporting, Ajacto, Boavista, Louletano, Sangalhos, Olhanense e Garcia-Joalheiros. **«É com grande magoa, enquanto organizadores, que sabemos que alguns atletas portugueses não gostam de correr este troféu, alegando que «por influência dos estrangeiros têm de andar mais depressa e repartir com eles o bolo que podia ficar cá»**, disse Manuel Fernandes, grande impulsionador da prova e presidente da comissão executiva.

Dinheiros e apoios

O troféu Joaquim Agostinho Grande Prémio Internacional de Torres Vedras, está orçado em mais de 6500 contos, havendo para prémios mais de 800 contos. O vencedor recebe 120000 escudos, além do troféu.

«Temos o apoio de várias entidades, entre as quais 147 empresas, de cuja receita de publicidades correspondem 55 por cento dos custos da prova», disse ainda o autarca, salientando ainda que «a solidariedade do poder local nesta edição ultrapassou todas as mais optimistas perspectivas», com a colaboração de 29 câmaras municipais e 55 juntas de freguesia.

A prova, a disputar entre 1 e 6 de Julho, terá 860 quilómetros divididos em nove etapas, a primeira das quais um contra-relógio individual de 2,3 quilómetros na Lourinhã.

Bibliografia desportiva

"Lesões de sobrecarga de esforço"

O dr. Leandro Massada, antigo atleta «internacional» em andebol de sete, agora interno da especialidade de Ortotraumatologia do Hospital Rodrigues Semide (Porto) e assistente de Traumatologia Desportiva do ISEF (também do Porto) continua a dar o mais válido contributo à biliografia desportiva, ciclicamente apresentando trabalhos de alta qualidade, como agora acontece com o livro «Lesões de Sobrecarga no Desporto (Fracturas de Fadiga)», n.º nove da excelente colecção «Desporto e Tempos Livres», que o professor Jorge Miguez Araújo dirige para a Editorial Caminho.

Encontrando-se já em 2.ª edição o volume «Lesões Típicas do Desportista» (também da autoria do dr. Leandro Massada) é de inteira justiça salientar que o novo livro é como que um directo complemento da obra anterior. São duas preciosas achegas para todos quantos estão presos ao fenómeno desportivo, nomeadamente nos sectores de apoio aos praticantes, já para não dizer que a eles próprios seriá altamente vantajosa a sua leitura: talvez (assim) se evitassem inúmeras lesões que, quotidianamente, batem à porta dos atletas ou dos simples entusiastas que dedicam algumas horas de lazer à diversão física.

É, realmente, uma dupla de instrumentos de trabalho «da maior importância e utilidade». Numa linguagem corrente e sem reticências, qualquer atleta fica senhor de uma melhor defesa para o seu corpo. Portanto, utilidade a cem por cento em dois livros que mereciam edição oficialmente patrocinada pelos altos organismos que superintendem à Educação Física em Portugal.

Ludens

Prossegue a divulgação pública dos melhores trabalhos apresentados a teste no ISEF e, ao mesmo tempo, outros estudos que vão sendo inseridos na «Ludens», revista trimestral daquele estabelecimento de ensino que, no volume de Janeiro e Março, inclui textos da autoria de José Gomes Pereira («A Fadiga Muscular em Treino Desportivo»), Jorge Castelo («A Marcação em Futebol»), César Peixoto («Ginástica Acrobática»), José Cordovil («Presente e Futuro do Râguebi em Portugal») e Gustavo Pires («Sociedade, Desporto e Planeamento»). Por seu turno, o volume sequente da «Ludens» é uma vasta e bem expressiva homenagem ao saudoso prof. João Evangelista Loureiro, um magnífico repositório dos seus trabalhos mais salientes e, também, análise e testemunhos sobre uma obra imperecível na Universidade deixada por um sábio nascido a 2 de Fevereiro de 1926 (na freguesia do Freixo, concelho de Mira) e que fica pernamentemente inscrito na admiração de milhares de alunos que dele assimilaram a ciência que hoje lhes permite também leccionarem.

Um fulminante ataque cardíaco levou-nos o prof. João Evangelista Loureiro. A sua obra, porém, será sempre recordada. Nessa primeira linha antecipou-se a «Ludens».

N. de S.

ACADEMIA DE INSTRUÇÃO E RECREIO FAMILIAR ALMADENSE

Rua capitão Leitão, 64 — Telef. 2752127 — 2800 ALMADA

AVISO CONVOCATÓRIO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Conforme o disposto no n.º 2 alínea (a) do Artigo 26 dos Estatutos, convoco a assembleia geral a reunir ordinariamente, no dia 12 de Junho, pelas 20.30 horas, na sede desta colectividade, Rua Capitão Leitão, n.º 64, em Almada, com a seguinte ordem de trabalhos

§ PONTO ÚNICO

Apreciação, discussão e votação do relatório e contas da direcção relativo ao ano de 1986 e do respectivo parecer do conselho fiscal

Almada, 29 de Maio de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Álvaro Luís Antunes Pina

NOTA: SE À HORA MARCADA NÃO SE ENCONTRAR PRESENTE NÚMERO BASTANTE DE ASSOCIADOS A ASSEMBLEIA REUNIRÁ UMA HORA DEPOIS EM 2.ª CONVOCATÓRIA.

GEOBRA — GABINETE DE ESTUDOS DE DECORAÇÃO E OBRAS, SARL

CAPITAL SOCIAL 2.000.000$00

Registada na Conservatória Comercial de Lisboa sob o n.º 40 716

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCAÇÃO

Convoco a assembleia geral da Geobra-Gabinete de Estudos de Decoração e Obras SARL, para se reunir em sessão ordinária, às 18 horas, do dia 26 de Junho de 1987, em Lisboa, na Rua dos Açores, n.º 54-1.º, com a seguinte ordem de trabalhos.

1.º **Apreciar e aprovar ou modificar o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e contas e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício em 31 de Dezembro de 1986.**

2.º **Tratar de assuntos de interesse para a Sociedade.**

Lisboa, 1 de Junho de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Eduardo Espínio Paulos

(Engenheiro Civil)

Na sua agenda

Atletismo escolar na Agualva-Cacém

Dando cumprimento ao plano elaborado sobre desporto escolar no concelho de Sintra, no início do não lectivo, vai a Câmara Municipal de Sintra, com a colaboração da Escola Preparatória do Cacém, organizar o I Torneio Escolar de Atletismo de Pista do concelho de Sintra.

Este torneio tem a graciosa colaboração do Ginásio Clube 1.º de Maio de Agualva-Cacém.

A prova realiza-se no dia 7 (domingo), na pista de atletismo do Ginásio Clube 1.º de Maio, e terá início pelas 9 horas e decorrerá durante todo o dia, com os seguintes escalões e provas:

Infantis e iniciados (masc. e fem.): 60 metros, 1000 metros, lançamento da bola e salto em comprimento.

Juvenis (masc. e fem.): 100 metros, 1500 metros, lançamento do peso (3kg) e salto em comprimento.

Juniores e seniores (masculinos): 100 metros, 3000 metros, lançamento do peso (5kg) e salto em comprimento; femininos: 100 metros, 2000 metros, lançamento do peso (3kg) e salto em comprimento.

Todos os participantes receberão um diploma de presença, havendo prémios por classificação individual e colectiva em cada escalão masculino e feminino.

Este torneio será a última actividade deste ano lectivo de 1986/1987, no âmbito do programa de acção sobre desporto escolar no concelho de Sintra.

Vilela e Allegro na Copa Itália

José Vilela e Nuno Allegro constituem a selecção portuguesa que vai participar em Grado, Itália, na Copa Itália, competição reservada a veteranos de ténis, num sistema igual ao da Taça Davis.

I BIENAL INTERNACIONAL DE MARIONETAS EM ÉVORA

Com a representação da peça «Diableries», pelo grupo francês Teatro Louis Richard, terminou domingo à noite em Évora a Primeira Bienal Internacional de Marionetas desta cidade.

A bienal eborense, iniciativa do Centro Cultural de Évora (CCE), com o apoio da edilidade local e subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian, teve início em 22 de Maio com a peça «Os Velhos», pelo grupo argentino «Bululu».

Durante 10 dias, e tendo como palco o Teatro Garcia de Resende, sede do Centro, passaram por aquela sala 17 companhias de marionetas, de vários países da Europa e da América do Sul.

Los Duendes e Marduix-Titelles, ambos de Espanha, e o professor Max Alexander (Inglaterra) foram alguns dos agrupamentos de marionetistas vistos pelos milhares de pessoas que durante os vários dias se deslocaram ao certame.

Pelo palco do Teatro Garcia de Resende passaram, igualmente, os grupos portugueses Trule, Teatro Dom Roberto, Marionetas de São Lourenço, Marionetas de Lisboa e os Bonecos de Santo Aleixo, este último do Centro Cultural de Évora.

Paralelamente, muitos foram os grupos que se exibiram ao público, em especial o infantil, em diversos locais ao ar livre, espalhados um pouco por toda a cidade, em especial no jardim das Canas.

A peça de domingo à noite, recomendada a adolescentes e adultos, constou de duas partes distintas: «A Tentação de Santo Antão» e o «Bamboche».

A primeira, descendente dos velhos mistérios medievais, é um antigo clássico dos marionetistas e a segunda parte de uma pequena peça cómica à volta dos heróis centenários de Lille ou de Roubaix.

Ambos os textos, trazidos pelo Teatro Louis Richard, composto por três marionetistas que usam o método do varão tradicional, foram apresentados em língua francesa e em dialecto picardo.

A companhia Louis Richard deslocou-se a Portugal propositadamente para participar na Bienal, contou com o apoio da Associação Francesa de Acção Artística (AFAA).

Segundo os organizadores, o certame «ultrapassou todas as expectativas», o que leva os seus responsáveis a pensar já na realização da segunda edição da Bienal Internacional de Marionetas de Évora.

Jovens de Alverca recordam Zeca Afonso

A Comisão de Jovens de Alverca iniciou ontem uma homenagem a José Afonso, que vai decorrer nesta localidade até ao próximo dia 13.

A homenagem foi inaugurada com uma exposição sobre a vida e obra do cantor, que estará patente ao público na Casa da Juventude e da Cultura de Alverca. No dia 6, no mesmo local, realiza-se um debate com a participação de Zélia Afonso, José Jorge Letria e Viriato Teles.

A encerrar a homenagem, que conta com o patrocínio da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Jorge Palma dará um espectáculo no Jardim de Alverca.

David Mourão Ferreira recebeu Grande Prémio

O Presidente da República, Mário Soares, disse que «a Literatura Portuguesa é riquíssima e está a atravessar uma fase óptima».

Para Mário Soares, «depois do 25 de Abril de 1974 a liberdade surgiu para a Literatura, pois a inspiração amordaçada, estiola».

O Presidente da República falava sábado em Tróia, no «Estúdio 13» na entrega do Grande Prémio do Romance e Novela de 1986 da Associação Portuguesa de Escritores, ao poeta e escritor David Mourão-Ferreira.

Na cerimónia, em que estiveram cerca de 200 poetas e escritores portugueses, Mário Soares disse que «sem o estímulo da Liberdade os escritores não escrevem, e por isso, treze anos depois do 25 de Abril têm aparecido autores e obras que honram a Literatura Portuguesa, que é das mais dinâmicas da Europa» para o Presidente da República, «a cultura portuguesa está numa fase boa e os nossos cientistas, sem que o País se aperceba disso, estão a avançar ao nível dos grandes cientistas mundiais».

O Presidente da República prometeu apoiar a Associação Portuguesa de Escritores, referindo que «Portugal precisa de uma APE independente e pluralista».

No decorrer da sessão, com a presença de Óscar Lopes, presidente da Associação Portuguesa de Escritores, usou da palavra o escritor Fernando J. B. Martinho, em nome do júri, que justificou os requisitos de «Um Amor Feliz» para ser galardoado.

O Presidente da República entregou a David Mourão-Ferreira o diploma alusivo ao prémio, o escritor Fausto Lopo de Carvalho fez a entrega do troféu e o presidente da APE, Óscar Lopes procedeu à entrega do cheque da importância de mil contos, respeitante ao prémio.

No final, David Mourão-Ferreira, autor de «Um Amor Feliz», obra galardoada, agradeceu a atribuição do prémio, referindo que «ele contribui para a realização afectiva e profissional».

Em declarações à Lusa, o vencedor do Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, David Mourão-Ferreira, disse que «a atribuição do prémio foi, pessoalmente, um grande estímulo para tudo o que desejo ainda escrever».

O autor de «Quatro Estações», «Os Amantes e Outros Contos» e «Um Amor Feliz» disse que «o prémio significa também, e através de mim, a recompensa da literatura portuguesa contemporânea».

«Estou a escrever um ciclo de Poesia, mas espero voltar de novo ao romance», disse ainda Mourão-Ferreira.

Antes de se dirigir para a zona do golfe, onde foi servido um almoço, o Presidente da República e comitiva visitou o complexo turístico de Tróia.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Mín.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	15	14	0,0	P. nub.
V. Castelo	11	11	0,0	P. nub.
Vila Real	13	13	0,0	Limpo
Porto	13	12	0,0	Neblina
Coimbra	13	13	0,0	Neblina
C.Carvoeiro ...	16	16	0,0	Limpo
C. Branco	–	–	–	–
Portalegre	20	15	0,0	Limpo
Lisboa	16	16	0,0	P. nub.
Évora	15	15	0,0	Limpo
Beja	12	12	0,0	Limpo
Faro	19	16	0,0	Limpo
Sagres	16	15	0,0	Limpo
P. Delgada	16	16	0,0	Neblina
Funchal	18	18	0,0	Limpo

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 27, Porto 20, Faro 24, Ponta Delgada 20, Funchal 28.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Mín.	Às 13 h.
Madrid	15	14	Limpo
Londres	13	12	Muito nub.
Paris	12	10	Muito nub.
Bruxelas	11	10	Chuvisco
Amesterdão. ...	13	11	Neblina
Genebra	10	7	M. nub.
Roma	15	12	Neblina
Oslo	9	8	Chuvà
Copenhaga	8	8	Chuva
Estocolmo	9	8	Chuva
Berlim	11	10	Muito nub.
Viena	14	11	Muito nub.
Varsóvia	10	6	Aguaceiros
Atenas	18	16	Neblina
Moscovo	16	8	Pouco nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Mín.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	20	28	Nublado
Joanesburgo ...	9	21	Limpo
Los Angeles	15	29	Limpo
Montreal	20	26	Chuva
Nova Deli	30	41	Limpo
Nova Iorque ...	24	35	Chuva
R. de Janeiro ..	14	26	Nublado
S. Francisco ...	14	20	Limpo
São Paulo	12	21	Nublado
Tóquio	19	29	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ

EUROPA ÀS 6 HORAS

TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado nas regiões do Norte, onde poderão ocorrer períodos de chuva fraca no litoral. Vento geralmente fraco. Neblina e nevoeiro matinais. Pequena descida da temperatura máxima nas regiões do Norte.

Estado do mar:

***Costa ocidental:* Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de noroeste de um a dois metros.**

***Costa Sul:* Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.**

Nos Açores:

Grupo Ocidental: Céu muito nublado. Vento fresco de sudoeste. Períodos de chuva fraca.
Grupo Central e Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de leste.

***Estado do mar:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de oeste de três metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de nordeste.

***Estado do mar:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação norte de um a dois metros na costa Norte e inferior a um metro na costa Sul.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, tornando-se muito nublado na região Noroeste, onde poderá ocorrer chuva. Neblinas e nevoeiros matinais.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral a norte do Tejo, onde também poderão ocorrer nevoeiros.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
7.39	3,2 m	12.59	1,6 m
19.52	3,3 m		

Amanhã

8.27	3,1 m	1.41	1,6 m
20.41	3,2 m	13.52	1,7 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• *Informação da agência Lusa*

TEATRO TAGANKA À ESPERA DE LIUBIMOV?

Exclusivo Novosti - DL

O realizador de cinema Nikolai Gubenko foi eleito director do Teatro Taganka, o mais importante colectivo teatral da URSS que sob a direcção de Liubimov, actualmente exilado no Ocidente, se colocou na vanguarda da arte dramática mundial. Antigo elemento da companhia que trabalhou sob as ordens daquele polémico encenador, a sua escolha parece ser uma tentativa do colectivo, profundamente abalado por questões internas, para recuperar a coesão e a tranquilidade perdidas.

Nicolai Gubenko, o novo director do «Taganka»

Iuro Liubimov quando era director do Teatro Taganka

Numa época em que a URSS vive transformações profundas cujos reflexos se têm feito sentir, com grande intensidade, no sector cultural e muito principalmente no teatro e no cinema, o regresso ao «Taganka» de Liubimov, um dos mais conceituados encenadores da actualidade, tem sido ventilado tanto pela Imprensa Ocidental como soviética.

Liubimov, demitido do cargo de director do teatro e privado da sua cidadania em 1984, no ano seguinte a ter deixado o país para trabalhar em Inglaterra, declarou ter sido contactado em 6 de Janeiro passado por um adido da embaixada soviética, em Washington, para voltar a Moscovo.

Até à data o contacto não deu quaisquer frutos. E mesmo a morte, a 15 desse mesmo mês, de Anatoli Efros, designado para substituir Liubimov em 1984 não provocou, como muitos esperavam, o regresso do encenador.

Parece, no entanto, significativo, que o prestigiado lugar de director do «Taganka» tenha sido agora ocupado por um antigo actor do teatro que se estreou nos palcos e ascendeu a figura de primeiro plano sob a direcção de Liubimov.

Nikolai Gubenko estreou-se em 1964 como actor no Teatro do Drama e da Comédia Taganka, na primeira peça encenada por Liubimov, «A Boa Alma de Sechuão». Este espectáculo e «Dez Dias que Abalaram o Mundo», adaptado da obra homónima de John Reed, marcaram o início da carreira fulgurante do encenador assim como de Gubenko que se tornou um actor «pivot» da companhia.

Em 1968, Gubenko entrou na faculdade de realização do VGIK mas continuou a representar no «Taganka», até 1970.

«As Órfãs», em 1971, marcou a sua estreia como realizador. Rodou mais quatro filmes entre os quais «Da Vida dos Veraneantes» e «A Vida, as Lágrimas e os Amores» premiados em Chicago, Bruxelas, Teerão e Rio de Janeiro. A segunda película obteve o prémio da Igreja Católica.

Gubenko encontrava-se a rodar «Área Proibida» quando foi convidado pelo «Taganka». Mas apesar de ter sido eleito por unanimidade, e não designado por entidades oficiais como era hábito antes dos ventos da democratização começarem a soprar na União Soviética, isso não quer dizer que o novo encenador consiga apaziguar um colectivo marcado por divergências profundas e manter-se, tranquilamente no lugar.

Em busca de valores perdidos

Numa entrevista que concedeu ao «Nouvelles de Moscou» declarou Gubenko:

«Já preveni a companhia. Não a divido em grupos, alas ou partidos. Para mim o colectivo é a história do seu passado e do seu presente e é necessário que se oriente para o futuro. Se formarmos um grupo coeso tudo irá bem; mas se cada um de nós continuar a viver encerrado no seu pequeno mundo individual e mesquinho, isso significa que este organismo foi vencido, já não é mais um ser vivo. Então um novo director deverá vir para o teatro para lhe impor um novo programa! Se a 'troupe' aceitar a minha direcção e for capaz de se unir em nome dos grandes ideais que já serviram e devem continuar a servir a divisa ao 'Taganka' e esquecer as paixões e intrigas que a dilaceram e invadiram o teatro, em geral, desde o vigésimo ano da sua existência, então ficarei!.»

Vigésimo ano. Alusão subtil a 1984, ano em que o teatro assinalou a sua fundação, vinte anos antes, por A. Plotinikov e em que Liubimov foi destituído e perdeu a cidadania.

Referindo-se às razões da sua escolha, disse o novo director do «Taganka»: «Compreendo perfeitamente que não sou ainda encenador principal do teatro. A companhia teve, provavelmente, necessidade de mim enquanto pessoa que lança uma ponte para épocas passadas, alguém em quem deposita a esperança de encontrar valores perdidos pelo teatro ao longo destes últimos anos.»

Segundo o cineasta, «esses valores, do ponto de vista profissional são, antes de mais, a capacidade para evoluir colectivamente, a abnegação em nome de uma causa comum, o devotamento total ao palco».

«Houve uma época, em que o teatro se soube impor precisamente devido à sua penetração profunda na realidade, graças às ideias que proclamava, sublinha o cineasta recordando que no passado, funcionou no 'Taganka' uma espécie de 'brain trust', um grupo de assessores que compreendia comentadores políticos, pintores, escritores e compositores que ajudaram a companhia a elaborar o seu programa de intervenção activa nos processos que se operavam no exterior.»

«É certo que isso chocava muita gente mas o teatro lutou porque a arte é sempre a luta pela afirmação de certos valores. O nosso teatro levantou-se e vai continuar a levantar-se contra aqueles que tentam conservar-nos no quadro de uma consciência envelhecida, de um espírito de conciliação e de submissão que reinava ainda ontem. Temos a intenção de regressar à forma jornalística baseando-nos tanto na literatura contemporânea como na clássica.»

Levar à cena obras que foram retiradas do repertório do teatro como «Margarita e o Mestre», de Bulgakov, «Escutem» ou os «Os Vivos» e encenar peças baseadas em criações de autores que durante muitos anos foram considerados «não gratos» pelas entidades oficiais entre os quais Pasternak, Tvardovski, Anna Akhmatova e o poeta e cantor Vladimir Vyssotski, está nos planos do novo director do «Taganka», recorrer de novo ao «brain trust» para dar um interpretação teatral às realidades da sociedade soviética.

Bibliotecários querem política nacional de informação

A necessidade de se traçar uma política nacional de informação foi uma das principais conclusões do II Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, que decorreu em Coimbra.

A instituição de uma política nacional de informação passaria, entre outras medidas, por criar uma base nacional de dados bibliográficos e bases sectoriais a nível nacional.

«A informação deve ser encarada como um recurso nacional colocado ao serviço dos planificadores económicos e dos agentes culturais», salientou a propósito a secretária-geral do congresso, Lúcia Veloso.

O Congresso considerou ainda que se regista em Portugal uma fraca utilização dos meios informáticos colocados à disposição dos utilizadores, nomeadamente no que respeita a bancos de dados e bases, o que exige um esforço no sentido de sensibilizar as pessoas para esses recursos.

«É necessário preparar o utilizador para o fazer sentir a necessidade da informação, começando, se possível, nas escolas préprimárias» — referem as conclusões.

Sublinham ainda que a permuta de informação faz sobressair a necessidade de uma normalização terminológica no campo da informação e das linguagens científicas.

No capítulo da gestão do património arquivístico nacional, o congresso salientou a necessidade de ser aprovada uma lei de bases de arquivos e estabelecida uma rede nacional.

Recomendou também a coordenação dos diferentes organismos do Estado com responsabilidades no planeamento e administração da documentação de arquivos, bem como o intercâmbio entre arquivos municipais e distritais no sentido de serem criadas tabelas de selecção, planos de classificação e organização comuns a estas instituições.

Sublinhou igualmente a necessidade de se estabelecer uma política nacional de preservação e gestão da documentação fotográfica, e ainda a criação de um serviço de informações sobre matéria arquivística junto de todos os arquivos portugueses.

Segundo o Congresso dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, no desenvolvimento de uma política nacional de leitura pública deve ser tomado em linha de conta o problema da coordenação de apoio aos deficientes.

OCIDENTAL E CRISTÃS

Carlos Porto

UMA NOITE EM CHEIO, **de Stephan Poliakoff. Tradução:** Artur Ramos. **Encenação:** João d'Ávila. **Cenografia:** José Manuel Castanheira. **Figurinos:** Augustus. **Técnica vocal:** Maria do Rosário Coelho. **Interpretação:** Ângela Pinto, Isabel Bernardo, Durval Lucena. **Vozes:** Mário Andrade e Miguel Abreu. **Grupo Metrópolis. Estreia:** Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II/**26.05.1987.**

Mesmo contra vontade sou obrigado a recorrer aos chavões que tão atacados são como reflexos da esquematização da realidade, o que é incompatível com a complexização que a vida impõe. Este chavão bastante fora de moda, reconheço: a de que um espectáculo teatral, ou qualquer outra manifestação artística, pode transmitir a imagem de uma sociedade, neste caso, pode ser uma imagem da sociedade ocidental e cristã em que vivemos. Mas a verdade é que uma peça de teatro que nos chega de Londres, de um autor jovem (35 anos), com personagens e situações que se pretendem representativas duma determinada condição social, não pode ser vista isoladamente, como um jogo sem significado; pelo contrário, parece-me, tudo nele nos conduz ao seu relacionamento com o contexto em que surge, à sua leitura como forma teatral de um mal-estar social, que é também político e cultural, a que não se pode fugir. Infelizmente, para um espectador de teatro estes dados, por mais importantes que sejam, e são-no, não bastam: é uma peça de teatro que ele procura, não um tratado político ou sociológico, mesmo involuntário, e a peça que descobre é demasiado débil, demasiado pobre para ser o discurso que o tema pedia. Mesmo que seja possível detectar nela algumas virtualidades, o balanço final, a meu ver, é negativo. Embora, repita-se, haja nela sintomas fortes, sob o ponto de vista sociológico e político, de uma realidade que interessa conhecer.

No centro do drama, duas personagens jovens: Clare (Ângela Pinto) e Steve (Durval Lucena), irmãos e amantes; uma terceira personagem, Nicole (Isabel Bernardo), uma jovem encontrada por acaso, funciona como ecrã entre ambos, acabando por ser anulada.

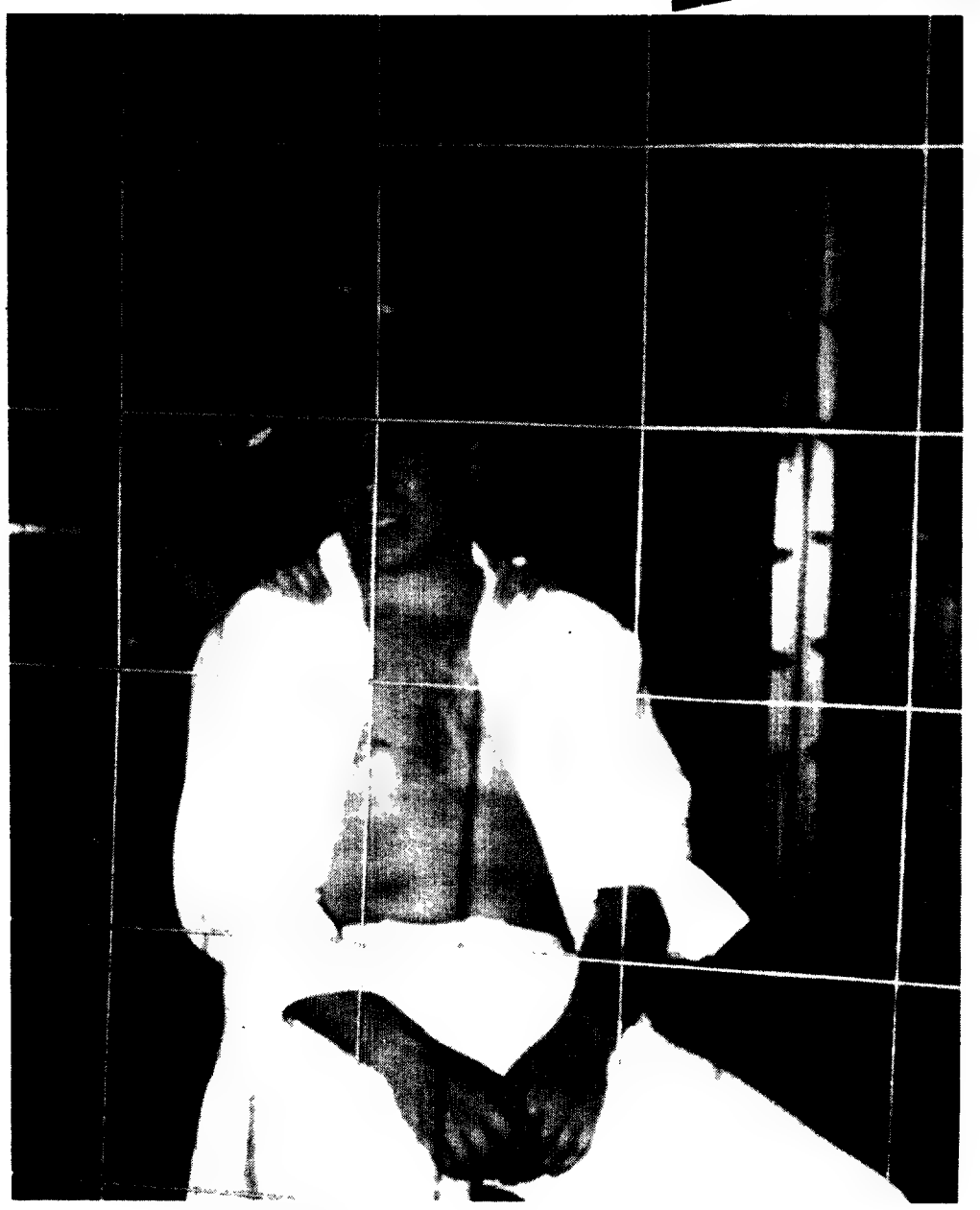
Distingamos as duas personagens: ele, estudante de arquitectura, antigo revolucionário, terrorista, embora se possa admitir que o seu bombismo seja apenas imaginário (mas o seu conhecimento das bombas que rebentaram ou vão rebentar é só poético?); viciado na droga; ser fraco, que não aceita o mundo em que vive (os ruídos, o mau gosto, a hipocrisia, a fealdade urbana, a solidão). Tem um sonho: fugir com a irmã, matar gente e depois serem ambos mortos pela Polícia (sonhos de gangsterismo romântico tão cinematográfico, como «Bonny & Clyde»); aceita as propostas da irmã, mas é evidente a sua perturbação e o seu mal-estar (as suas relações com a mãe parecem também significativas).

Ela — modelista de profissão, muito mais segura, assumindo sem complexos a sua vocação incestuosa, recusando a droga do irmão, mas ajudando-o a ultrapassar a sua óbvia paranóia.

Basta lembrarmo-nos dos «jovens irados» dos anos 60, de que John Osborn foi uma figura paradigmática, e de como a ira se transformou em revolta, e como uma e outra se transformaram em teatro, para se calcular a disparidade entre um texto (o de Osborn) e este de Poliakoff. Disparidade em relação à filosofia em acção, e no que se refere à sua passagem a acto teatral. No primeiro caso, porque varrida por um capitalismo que soube chamar a si os arautos intelectuais — com fumos de reflexão do mundo — que dominam os órgãos de informação e as cátedras universitárias, e com eles eliminar quaisquer margens possíveis de esperança — mesmo que fosse numa Revolução utópica. E sem esperança a juventude, esta juventude, cai inexoravelmente nisto: a solidão, a droga, o terrorismo, o incesto (cujos valores morais não estão aqui em causa) — para acabar em paranóia e provavelmente na morte.

Mas estas duas personagens, nesta encenação, nesta interpretação, pelo menos (e não obstante o que nos pareceu ser o bom texto do tradutor, Artur Ramos) não chegam a atingir aquela zona de inquietação, de angústia, de extrema desolação, sem o que as situações em que estão colocadas nos parecem falsas, artificiais, inconvincentes. Por outro lado, a agressividade, o clima que se esperaria insuportável, não chegam ao espaço, não obstante a engenhosa criação cenográfica de José Manuel Castanheira, sem dúvida um dos primeiros cenógrafos portugueses, criando duas zonas de representação, uma dentro da outra, constituídas por arame, como se se tratasse de barreiras de um campo de concentração (aliás, todos os elementos cenográficos são trabalhados nesse material) que sinaliza modelarmente o universo concentracionário em que as personagens estão metidas; só a parede do fund funciona como um muro para os «graffitti», zona autorizada para que os jovens se libertem da sua ira, não a aplicando contra o poder.

Dizia que nem a encenação nem os intérpretes conseguiram criar tensões suficientemente fortes para que sentíssemos na pele, nas vísceras, aquilo que as próprias personagens deveriam sentir. Mas é que a arte do teatro é de facto complicada. Veja-se este pormenor: nota-se que houve uma certa dificuldade em



vestir/despir as personagens (embora sejam adequados os figurinos de Augustus), e o espectáculo ressente-se disso. Na parte final, ainda longa, Durval Lucena tem um lençol a tapá-lo, lençol que o actor tem dificuldade em «vestir»; e então o espectador deixa de seguir a personagem para passar a preocupar-se com o problema que o uso do lençol põe ao actor.

Tanto quanto me pareceu, só o cenógrafo esteve dentro da jogada (peço desculpa: o Porto está a ganhar!): tanto o encenador, como os intérpretes passaram ao lado do texto, só o entenderam por fora. O texto parecia exigir outro tipo de jogo.

Tanto Ângela Pinto como Durval Lucena são, no entanto, intérpretes estimáveis, talvez desencontrados em relação às personagens (embora Durval Lucena consiga por vezes exprimir alguma da angústia de Steve). A jovem Isabel Bernardo parece ter algum poder comunicativo, torna verosímil uma personagem que não chega a encaixar-se no xadrez. Digamos que o seu jogo é o do peão que não influi no xeque-mate, que, aliás, não chega a surgir.

Não significa o que fica dito que este espectáculo não mereça, embora com reservas, a atenção do espectador, neste caso, do leitor. É a essa atenção que o espero concitar, apesar de tudo.

Os bonecos que falam picardo

CHÈS CABOTINS D'AMIENS, de Maurice Domon, pelo Théâtre d'Animation Picard. Instituto Franco-Português, 25.5.1987.

A caminho de Évora, onde ia participar na I Bienal Internacional de Marionetas, passou por Lisboa o grupo Théâtre d'Animation Picard, com o espectáculo «Chès Cabotins d'Amiens», que poderá traduzir-se por «As Marionetas de Amiens». A cidade de Amiens, capital da Picardia, é considerada a capital francesa do teatro de bonecos, velha tradição que se mantém muito viva.

Um membro do grupo numa charla bem disposta, apresentada antes do espectáculo, chamou a atenção para a importância do dialecto picardo e da influência que exerceu e continua a exercer na evolução da língua francesa, falando ainda da história do grupo e do seu herói, anti-herói, Lafleur.

Trata-se, pois, de uma manifestação, aliás bastante interessante, de uma expressão regional, linguística (personagens há que só «falam» picardo), uma outra maneira do teatro de marionetas comunicar, uma outra pista para o entendimento da sua riqueza. Neste caso, o grupo abriu ainda mais o já diversificado leque das propostas apresentadas no grande festival que foi a I Bienal Internacional de Marionetas de Évora.

O espectáculo apresentado em Portugal divide-se em três partes, de que apenas pude ver as duas primeiras. Usando a técnica do fio, como a dos nossos Bonecos de Santo Aleixo, as marionetas de Amiens representam histórias do quotidiano tendo como figuras principais Lafleur e sua mulher. Uma das histórias, curiosamente, evocava uma das cenas da célebre farsa de Mestre Patelin.

Neste espectáculo é de sublinhar o cuidado, o rigor das minúsculas cenografias utilizadas, assim como do respectivo vestuário, luz, vozes (por microfone), manipulação.

Espectáculo interessante como projecto e como realização, pelo menos nas duas partes que vimos, «Chès Cabotins d'Amiens» não atinge um nível excepcional de criatividade. Nem por isso a Sofia, encantada com os bonecos e com a pequenez dos objectos das cenas, quis deixar de ver tudo até ao fim, embora as horas do jantar tivessem passado há muito. É que, como já contei no «DL», o horário do espectáculo foi retardado em razão da demora da desalfandegação do material do espectáculo. Coisas que acontecem ao teatro em Portugal mesmo em tempo de CEE.

Aventuras de uma boneca

A HISTÓRIA DE UMA BONECA ABANDONADA, **de Alfonso Sastre, pelo** O Zona Dois — Grupo de Teatro de Chelas. **Adapt./Enc./Cen.:** Geraldo Tuché. **Colaboração:** Silvina Santos. **Int.:** Conceição Santos, Lourdes Silva, Paula Paulino, Artur Figueiredo, João Paulo Silva, Octavio Rocha. **Teatro da Trindade / 3.05.1987.**

O Zona Dois — Grupo de Teatro de Chelas — levou ao Trindade um trabalho dirigido por Geraldo Tuché sobre a peça de Alfonso Sastre «História de uma Boneca Abandonada», adaptação para crianças de «O Círculo de Giz Caucasiano», de Brecht.

O mais importante de um espectáculo como este não é o resultado obtido em termos artísticos mas o trabalho que está por trás desse resultado, neste caso o trabalho realizado por Geraldo Tuché numa zona esquecida de Lisboa, um daqueles lugares inóspitos para onde as pessoas são atiradas em deficientes condições de sobrevivência, de vida. Tendo conseguido criar um grupo de jovens amadores, a partir de uma escola, Tuché levou ao local (e pratica) a animação que devemos considerar muito importante.

A adaptação da peça de Sastre, adaptação de uma adaptação, foi talvez feita em função das possibilidades do próprio grupo e do público a que se dirigia. Aliás, um espectáculo como este perde bastante, ao que suponho, deslocado do seu espaço vivencial, pois é das suas relações com o meio que fundamentalmente vive.

A adaptação de Tuché pareceu-me nitidamente redutora do original espanhol, embora o espectáculo tivesse alguns elementos interessantes, como a cenografia, e o trabalho modesto, simples, mas comunicativo, dos intérpretes.

Alfas Triplex

— T. 806496

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.45 e 00.15 h

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

O MENINO DE OURO
(maiores 6 anos)
14.30 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Alfa Club

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

SALVADOR
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

EM DEFESA DA NAÇÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24 h

Apolo 70

EM DEFESA DA NAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila

— T. 539930

STAND BY ME — CONTA COMIGO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

JOGOS ERÓTICOS
(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme português «REPÓRTER X», realizado por José Nascimento, em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

Capitólio

— T. 372358

SEXO É OUTRA MÚSICA
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

AS NOITES QUENTES DE DALLAS
(Porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45 e 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

ILOANE A REVOLTA DO HERÓI
(n/acons. m. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

ALARME MORTAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

ACTO DE VINGANÇA
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

Sala de Arte

SEM PERDAO
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

FORA DOS LIMITES
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

SEM PERDAO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

COMANDO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

ESPIÕES COMO NÓS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

REPÓRTER X
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

AT CLOSE RANGE — HOMENS À QUEIMA-ROUPA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O NOME DA ROSA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

APOCALYPSE NOW
(maiores 16 anos)
16.00, 19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

JUSTIÇA IMPLACÁVEL
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

A MANHÃ SEGUINTE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

AS VIOLETAS SÃO AZUIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

DESAPARECIDO EM COMBATE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

INICIAÇÃO DE VIRGENS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Politeama

T. 326305

JUSTIÇA IMPLACÁVEL
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

O MEU CASO
(de Manoel de Oliveira)
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O VERÃO ASSASSINO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

O REPORTER X
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O ULTIMO GUERREIRO DO ESPAÇO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

CONTA COMIGO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
MISSING — O DESAPARECIDO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma

T. 889192

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

CHEGA-LHE... AMIGO!
(n/acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

A LOJINHA DOS HORRORES
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

A LOJINHA DOS HORRORES
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

DUMA VEZ POR TODAS
(maiores 16 anos)
15.00,18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

CONTA COMIGO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmania

— T. 880808

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon

T. 368480

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Selvagens da Rua», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «A Manhã Seguinte», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «A Mulher do Patrão», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — Encerrado para descanso do pessoal

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «O Menino de Ouro», às 15.30, 18.00 e 21.30 h (maiores 6 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Filhos de Um Deus Menor», às 21.30 h (maiores 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «Nove Semanas e Meia», às 15.30 e 21.30 (maiores 18 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Dois Policias a Solta», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGES — Cinema 2000 — «O Lutador», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Sem Perdão», 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Rei dos Gazeteiros», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Alarme Mortal», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Vida é Assim», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «O Crocodilo Dundee», às 15.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)

Sala 2 — «Homens à Queima-Roupa», às 15.30 e 21.30 (maiores 18 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Platoon — Os Bravos do Pelotão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «O Sargento de Ferro», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «A Joia do Nilo», (maiores 6 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «A Noite dos Facas Longas», às 21.30 h (maiores 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Os Duros», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Fogo Contra Fogo», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Lutador», às 15.00 e 21.15 (maiores 12 anos)

HEMSWORTH NA GALERIA CÓMICOS

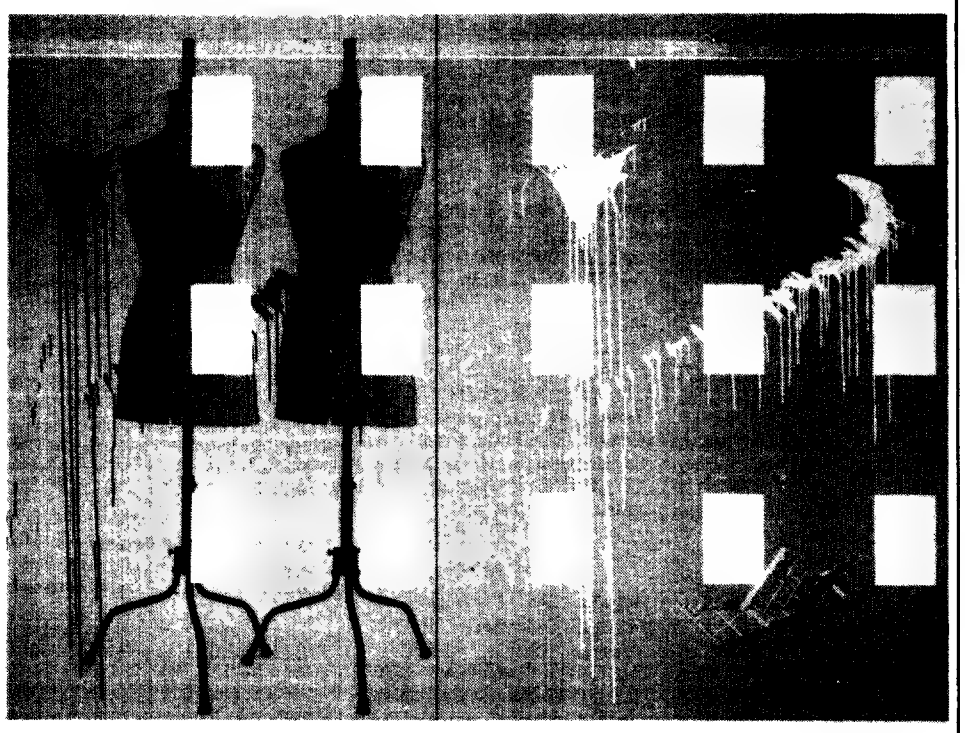
Gerard Hemsworth, um dos mais influentes artistas britânicos da sua geração, inaugura hoje a sua mais recente exposição, na Galeria Cómicos, na R. Tenente Raul Cascais, 1-B, a S. Mamede.

Integrado no programa de convites a artistas estrangeiros que aquela galeria vem promovendo, Gerard Hemsworth está em Lisboa para apresentação dos seus trabalhos, o que constitui um acontecimento na cena das artes plásticas nacionais.

Sobre o trabalho do artista, escreveu Paul Filmer: «A cultura da modernidade balanca entre entre os clichés do significado (modernismo) e da representação (realismo). Hemsworth iriniza ambas através de técnicas de montagem e colagem - pintável é certo, porque todos os seus trabalhos são pintados». A representação da imagem fotográfica é utilizada numa aparente superficialidade sendo os termos de referência previamente escolhidos.

A dictomia entre texto e imagem, objecto e representação ou ilusão e realidade como meio para investigar a natureza, a linguagem e os códigos da arte encontram, nos dípticos ou trípticos agora apresentados em Lisboa, o seu objectivo principal mantendo–se, contudo, a sua atitude conceptual que evidenciou nos seus trabalhos anteriores.

Esta exposição, que estará patente ao público até 4 de Julho, é apoiada pelo British Council e, ao abrigo da Lei do Mecenato, pelo Restaurante S. Jerónimo. Pode ser visitada diariamente (excepto domingos e feriados) entre as 15 e as 20 horas.



Uma pintura recente de Gerard Hemsworth

Postal de José Eduardo Rocha

EXPOSIÇÕES

GALERIA COMICOS (R. Tenente Raul Cascais, 1B a S. Mamede): em cooperação com a Galeria Anthony Reynolds de Londres, o apoio do British Council e o patrocínio do Restaurante S. Jerónimo, pinturas recentes de Gerard Hemsworth. Patente até 4 de Julho, todos os dias excepto domingos e feriados, das 15 às 20.

ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca): exposição colectiva «Nem Bonecos, Nem Brinquedos», de pintura, desenhos e objectos da autoria de Armanda Duarte, Conceição Ramos, Hugo Ferrão, Isabel Marques, Leonor Serpa Branco, Maria Bela Garnel, Rui da Rosa e teresa Vasconcelos. Patente todos os dias até 24 de Junho, das 10 às 20.

PALÁCIO DOS CORUCHEUS (R. Alberto de Oliveira, Alvalade): Pintura de Nuno Henrique de Castro até 15 de Junho, de segunda a sexta das 15 às 18, sábados e domingos das 15 às 19.

ESPACE ALLIANCE (R. Braamcamp, 13-1º): A Alliance Française apresenta «Mário Botas em francês», aguarelas e desenhos a tinta da China legendados em francês pelo artista.

GALERIA DA LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): A Livraria Barata e o British Council apresentam a exposição «Computers and their applications». Com a colaboração da Centrel, IBM e Transdata, estão agendadas as seguintes conferências: dia 2 às 18,30 «Aplicação dos computadores no ensino da língua» pelo prof. Robert Cuizzy; dia 3 às 18,30, «Aceso às base de dados e serviço de videotex», pelo eng. José Franco; dia 5 às 18,30, «Tecnologia de informação, evolução tecnológica», pelo eng. Luís Filipe Penedo; dia 8 às 18,30, «Edição electrónica», pelo dr. Francisco Pereira do Valle; dia 9 às 18,30, «Computer integrated manufactoring», por Fernando Penim Redondo.

GALERIA DO CASINO DO LUSO: Pintura de Margarida Tenreiro até 15 de Junho, no âmbito do Programa de Animação Cultural ali decorrente.

GALERIA NEUPERGAMA (Torres Novas): Pintura de Chichorro, Guilherme Parente e Joaquim Baltazar até 21 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 17 às 18, domingos das 17 às 18.

GALERIA ANA ISABEL (R. da Emenda, 111-1º): Pintura de Fala Marian até 27 de Junho, das 14 às 19, todos os dias excepto domingos.

GULBENKIAN (Exposições Temporárias): Joias de Ana Fernandes .

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira-Alvalade): Escultura de Graça Costa Cabral até 20 de Junho, todos os dias excepto domingos das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados só das 15 às 19.

MUSEU MUNICIPAL DE ELVAS: Pintura de Ana Branca «Paisagens Deaabitadas», até 15 de Junho.

PALÁCIO D. MANUEL (Évora): «Exposição de Artes Plásticas - Unidade», promovida pela CDU (Coligação Democrática Unitária), com obras de João Hogan, Rogério Ribeiro, Rogério Amaral, Álvaro Perdigão, Guima, José Bizarro, Américo Moura, Manuel Dias, Isabel Cabral, José Rodrigues, Aníbal Falcato, J. Paiva, António Fernando, Vergílio Domingues, Helena Cabral, António Andrade, Henrique Silva e Carlos Reis. Até domingo dia 31, das 10 às 20.

IAM-GALERIA (R. da Misericórdia, 92-1º): em colaboração com o British Council, exposição do pintor britânico Patrick Protckor, com trabalhos executados durante a visita da rainha Isabel II a Portugal. Até 30 de Junho, das 11 às 13 e das 15 às 20.

GALERIA OLHARTE (Calçada do Cardeal, 18): Pintura de Francisco Gingeira com o título «Stand By» aberta ao público até 20 de Junho, das 116 às 20, todos os dias excepto segundas-feiras.

INTER-ATRIUM (Av. da Boavista, 1471-Porto): Cerâmica de Eduardo Constantino até 14 de Junho, de segunda a sábado das 10,30 às 19,45 e das 21 às 23, domingos das 14,30 às 20.

BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande, 83): A Galeria R75, em colaboração com a Biblioteca Nacional, apresenta a exposição de óleos de Catarina Castel-Branco, até 12 de Junho de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 14 às 17.

ARTEMIXTA - GALERIA DE ARTE (R. de S. Domingos à Lapa, 6): Escultura de Jorge Ultra Machado.

GALERIA MUNICIPAL DE ARTES VISUAIS (Viseu): exposição de «arte plástica-postal» com trabalhos de José Eduardo Rocha, até 9 de Junho.

GALERIA MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): Escultura de Fernanda Fragateiro até 21 de Junho, de terça a domingo das 15 às 20. Até 15 de Junho, no mesmo horário, esculturas recentes de António Matos.

CENTRO DE ARTE MODERNA (Gulbenkian): até 11 de Junho, uma exposição de Alberto Lacerda sob o lema «O Mundo de um Poeta» Trata-se de uma mostra sui generis, com quadros que pintores foram oferecendo ao poeta, radicado em Londres, ao longo da sua vida. Expostos no CAM quadros de Vieira da Silva, Júlio Pomar, Almada Negreiros, Jorge Martins, Hockney, Paula Rego, etc. Patente todos os dias excepto segundas-feiras.

GALERIA TRIANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): Pinyura, desenho e aguarelas de Felipa Lobato até 20 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): Pintura de Christine Hélène até 20 de Junho.

GALERIA FRAUDE (Tv. dos Inglesinhos, 49): Exposição com trabalhos do pintor Christian David e do designer de moda Rui Duarte, até 3 de Junho.

GALERIA ESCADA-

CENTRO DE ARTE (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): Pintura e desenho de Graça Morais, João Vieira, José Guimarães, Meneses e Paula, até 3 de Junho de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 17.

GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): Escultura de Noémia Cruz até 12 de Junho, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): exposição de homenagem ao arquitecto Francisco da Conceição Silva.

GALERIA DE ARTE DE TAVIRA: Pintura de José Passos até 12 de Junho, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19.

POUSADA DO CASTELO DE PALMELA: Pintura de António Viana até 28 de Junho.

JUNTA DE FREGUESIA DE SANTIAGO (Lisboa): Pintura de Paula Carmelo até 6 de Junho.

TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO (Monte Estoril): Pintura de Emília Nadal organizada pela Câmara de Cascais, até 14 de Junho, todos os dias das 15 às 20 excepto segundas-feiras.

GALERIA A. S. (R. das Flores, 60): Pintura de Lopes da Cruz com o título «Pequeno Mundo», até 4 de Junho de segunda a sábado das 13 às 19,30.

GALERIA LAPUB (Figueira da Foz): Pintura de Maria Gabriel até 7 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 18 e das 21 às 23, sábados e domingos das 15 às 19.

GALERIA BAR (R. da Imprensa Nacional, 34): a «Entre Telas» apresenta uma exposição de Teresa Barbieri, patente até 13 de Junho, de segunda a sexta das 17 às 20, sábados das 22 às 2.

RITZ CLUBE (R. da Glória, 57): desenhos e esculturas de Rui F. Pimentel.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): exposição com trabalhos de Z. Risques Pereira.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: desenhos de Francisco José Simões até 4 de Junho.

GULBENKIAN (Exposicões Temporárias): Pintura de Arpad Szenes subordinada ao tema genérico «Luz-Portugal».

ALCANENA (átrio da Câmara Municipai): exposicão de fotografias de Miguel Simão, integrada nas comemorações do 73º aniversário do concelho.

CONSTANCIA: com organização da Câmara Municipal, uma exposição de José Coelho (Pintura e Escultura) até 10 de Junho, patente aos sábados, domingos e feriados.

CETARIA-GALERIAS DE ARTE (Setúbal): até 18 de Junho, gouaches de Boavida Amaro, de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.

ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL: exposição permanente, que tem como objectivo representar o município, histórico e actual, na multiciplidade dos seus aspectos: geográficos, geológicos, históricos, económicos, sociais, políticos e culturais.

GALERIA CHAGAL (Leiria): até 6 de Junho, aguarelas de João Martins, de segunda a sábado das 15 às 20.

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): monotipias de Maria Teresa Folha até 3 de Junho, de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.

GALERIA ARTEX (r. Nova do Almada, 85): Pintura de Jorge Marcel até 4 de Junho, nos dias úteis das 9 às 13 e das 15 às 19.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: objectos texteis de Teresa Segurado Pavão, até 21 de Junho.

ESPAÇO DO PINTOR (R. de S. Nicolau, 119-2º): pintura, gravura e desenho de Marília Viegas até 5 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 19.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO: Teles**, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Belo**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. A-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **LICEU PEDRO NUNES: Janeiro**, Av. Álvares Cabral, 96-100 (T. 661453); **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 2-I (T. 7584144); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo**, R. do Olival, 290 (T. 661003); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **ROSSIO: Estácio**, Rossio, 60-63 (T. 327067); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SANTA BÁRBARA: Romano Baptista**, R. Passos Manuel, 6-10 (T. 570593); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Santa Marta**, R. Dr. Manuel P. Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243720). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, R. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2430100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Louro**, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Permanente; **Bocageana**, R. do Romeu (T. 23425). Permanente; **Oliveira Rodrigues**, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31567). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Permanente; **Dias & Brito**, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 4940188). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Permanente; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

TEATROS

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

6.ª e sábado, às 23.00 **Sala Café Concerto**

«FARSA VOCÊ MESMO!», de Carlos Paulo, Abel Neves e Jaime Calheiro. Interpretação de Almeno Gonçalves, Amélia Videira, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Manuela Couto e Paulo Ferreira.

Sala 2 Sábado e domingo, às 15.00

«A VIAGEM», de Sophia de Mello Breyner Andresen. Adaptação cénica de João Brites, pelo Teatro «O Bando».

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

Sala Experimental

«UMA NOITE EM CHEIO», de Stephen Poliakoff. Encenação de João d'Ávila. Interpretação de Ângela Pinto, Isabel Bernardo e Durval Lucena.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 18.30; domingos, às 17.00

«QUEM TEM FARELOS» e **«O PRANTO DE MARIA PARDA»**, de Gil Vicente. Pelo Teatro Ibérico. Criação colectiva com a coordenação cénica de Branco Xil.

Algés — Palácio dos Anjos

Sextas e sábados, às 21.30

«HUMILHADOS E OFENDIDOS», de Dostoievski. Pelo 1.º Acto, Clube de Teatro Autónomo. Encenação de Armando Caldas.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«ESCRITA EM DIA». Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 21.30; 6.ªs, sábados e domingos, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES». Texto de César de Oliveira e Varela Silva. Interpretado por Camilo de Oliveira, Luísa Barbosa e Maria Armanda, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 43 09

Terças e quartas, às 18.30; quintas, sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 15.00

«HAMLET», de William Shakespeare. Pelo Acarte. Tradução de Sophia de Mello Breyner Andersen. Encenação: Carlos Avilez. Cenários: José Rodrigues. Música: António Pinho Vargas.

Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«O PAÍS DO DRAGÃO», de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação de Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa, Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal, Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem Asseff

Casa do Pessoal do Porto de Santos

R. de São Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingos às 17.00

«ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS», de Marguerite Yourcenar. Encenação de Filipe La Féria.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

Teatro da Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75

6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«O FIM DA ENFERMEIRA JOÃO», de Frank Marcus. Pela Companhiaa de Teatro de Almada. Encenação de Artur Ramos.

Teatro dos Moderados

R. Gonçalo Cristóvão, 190 — Tel. 2 04 12

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 18.00

«A NOITE DA SENHORA LUCIANA», de Copi. Encenação de Fernanda Lapa. Pel'«Os Comediantes».

Porto — Tearto

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«MÉROPE — LIBERDADE OU MORTE». Pelo TEAR. Encenação de Castro Guedes.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 69 72 99

De terça a sábado, às 21.45; domingos, às 17.00

«ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS», de Marguerite Yourcenar. Encenação: Filipe La Féria. Intérpretes: Glicínia Quartin, João d'Ávila, Juvenal Garcês, Rocha Santos, Virgílio Castelo e Zita Duarte.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De terça a domingo, às 21.30

«O DIABINHO DA MÃO FURADA». Adaptação e encenação: Hélder Costa. Intérpretes: António Gomes, João M. Pinto, João Azevedo, Maria do Céu Guerra, etc.

Cascais — Espaço TUC

Junto ao Pão de Açúcar

De terça a domingo, às 21.45; sábados, domingos e feriados, também às 17.00

«APARECEU A MARGARIDA». Texto e encenação: Roberto Athayde. Cenários: Fernando Filipe. Intérpretes: Graça Lobo e João Soromenho.

Teatro da Nova

Universidade Nova — Av. de Berna, 24

De segunda a sábado, às 21.30

«ROQUE À PRESIDÊNCIA OU A QUEDA E O COICE», de Rui Costa Lopes. Encenação: Carlos Fogaça.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

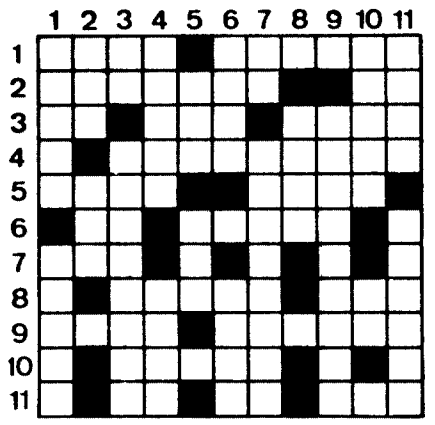
«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre, Luiz Rizo, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 15876

HORIZONTAIS:

1 Criada de servir. Sombrio.
2 Lauto. O mais.
3 O mesmo que uma (ant. e pop). Escudeiro. Casta.
4 Gostaram de.
5 Vela de moinho. Metal precioso de cor amarela.
6 Letra grega. Árvore indiana, de fibras têxteis.
7 Tens.
8 Sobe a. Tomba.
9 Dai mios. Transferis para outro dia.
10 Pista.
11 Carta de jogar. Ósmio (s.q). Rio de Portugal.



VERTICAIS:

1 Vila e concelho do distrito de Beja. Ser humano.
2 Capa sem mangas. Senhora.
3 Cento e um em romano. Sustentara.
4 Some. Esteiros.
5 Oásis. Pronome relativo.
6 Ressoa. Ave palmípede.
7 Letra grega. Nome de uma casta de uva de cor amarela.
8 Carril, calha de ferro.
9 Aventurara.
10 Calcanhar. Nesse lugar.
11 Prendem com elos. Vive.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º 15875

HORIZONTAIS:

1 QUEM. ACABA.
2 Urraca. Soba.
3 Era. Ota. Ira.
4 Dó. Oval. Ais.
5 Isara. Ia.
6 Pã. Marcha.
7 Artur. Rã.
8 Ânia. Atino.
9 Hopo. Asta!
10 Uva. Acostai.
11 Aire. Op. Aro.

VERTICAIS:

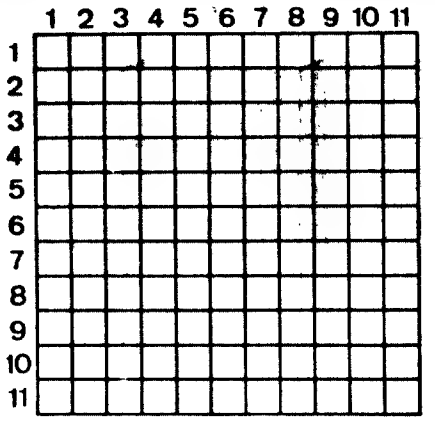
1 Quediva. SUA.
2 Urros. Vi.
3 Era. Apanhar.
4 Má. Orário.
5 COVA. TAPA.
6 Áatá. Mu. Oco.
7 Aliara. Op.
8 As. Ar. Tas.
9 Boia. Crista.
10 Abrilhantar.
11 Aas. Oaio.

PROVÉRBIO: Quem acaba, sua cova tapa.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17046

HORIZONTAIS:

1 Vivendas. Utensílios domésticos.
2 O mesmo que robalo (peixe). Afia.
3 Velhos. Acrescentando uma vogal é antiga cidade da Ligúria.
4 Ouro (s.q). Respeitar.
5 Lírio. Apelido. Guarneça de asas.
6 Fúteis. Repetição.
7 Estava. Lavrar. Em a.
8 Pátria. Substituo.
9 Leitos. Li.
10 Freguesia do concelho de Santarém. Pega. Antes do meio-dia.
11 Peixes do Brasil. Juízo.



VERTICAIS:

1 Despacha. Mulheres de idade avançada.
2 Louvara em excesso. Bismuto (s.q).
3 Remo para trás. Rio da Alemanha. Letra grega.
4 Tempo forte, entre os latinos. Carro de duas rodas, de origem inglesa, que o cocheir guia da parte de trás.
5 Saudável. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.
6 Sadias. Moves os remos.
7 Apelido. Freguesia do concelho de Carregal do Sal.
8 Dá mios. Furiosas.
9 Entradas.
10 De outro modo. Notícias.
11 Apelido. Pessoa maçadora (prov). Íntimo.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º 17045

HORIZONTAIS:

1 Vatel. Falam.
2 Aval. Uapi.
3 Rio. Tua. Rea.
4 Ra. Coser. II.
5 Adio. Pregass. Ara. IE. As.
7 Ara.
8 Amarra. Se.
9 Ro. Montar.
10 Eca. Dó. Sais.
11 São. Asma. Sá.

VERTICAIS:

1 Varra. Marés.
2 Aviada. Moca.
3 Tão. Iria. Ao.
4 El. Coa. Ri.
5 To. Ar. Dá.
6 Suspiramos.
7 Aérea.
8 Au. Re. Ansa.
9 Lar. Gas. Ta!
10 Apeias. Sais.
11 Miais. Persa.

Radio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

14.55: Concerto de câmara; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: A voz dos instrumentos; **17.25**: Concerto; **18.40**: Música; **19.00**: Integrais; **19.28**: Serenata, em mi maior, op. 22, de Dvorak; **20.01**: Música, de autores portugueses; **20.40**: Obras, para flauta; **21.00**: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; **21.25**: Transmissão directa, das ruínas do Carmo, em Lisboa, de um concerto, pela Orquestra Sinfónica da RDP; **23.30**: Intercâmbio musical; **00.30**: Solos instrumentais; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **01.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Vamos aos fados; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palacio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
«Sindbad»

18.50 - Par ou Impar
19.15 - Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.30 - Telejornal
20.01 - Bolsa do Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Palavras Cruzadas

101º Episódio: – Isabel e Marta ficam mais tranquilas quando sabem que D. Diogo, perante a sua angústia, se dispõe a ajudá-las. E bem precisam: Isabel porque está preocupada com a mãe, Marta porque pressente que problemas graves podem vir a surgir na empresa. Julieta e Pompeu começam a distribuir os convites para o casamento, enquanto Alice também sonha um dia poder sentir a mesma euforia que os colegas. Telefonam da Judiciária para a firma Rebelo e Filhos pedindo a comparência de Marta. Simão pede a Filipe que lhe assine uns papeis e Paulo dá-lhe o recado da Polícia. Aproveita também para pedir a readmissão de Mário, mas o engenheiro diz que ainda não resolveu o que vai fazer. Francisco visita Fátima, e esta a dada altura, não resiste a contar-lhe que Joana continua apaixonada por ele. Pompeu vai buscar D. Diogo à estação e leva-o para casa do filho. Rui conta ao avô que estão ultrapassados os seus problemas em relação à carreira de futebolista. Helena lastima-se porque Luis e João se demoram, mas diz ao sogro que tudo tem corrido bem entre os irmãos, que o bebé está bom e que tudo agora é harmonia.

21.00 - Portugal Sem Fim
22.05 - Dempsey e Makepeace

29º Episódio: – Três homens disfarçados de polícias tentam assaltar uma loja de diamantes e, apesar da intervenção do SI – 10, conseguem escapar devido à ajuda externa, matando um dos agentes. Spikings ordena a Dempsey e Makepeace que façam um relatório pormenorizado sobre recentes roubos de diamantes e deixam de lado todos os outros casos. Mas Dempsey é avisado por um informador, Webster, de que os irmãos Walsh, uns perigosos bandidos, se preparam para assaltar um banco. Dempsey não resiste à tentação. Ignora, porém, que o alvo dos irmãos Walsh não é o banco, mas ele próprio.

Intérpretes: Michael Brandon, Glinys Barber, Ray Smith.

Realizador: Roger Tucker

23.05 - 24 Horas
23.40 - Remate

RTP 2

15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
Russel Cortez

No 2º canal às 21.35 «Pedaços de Vida», um telefilme sobre a vida de John Lennon e da sua relação com Yoko Ono

«Palavras Cruzadas», o 101º episódio às 20.15 no 1º canal

17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Simon Show
20.05 - Hitchcock Apresenta

27º Episódio: – Esta é uma das histórias preferidas de Hitchcock de cuja realização ele próprio se encarregou. Um chefe da polícia está casado com uma mulher preocupada em lhe tornar a vida agradável no Lar. Uma noite, ele chega a casa cansado e informa a mulher, grávida, que está apaixonado por outra mulher. Aquela tem a reacção mais adequada às circunstâncias: atinge-o com uma perna de carneiro congelada... e ele morre...

20.30 - Uma Família às Direitas

138º Episódio: – Já no hospital, depois de uma operação bem sucedida, Archie Bunker não consegue esconder a sua indignação pela «má qualidade» dos serviços médicos prestados. E então quando chega o momento de pagar a conta, o indignadíssimo Archie perde por completo as estribeiras...

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - «John Lennon – Pedaços de Vida»

Um telefilme sobre a vida de John Lennon e da sua relação com Yoko Ono, a mulher que determinou decisivamente a sua vida, até no campo profissional. Um romance atravessado por momentos de grande conflito, e até de separação, mas o amor que os unia conseguiu sempre ultrapassar as maiores divergências. Um romance que provocou admiração, polémica, invejas. Mas que durou até a morte os separar...

Realizado por Sandro Stern, este filme apresenta nos papéis de John Lennon, o actor Mark McGann, e no de Yoko Ono, Kim Miyori.

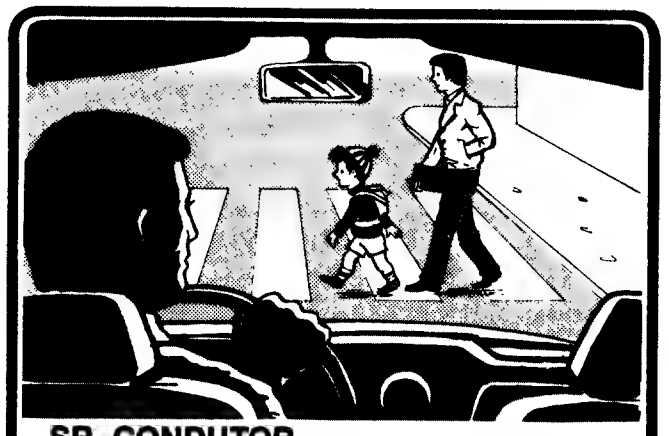
AMANHÃ

RTP-1

10.02 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório
17.30 - Mira Rádio
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.10 - Vamos Jogar no Totobola
20.30 - Palavras Cruzadas
21.10 - Lotação Esgotada
23.30 - 24 Horas
00.00 - Remate

RTP-2

14.17 - Os Imigrantes
15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
20.05 - Hitchcock Apresenta...
20.30 - Uma Familia às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Paródia
22.00 - O Som da Surpresa

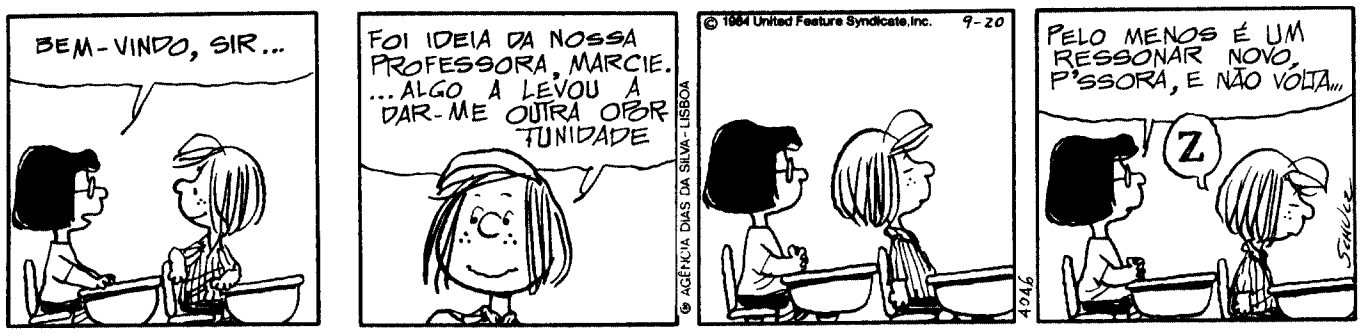


PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira. 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



ÚLTIMA HORA

Figuras da realeza e celebridades juntaram-se ontem à noite num leilão de caridade destinado a angariar fundos para as vítimas da sida. Entre os presentes contava-se a duquesa de York, mulher do príncipe André, que ofuscou algumas das «estrelas» presentes com o seu vestido azul enfeitado de diamantes. Famosos criadores de moda doaram 17 vestidos criados para outras tantas celebridades, com o objectivo de serem leiloados.

Mulheres apresentarão plataforma comum ao próximo Governo

A Comissão da Condição Feminina reunirá brevemente com as organizações não governamentais portuguesas ligadas à mulher a fim de elaborar uma plataforma comum a apresentar ao próximo Governo.

Defender os direitos e os interesses das mulheres, que constituem 52 por cento da população portuguesa, será o objectivo do documento.

A iniciativa foi divulgada esta manhã num pequeno almoço do hotel Meridien pela presidente da Comissão da Condição Feminina.

Abordada sobre a presença feminina nas listas partidárias não só para a próxima Assembleia da República mas também para o Parlamento Europeu, Regina Tavares da Silva afirmou que, do que se conhece, a percentagem é «bastante insatisfatória». Portugal era o único país da Comunidade Europeia que não tinha deputadas no Parlamento Europeu, o que valeu à Comissão da Condição Feminina algumas observações por parte dos outros países.

«Nós estamos bem vistas a nível europeu, embora sejamos um pequeno organismo dependente da Presidência do Conselho e não tenhamos, como acontece nos outros países, inclusivamente em Espanha, um Ministério específico para tratar das questões da mulher. Por isso era difícil às representantes dos outros países entender a nossa ausência».

Outra questão abordada com os jornalistas (na sua maioria mulheres) foi o serviço militar feminino.

Regina Tavares da Silva foi da opinião que nada tinha a objectar quanto ao princípio da igualdade com que se justifica o alargamento do serviço militar às mulheres e que, enquanto ele fosse voluntário, estava de acordo, porque as mulheres poderão optar inclusivamente por uma carreira militar.

«Não concordamos que o serviço militar, para as mulheres, se vier a tornar-se obrigatório, seja mais uma vez forma de explorar a mulher, remetendo-a para cantinas, relegando-as para os escalões mais baixos da hierarquia e cortando-lhes a possibilidade de ascenção aos postos mais elevados da carreira, como acontece noutros sectores da vida civil».

Novas portagens duraram apenas 24 horas

A Brisa suspendeu hoje as suas novas taxas nas auto-estradas portuguesas, apenas 24 horas depois de elas terem entrado em vigor. As razões invocadas para este «recuo» foram a falta de aviso aos utentes e, por outro lado, a necessidade de actualizar as máquinas automáticas. Segundo um porta-voz da empresa, a actualização das taxas, que não se sabe quando serão repostas, implicam uma subida de preços para o utente na ordem dos oito por cento no âmbito do contrato de concessão.

LOTARIA POPULAR

1º—207898	1000 000$00
2º—239606	250 000$00
3º—543984	150 000$00
4º—150390	100 000$00
Terminação em 898	50 000$00
Terminação em 606	10 000$00
Terminação em 984	2 500$00
Terminação em 390	1 000$00
Terminações em 72, 42 e 32	500$00

Nota— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.

DECLARAS

FALCAO, futebolista brasileiro, está em negociações com o primeiro canal da RAI, interessado em incluí-lo na equipa de apresentadores do programa de domingo à tarde a partir de Outubro. O jogador deverá passar a ser o responsável pelas entrevistas a personagens do mundo do desporto, da música e da moda no programa que substituirá «Domenica In», de Raffaella Carrá. A eventual contratação de Falcão seria a primeira resposta da televisão estatal à «fuga» da maior parte dos seus mais populares apresentadores, entre eles Raffaella Carrá e Pippo Baudo, recentemente contratados para os canais de Silvio Berlusconi por uma soma equivalente a 2,2 milhões de contos.

LECH WALESA faz parte de um grupo de personalidades polacas que propôs que a peregrinação deste mês do Papa João Paulo II à Polónia se torne num primeiro passo para a independência e democracia nequele país. O apelo, elaborado domingo passado num encontro secreto em Varsóvia, contém todas as principais exigências apresentadas pelo Solidariedade, antes de ser proibido em Dezembro de 1981. Janusz Onyszkiewicz, antigo porta-voz nacional do Solidariedade, que se conta entre os signatários, disse: «O comunicado não é dirigido ao Papa, mas, obviamente, esperamos que ele o leia... Pretendemos dizer algo em nome do povo que não pensa ser correctamente representado pelo Governo».

SALVADOR DALI correspondia-se com Federico Garcia Lorca. Quarenta e quatro dessas cartas, dez das quais inéditas, foram publicadas no último número da revista «Poesia», editada pelo Ministério Espanhol da Cultura. Dali e Lorca conheceram-se na residência de estudantes de Madrid, em príncipios de 1923, tinha o primeiro 18 anos e o segundo 25. Da amizade que então nasceu e que parece ter sido determinante na vida e obra de ambos dão parcial testemunho as cartas agora trazidas a público.

KLAUS BARBIE pode ser alvo de um segundo julgamento. A perspectiva surgiu quando a irmã de um preso pelo antigo chefe da Gestapo em Lyon apresentou uma queixa civil contra ele. Charlotte Larat apresentou o pedido para se tornar parte civil contra Barbie em representação de seu irmão, Bruno Larat, que foi preso por Barbie em 21 de Junho de 1943, num consultório médico perto de Lyon, onde se encontrava reunido com responsáveis da Resistência francesa e mais tarde deportado para um campo de concentração nazi, onde viria a morrer. Responsáveis do Tribunal disseram que a queixa civil de Charlotte Larat poderia implicar a realização de um segundo julgamento de Barbie, que está há quatro semanas a ser julgado em Lyon por crimes contra a humanidade.

FERRER CORREIA, administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, visitou ontem as obras de recuperação do «ilhéu», na freguesia de Câmara de Lobos, Madeira. A visita de Ferrer Correia à Câmara de Lobos está relacionada com a possibilidade da Fundação comparticipar o projecto, já iniciado, de renovação urbana da zona so «ilhéu» onde se regista uma das maiores concentrações populacionais daquela freguesia.

FRANÇOIS MITTERRAND considera que a Suiça não pode ficar à margem do Mercado Único Europeu, afirmou numa entrevista publicada ontem pelo diário «La Suisse», de Genebra. O Presidente da República francesa opina que a Suiça deverá escolher entre manter a política actual ou participar mais activamente nos grandes projectos europeus previstos para o futuro. Mitterrand considera, designadamente, que o mercado único, que os 12 pretendem estabelecer a partir de 1992 é uma realidade à qual a república helvética não pode permanecer alheia.

Parques de Cascais fechados no Dia da Criança

Os parques municipais de Cascais estavam ontem de manhã fechados devido à folga semanal dos seus funcionários, impedindo que as crianças daquele concelho ali comemorassem o seu Dia Mundial, segundo declarou ao «DL» um munícipe.

A mesma fonte adiantou que os parques Duque de Palmela e Conde de Castro Guimarães estavam esta manhã encerrados, embora, funcionários camarários estivessem ali a realizar trabalhos.

O mesmo informador referiu ao nosso jornal que um grupo de crianças, acompanhadas pelas freiras salesianas do Monte do Estoril, após terem percorrido a pé a distância que separa aquela escola do parque Conde de Castro Guimarães foram obrigadas a voltar para trás.

«O mais grave é que a Câmara é reincidente, e continua a não planear estas situações», concluiu, referindo que ficaram «muitas crianças a deambular pela Vila, sem sítio para estarem».

Em contacto com a Câmara Municipal de Cascais o vereador Mauricio Barra, após declarar que os Parques não estavam fechados remeteu-nos para os serviços, onde, na ausência do engenheiro Honorato, nos foi comunicado por um funcionário que o Parque Duque de Palmela abriu excepcionalmente, enquanto que o de Conde de Castro Guimarães estava fechado durante a manhã, cumprindo assim o horário habitual das segundas-feiras. A mesma fonte afirmou desconhecer se decorriam quaisquer trabalhos no último destes parques.

Deste modo, no Dia Mundial da Criança que ontem se comemorou, os miúdos de Cascais tiveram um parque aberto excepcionalmente e, o outro a suscitar uma comemoração em «part time»...

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

Manoel de Oliveira

A televisão ensinou-me a fazer um cinema sóbrio

Entrevista por João Mendes

Fotos de Hernando Domingues

Tive uma educação católica e sou um homem de fé. Na verdade, creio até que a existência não é possível sem fé. Talvez tenha, como toda a gente, um fundo religioso, mais consciente ou menos consciente

Não gosta de falar «por conta própria», mas prontifica-se a responder a perguntas, mesmo às que obrigam a reflexão. Encontramo-lo no seu hotel lisboeta de sempre, central mas recolhido atrás de uma cortina de árvores. Uma chuva de telefonemas interrompe a entrevista, sem nunca lhe cortar o fio. No fim, descemos para a Baixa porque ele não quer perder uma crítica que deve ter saído num jornal do Porto. Quando nos separamos, ele está a explicar-nos como foi difícil traduzir Beckett — foi Bénard da Costa quem lhe fez esse trabalho — e porque é que o «Livro de Job» é o mais belo livro do mundo. À beira dos 80 anos, Manoel de Oliveira não pára. Em Setembro, fará o seu filme-ópera. Depois gostaria de voltar a filmar memórias, como já fez em relação a 1981.

— Manoel de Oliveira, o que é, para si, o cinema?

— Tem graça, o «Libération», que fez um número especial sobre Cannes, também me perguntou porque é que faço cinema, a mim e a muitos outros realizadores... Mas a sua pergunta não é a mesma. O cinema, para mim, é um meio audiovisual de fixação. Essencialmente isso.

— E o que é que o cinema fixa?

— Fixa tudo. Fixa a vida, directamente, ou a praça, com um acontecimento social, fixa o teatro que se lhe representar diante, quer dizer, a vida falsa que se faça diante dele, como em todos os filmes de ficção, fixa a pintura, pode fixar uma orquestra, música, a palavra...

— E reinventa tudo isso, ou limita-se a fixar, produzindo uma espécie de eco da realidade?

— Claro que, de certa maneira, reinventa. De todas as vezes que se faz uma coisa, ou que se repete a mesma coisa, ela já não é essa mesma coisa, é sempre uma outra. E portanto há sempre uma reinvenção, um ponto de vista novo. O dia de hoje não é o dia de ontem. E o assunto que se fez hoje não é o que aparece amanhã, mesmo que seja «o mesmo». A prova clarividente disto é que há, desde a descoberta do cinema, a reposição, muito repetida, de obras de renome nacional ou mundial, que através dos anos se têm fixado.

Essas obras podem falar de diferentes tempos, de diferentes épocas com os seus hábitos e costumes, com as suas ideologias, mas nós distinguimos perfeitamente, mesmo desconhecendo a data em que foram feitas, se é cinema dos anos 30, dos anos 50, dos anos 10, dos anos 70. O cinema ganha facilmente essa distância, essa marca dos tempos.

— A si já lhe aconteceu filmar de modo a evocar, propositadamente, cinema do passado. Refiro-me concretamente a «O Meu Caso»: uma das suas repetições evoca claramente o cinema mudo.

— Sim. N'«O Meu Caso» há três hipóteses: a vida em directo, através do *vídeo*, projectado no palco, há a montagem da peça propriamente dita, na sua expressão teatral, e há uma evocação cinematográfica dos tempos do cinema mudo, um tempo em que ele procurava o seu *eu*, a sua identidade específica, do mesmo modo que o texto de Samuel Beckett se refere a esse mesmo *eu* existencial.

— O Manoel de Oliveira é crente?

— Crente em quê?

— Do ponto de vista religioso. Eu quero fazer-lhe uma ou outra pergunta a propósito da utilização que faz do «Livro de Job».

— Tive uma educação católica e sou um homem de fé. Na verdade creio até que a existência não é possível sem fé. Talvez tenha, mas neste caso penso que não é muito uma coisa particular, penso que toda a gente o terá, um fundo religioso. Mais consciente, menos consciente...

— Usar o «Livro de Job» é usar uma referência cultural que responde pela sua eficácia, ou é propor uma relação *de facto* com o sublime, propor uma negociação metafísica em que quis que o seu filme desembocasse?

— Procura de sublime existe sempre, atingindo-o ou não. Existe sempre num autor. É próprio do desejo, do desejo do autor. As coisas são sempre certamente, de certa maneira, sublimadas na arte, muito mais do que na vida. Na vida é mais raro. Na arte, e o cinema é uma das artes, até por ser a síntese de todas elas, como já o teatro o era, e ele repete o teatro, essa procura de sublime está sempre latente.

Mas independentemente disto há para mim um aspecto muito importante, que é o histórico. Em «O meu caso», eu pretendi obter uma soma, uma soma de elementos, de épocas, de coisas, históricas. E o «Livro de Job» é um livro histórico, ou de cultura histórica. É um apanhado de livros, uma súmula do que havia de melhor já até na Babilónia, e é um dos livros mais antigos. E encerra uma enorme sabedoria, além de ser considerado um dos mais belos, senão o mais belo texto de todos os tempos. Como sabe ele tem inspirado os grandes clássicos, incluindo Shakespeare, e outros. É muito pesado o seu lado *documento*, mas também a sua *actualidade*. Há nele um conhecimento tão profundo do homem que ele é perfeitamente actual. Por isso é tido como um livro de todas as gerações. Quer dizer, a figura de Job é uma figura de todas as gerações.

Em contrapartida há a projecção do *vídeo*, da actualidade do mundo, que reflecte o drama actual, igualmente histórico. Depois tem o cinema, com o Beckett, que também é histórico, e que está relacionado, como disse, com a procura do *eu* cinematográfico. Beckett fala do homem enquanto corpo, palpável mas vazio, e que é preciso encher. Isto constitui, em si, igualmente, um drama.

Eu pretendi dar estes diversos aspectos: Job como conotação da humanidade, a projecção de vídeo como amostra do drama da humanidade de hoje, o *eu* existencial e o seu drama, desligado

Continua na pág. 2

É verdade que tenho um filme de memórias de 1981 pronto, mas que só será mostrado em devido tempo. E também queria fazer memórias de 1987, e outras, sempre que puder e que me seja oportuno. Veremos se consigo condições para isso...

- Procura de sublime existe sempre num autor, é próprio do seu desejo. As coisas são sempre muito mais sublimadas na arte do que na vida
- Tenho sempre o maior cuidado com a questão histórica: enquanto não sabemos quais os gestos e atitudes exactas que as criaturas faziam, quanto menos gestos, melhor
- Há dois elementos que para mim são fundamentais no cinema: um é o que ele foi buscar à pintura, outro são os textos, quer dizer, a qualidade verbal
- O essencial permanece no homem: o desejo de vingança e as coisas mais terríveis, mas também o amor, o estoicismo e as paixões. Job é uma figura de todas as gerações
- O vídeo permite-nos voltar a ver imagens exactamente como o leitor de um livro regressa a páginas que quer reler e que ficaram para trás
- A televisão deixou-se de habilidades e rodriguinhos com a máquina, de planos e de joguinhos que só servem para atrapalhar. Eu adoptei a sua clareza, sobriedade e limpeza.

Continuação da pág. 1

como está da história e da sociedade, e o mundando, que é a própria peça, com sua vida fútil, distraída, alheia, que não atende um louco que diz trazer a palavra salvadora. Mas isto tudo que eu disse é uma coisa que não gosto muito de fazer, *explicar o filme*.

— Pareceu-me que estava apenas a dar-me dados sobre ele.

— Há a peça do Régio, que foi escrita nos anos 5o mas que eu situei, porque me pareceu que ela resvalava para aí, no final dos anos 20, época extremamente mundana... e que é filmada hoje, com a aparelhagem de hoje — cinema, vídeo, televisão — que substitui a plateia, uma plateia que representa o próprio mundo ou o seu fantasma, e onde a humanidade é simultaneamente activa e passiva, quer dizer, é simultaneamente espectadora e actora. Nós somos, alternadamente, ora espectadores, ora actores.

— Há algum outro texto que «lhe esteja atravessado», um outro texto que queira muito vir a filmar?

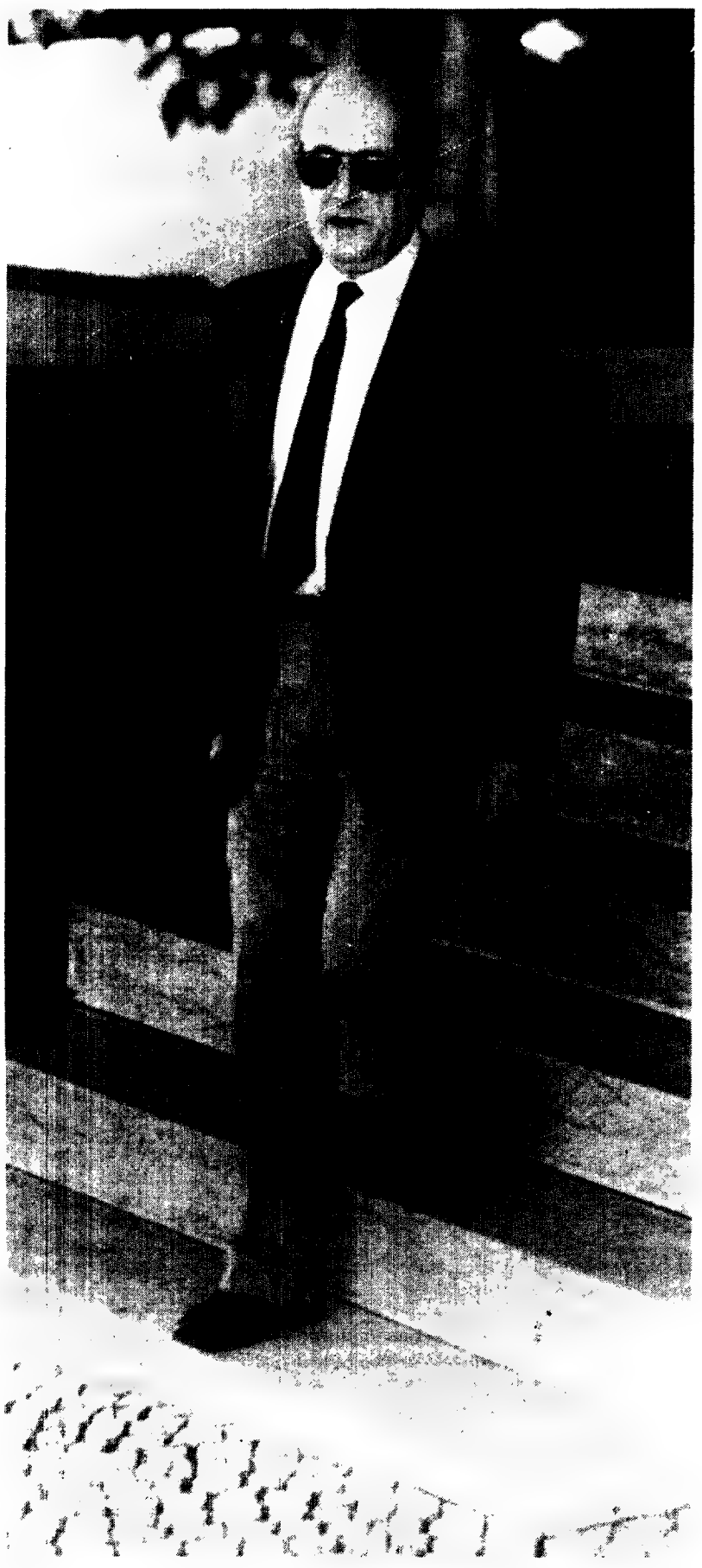
— Não, presentemente não tenho em vista nenhum texto. Tenho um contexto, um contexto histórico que me preocupa muito. Com mais ou menos texto, mais longo, mais interpretado, com mais acção visual ou dialogal, ou monologal... Em todos os meus filmes, seja no «Amor de Perdição», em «O Passado e o Presente», ou na «Benilde», ou na «Francisca», ou no «Soulier de Satin», ou no «O Meu Caso», embora este extravase um pouco no final, por uma questão de necessidade expressiva, eu tenho sempre o maior cuidado com a questão histórica. Quer dizer: enquanto não sabemos quais são os gestos exactos que as criaturas fizeram em determinados momentos, quanto menos gestos, melhor. Nos textos há uma certa distanciação relativamente a este aspecto, mas a representação tem de ser correcta, ou realista, se quiser. Eu preferia dizer histórica. Nas roupas, nos gestos e atitudes, na maneira de cumprimentar, se tiravam o chapéu se não tiravam, se cumprimentavam de mão, se faziam a cortesia... aprendemos nas cartas, nos diários, em tudo... vamos sabendo através da pintura, através de descrições, mas muito se escapa... E eu persigo, nesse aspecto, a exactidão. Estou atento às ideologias da época, aos hábitos e costumes, à forma de vestir, de actuar... e depois descubro, como no «Soulier de Satin», que o catolicismo do Claudel se ajusta perfeitamente ao século XVI, mormente na Península Ibérica.

Porque há dois elementos que são, para mim, fundamentais, no cinema: um é a pintura, que dá este lado histórico rapidamente. Veja: literariamente isso levava-nos páginas e páginas, enquanto a imagem dá-o instantaneamente. É o que o cinema foi buscar à pintura. O outro elemento são os textos, a qualidade verbal, esse dom especial que o homem tem e que o distingue de todos os animais irracionais. Não sei se era santo Agostinho que dizia que o homem se distingue por duas coisas: fala e opõe o polegar. Ora o papagaio, além de falar, também opõe o polegar... *(risos)*.

— Voltemos à História: de passado em passado, vamos encontrando um homem essencialmente diferente de nós?

E, nesse caso, quase chegamos a ele? Ou não chegamos, de todo, a ele?

-Não chegamos. Chegamos exactamente ao inverso.



Hoje continua a haver pessoas que se matam por paixao, por paixao não correspondida, como acontecia no século passado, ou há dois ou três séculos

-Voltamos ao «Livro de Job» e a uma essencialidade permanente?

-O essencial permanece. O homem evoluiu, juntamente com a civilização, no aspecto científico, no conforto, na saúde, mas a sua natureza profunda, por exemplo o sentimento da vingança, que é um dos mais característicos do homem e dos mais difíceis de extirpar, e que já vem das tragédias gregas, permanece. O barbarismo, o terrorismo, as coisas mais terríveis, vivemo-las também hoje. Na guerra contra a Alemanha de Hitler, vimos que as coisas mais terríveis permaneciam.

Também permanecem o estoicismo, e o amor, e as paixões. Podem os condicionalismos torná-los mais raros. Mas há hoje pessoas que se matam por paixão, como acontecia no século passado, ou há dois ou há três séculos.

-O universo audiovisual modificou-se profundamente com a televisão e com o vídeo. Que aconteceu ao cinema, face a eles?

-Houve progresso. A televisão é um passo que o cinema dá.

-A televisão é um passo que o cinema dá?

-Sim, a televisão é, quanto a mim, um prolongamento do cinema. A base é a mesma. A televisão tem o condão de reflectir um acontecimento em dado local no próprio instante em que ele ocorre, difundindo-o eventualmente para todo o mundo. O cinema não pode fazer isso, precisa de um tempo. A especificidade da televisão está na transmissão «em directo». Mas a televisão em directo não *fixa* necessariamente, pode perder-se. A especificidade do cinema é *fixar*. O vídeo pode fixar, se não o apagarem. E assim podemos rever um acontecimento exactamente como um leitor de um livro pode voltar a ler páginas que ficaram para trás. Por isso eu tenho dito que o vídeo é o braço mais extenso do cinema.

-Mas em termos de construção da imagem, não houve nada que o cinema perdesse, com a generalização do meio televisivo?

-Não... As melhores reportagens de televisão ensinam alguma coisa ao cinema. A televisão, a mim, ensinou-me, também, um pouco, a fazer um cinema sóbrio. Ela respeita o acontecimento deixa-se de habilidades e de rodriguinhos com a máquina, planos e joguinhos que só servem para atrapalhar. Essa transposição em directo, e directa, dos acontecimentos, é muitas vezes feita com uma clareza, uma sobriedade e uma limpeza que são admiráveis e que eu também adoptei nos meus filmes.

-É verdade que o Manoel de Oliveira tem pronto um filme de memórias que nunca ninguém viu?

-Sim, tenho.

-Quer falar dele?

-Não, pois se eu não o mostro... Depois o filme lá falará, em devido tempo. Não é que tenha um interesse por de mais, mas enfim, corresponde à necessidade de deixar uma memória, embora um filme não seja o processo mais adequado para se deixarem memórias, porque há sempre uma equipa a fazê-lo.

-Não é a mesma coisa do que escrever um diário.

Não, aí está-se só e mete-se na gaveta, e esquece-se. Aí, a pessoa pode abrir-se muito mais amplamente, não está na presença de ninguém. Esse filme deixou-me muito insatisfeito porque há muitas coisas que ficaram por dizer, e eu gostaria de dizê-las. São memórias de 1981. Eu estava para fazer mais este ano, mas não tive condições para isso. Memórias de 87. Farei, se tiver condições para isso, memórias de 88 e sempre que puder e me seja oportuno. Porque há muitas coisas para dizer, sobre aspectos particulares, sobre coisas que vivi, sobre outras pessoas também. E essas memórias fazem falta.

— Quando começa a filmar o seu filme-opera?

Em Setembro. Eu parto de um conto, para uma planificação sobre a qual se fará uma música, se está a fazer uma música, com que vão ser feitas as filmagens. É um projecto muito curioso e uma experiência nova, completamente diferente, e estou muito interessado nele. A história é muito bonita, é do Alvaro Carvalhal, passa-se em 1820. E pronto, ver-se-á.

— Apesar dos apoios estrangeiros aos seus projectos serem por vezes mais fortes do que os portugueses, ainda se sente um cineasta português?

— Ai com certeza, e não deixarei de sê-lo nunca. As minhas raízes são portuguesas, a minha formação foi toda feita em Portugal, e eu sou português, português do Norte, nasci no Porto, na freguesia de Cedofeita, e essa inserção

Continua na pag 3

O cinema português está a adquirir lá fora uma posição forte, mas é um fenómeno limitado a três ou quatro realizadores, ou até a alguns dos seus filmes. Estão nesse caso António Reis, João Botelho, Paulo Rocha e eu próprio

Continuação da pág. 2

está muito enraizada.

Poderia mesmo fazer um filme inteiramente em França, com técnicos franceses, e história não-portuguesa, mas o enraizamento seria o mesmo, tal qual como notamos, por exemplo, nos russos. Elas também fazem filmes no Ocidente, mas continuam a ser russos.

— No cinema português está a passar-se actualmente o mesmo que sempre se passou, ou é diferente?

— Muito diferente. Hoje, o cinema português tem no estrangeiro um crédito muito grande. Há três ou quatro realizadores que se impuseram lá fora: um António Reis, um João Botelho, também Paulo Rocha com «A Ilha dos Amores»... Esse cinema tem um crédito distinto e uma posição forte, pelo menos no meio intelectual e da cultura, e no meio cinematográfico.

É claro que é um fenómeno um pouco restrito a estes realizadores, ou até a alguns filmes. Por outro lado, os meus filmes passam hoje na Alemanha, na França, na Itália, na Suíça, na Bélgica, e também na América, em circuitos mais restritos — o mercado americano é extremamente difícil — regularmente. E quase todos eles. O «Soulier de Satin» fez uma carreira muito bonita, sobretudo se atendermos a que é um filme de sete horas e que passou sempre na íntegra: esteve três meses em Paris no cinema *Bonaparte*, correu toda a França no ano passado e continua a correr, sempre com sete horas. É uma coisa verdadeiramente notável, porque não se trata de uma peça popular embora seja uma peça respeitada — há muita gente que não gosta de Claudel embora o respeite — e embora seja muito rica, muito poética, muito musical, a duração do filme fá-lo sair de todos os esquemas.

O «Soulier de Satin» não é um caso de popularidade, mas esses casos muitas vezes são maus, porque expressam sentimentos primários, mais b aixos, e têm um público habituado, que acorre, infelizmente... Não é que seja mau ver um tipo ou outro de filmes. O que é mau é ir a uns e deixar de ir aos outros. Isso é que é grave.

É preciso, como dizia o Nuno Portas, «socializar a cultura».

— E como é que se socializa a cultura?

— Não sei. É muito difícil, mas sem exemplos bons torna-se, até, impossível. Repare que ninguém contesta Shakespeare, ninguém contesta as tragédias gregas, nem Camões, e hoje, já, Fernando Pessoa, mas isso não quer dizer que sejam lidos, ou mesmo ouvidos. E era preciso que os lessem, e que os fossem ver. Que os fossem ver *em massa*. isso é que seria um bom sintoma cultural.

—Mas tem o sentimento de que isso alguma vez aconteceu? De que houve uma época, um estado do público que mantinha um convívio massivo com a cultura de grande qualidade?

— Voltemos atrás: o cinema é um processo de fixação, e isto é muito importante. Pode ser visto quando sai do forno, a quente, ou no ano seguinte, 50, 100 anos depois, por diferentes gerações. Como acontece com a pintura, com a literatura escrita... Há portanto um público que se estende na forma lugar, mas também se estende no tempo, através do tempo.

Claro que nem toda a população se forma universitariamente; nem é necessário, nem desejável. Mas pode estar *apta*, e isso sim, é desejável. Leva tempo, é um processo educacional que principia nas famílias, nas primeiras escolas... o homem ter de ser ajudado desde pequeno a criar hábitos. Se não nos ensinassem a andar de pé, provavelmente continuaríamos a andar de gatas... Também, para não se andar de gatas culturalmente, é precisa ajuda. É precisa ajuda, para se andar culturalmente de pé.

Entrevista por João Mendes
Fotos de Hernando Dominges

«O meu caso»: o mundano de uma sociedade com a sua vida fútil, alheia, distraída, que não atende um louco que diz trazer a palavra salvadora

■ Mesmo que fizesse um filme inteiramente com estrangeiros, ele seria um filme português, do mesmo modo que os filmes russos feitos no Ocidente continuam a ser russos

■ O público do cinema, exactamente porque o cinema é uma forma de fixação, estende-se no espaço mas também no tempo. Uma obra pode ser apreciada a quente, ou muito mais tarde

■ Ninguém contesta os trágicos gregos, Shakespeare, Camões ou mesmo, hoje, Pessoa, mas isso não quer infelizmente dizer que eles sejam lidos

Mimodramas de Claudel coreografados em Lisboa

TRÊS mimodramas de Paul Claudel — «L'homme et son désir», «La femme et son ombre» e «Le peuple des hommes cassés» — coreografados por Leonor Beltran são a partir de hoje visíveis no Instituto Franco-Português, interpretados por Ana Mertola, Lúcia Marta, Albino Moura, João Taquelin e com cenários de Manuel Monteiro e Miguel Branco. A música para o primeiro é de Darius Milhaud, e para os dois outros de Paulo Brandão. De hoje (inclusive) a sexta, o espectáculo é apresentado às 21 e 30, bem como segunda e terça próximas. No próximo sábado e quarta-feira 10, às 17 horas.

Amanhã, às 18 e 30, Maria João Brilhante fala, no mesmo instituto, sobre Claudel e o Teatro, acompanhada por leituras de textos do autor por Inês de Medeiros, Luís Lucas, Manuel Cintra e Paulo Matos.

Maria João Brilhante, coordenadora do conjunto da evocação do poeta católico francês, está a elaborar uma tese sobre Claudel e tem desenvolvido actividades no âmbito do teatro e do cinema, sobretudo com o grupo «Produções Teatrais» e trabalhado textos e dramaturgias para a realizadora Cristina Hauser.

O autor de «Le Soulier de Satin» e de «L'Annonce fait à Marie» tem sido violentamente posto em causa pela Imprensa francesa desde que voltou à tona o caso, emerso durante décadas, de sua irmã Camille, escultora, discípula e amante de Rodin, a que muitos atribuem maior génio do que o do próprio mestre. Internada num hospício para alienados depois de finda a sua relação com Rodin, Camille Claudel foi vítima de um diagnóstico abusivo e «apagada» à força, a sua obra e própria vida. A irmã do poeta, que os parisienses redescobriram, juntamente com o escândalo do seu internamento, através de uma recente exposição das suas geniais esculturas, terá sido vítima directa do desprezo e da frieza de seu irmão, que se desinteressou totalmente do seu caso, embora continuasse quase até à sua morte a receber abonos do Estado pagos para Camille.

A escultora acabou por falecer no hospício e foi enterrada em vala comum, e há textos de Paul Claudel em que este se refere a essa morte como a um acontecimento que causa «alívio», o fim de uma longa pena.

Certo é que o caso de Camille só voltou ao conhecimento da opinião pública devido à obstinação de dois investigadores que acabaram por relançar a sua escultura.

O poeta católico abraça a cabeça de sua irmã Camille, esculpida por Rodin: um escândalo inesperado e demolidor

O «Dies Irae» de Teresa Rita Lopes

Soube por acaso da venda em leilão de um lote de livros e manuscritos de Pessoa e «dos de Orpheu». Alertou tudo e todos e viu o lote ser arrematado por um particular. Obteve dele a garantia de revenda sem lucro. Desde então passou ao ataque e quer tornar possível a criação de uma casa-museu do poeta e seus companheiros. Escreveu uma carta-aberta à secretária de Estado da Cultura e espera poder contar com a colaboração dos Amigos do Martinho da Arcada. Eis como ela conta o nascimento de uma intervenção.

Um deputado pinga amor por uma deputada (ou vice-versa) na leitaria da esquina do Parlamento — e todo o País sabe. Os partidos tomam partido por um ou por outro, os particulares inflamam-se em nome de valores que ostentam — e o País está atento. À quê, afinal? À telenovela da vida íntima dos cidadãos em destaque. Acontecem, contudo, coisas decisivas que põem em causa o respeito que devemos ao cidadão colectivo, esse *nós* que somos, quer queiramos quer não, e ninguém fala ou, o que é pior, ninguém se rala. Como esta, de assistirmos à venda avulsa da nossa cultura.

Soube por mero acaso — porque um aluno me deixou na secretária um anúncio do «Diário de Notícias» do dia — que ia nessa noite (20 de Março) a leilão um «lote» de livros manuscritos («alguns inéditos», rezava o anúncio) de Pessoa, Mário Sá-Carneiro, Santa Rita Pintor (de quem tão pouco se conhece), Carlos Queirós, António Botto, Leonardo Coimbra, António Ferro, Almada Negreiros, Amadeo de Sousa Cardoso, José Régio, e outros. Provinham de José Pacheco, companheiro de lides desses que Pessoa chamou «os de *Orpheu*», director da revista *Contemporânea* que, em 1922, acolhia os Modernistas que perpassaram por *Orpheu, Centauro, Exílio, Portugal Futurista,* e, já antes disso, pela *Águia*. Ponto de encontro de escritores e artistas plásticos, como, aliás, mais ou menos, todas estas revistas, a *Contemporânea* (e neste caso, o espólio em causa) estabelecia relação com personalidades da geração seguinte, a Presença, como por exemplo, José Régio.

Rompi em aflitos telefonemas para alertar as entidades oficiais que tinham o poder e a obrigação de adquirir tão valioso património — que já é «nosso», esteja onde estiver — e fui tranquilizada: estavam ao corrente. Mas à noite, no leilão, assistimos, com vergonha e angústia, à arrematação por um particular (3100 contos) do dito «lote». Interrogado por nós — algumas das pessoas que estavam comigo nessa tarde, na Universidade, quando soube do leilão ou que, informadas, lá foram — declarou, contudo, estar na disposição de vender sem lucro, o património adquirido se fosse para ser usado e exposto com interesse público.

Sem ainda termos ideia do que poderíamos fazer, lhe suplicámos que aguardasse as nossas notícias e não desse qualquer destino ao «lote» adquirido, o que nos prometeu. Como cidadãos à paisana nos entendemos então, na plataforma do mesmo respeito por quem somos.

Ao sair do leilão, demo-nos conta que éramos um grupo. Os jovens ardiam por entrar em acção. Os mais velhos, refreando-lhes os ímpetos, consolavam-se a constatar como afinal estão tão prontos a dar o seu entusiasmo e o seu tempo por uma causa que os mereça...

No decorrer dos meus contactos telefónicos dessa tarde, tinha tido uma outra alarmante notícia: grande número de manuscritos (entre eles os três primeiros poemas que se conhecem de Pessoa) que tinham servido de base à primeira grande apresentação iconográfica da vida e obra pessoana, publicada pela revista espanhola *Poesia*, num número especial em 1980 — em mãos, neste momento, de um familiar afastado — tinham sido vendidos a um comerciante da nossa praça!

Em torno deste património ameaçado sentimos que formávamos uma presença única, todos os que ali tínhamos nessa noite acorrido, sem convocatória de espécie alguma, espontaneamente. Assim permanecemos.

Ficamos todos tão orgulhosos — e é saudável que assim seja — quando um campeão do desporto levanta a nossa bandeira e faz entoar o nosso hino em estádios estrangeiros porque sentimos que naquele momento ele é *nós* e impõe esse *nós* não só ao respeito de olhos e ouvidos estrangeiros mas, o que é mais importante, aos nossos próprios. Nesse momento reconciliamo-nos alegremente com ser quem somos. Ora, Pessoa é neste momento o campeão que nos estádios estrangeiros da cultura defende as nossas cores. Sem medo de errar, afirmo que nenhum outro escritor, seja de que nacionalidade for, é, neste momento, tão falado como ele por esse mundo fora. As edições dos seus livros, mesmo dos mais difíceis, esgotaram-se, em dias, na Itália, na Espanha, na Alemanha. Em França, Pessoa faz com que sejamos a literatura estrangeira mais procurada. E consta que já vários países começaram a organizar as comemorações do centenário do seu nascimento, em 1988. (Que efeito não farão nas exposições que nesses países já estão a ser organizadas os manuscritos e objectos que estamos a deixar vender ao desbarato! — E que efeito faremos nós...?)

Se existisse um espaço — chama-se-lhe casa-museu ou outra coisa — para dar vida a todo esse inestimável espólio disperso neste momento por várias mãos (quem sabe se estrangeiros já!) as vendas que foram feitas não teriam ocorrido. Assim queixam-se-me os particulares que possuem testemunhos vários da vida-obra desta geração que não têm a quem se dirigir para os confiar ou vender. Por isso optam por vendê-los, mantê-los em gavetas ou distribuí-los pelos seus herdeiros.

Uma casa-museu para Pessoa e «os de Orpheu» (até fez slogan sem querer!) poderia ser um espaço de cultura, por isso vivo e em crescimento, e não um cemitério de cadáveres etiquetados. Não utópico imaginar que um desses sítios de Lisboa que serviram de poiso a Pessoa e a seus parceiros — por que não a casa onde Pessoa nasceu ou outras por onde perpassou, ou algum dos cafés onde parava — possa ser esse lugar. Aí adquiriríam sua função os móveis, os objectos, os quadros, as esculturas, as fotografias, os escritos, os livros desses a que estiveram ligados.

Mais ainda que a célebre cómoda de Pessoa sobre que «escrevia sempre que podia» (com disse), e habitual escrivaninha, a não menos célebre arca dos papéis, os óculos (que restam), a máquina onde costumava escrever muitas vezes directamente os seus poemas, a mesa e a chávena do Café Martinho, os diferentes objectos pessoais com a sua marca (agendas anotadas, por exemplo), as suas estantes com os seus livros profusamente sublinhados e comentados, — mais ainda que tudo isto, povoaria este interior a presença que se desprende dos inúmeros escritos autógrafos de Pessoa e seus contemporâneos dispersos por diversas mãos que urge reunir.

Mas há também a considerar e a incluir neste espaço diferentes criações que a obra de Pessoa e seus parceiros literários têm vindo a desencadear no campo das letras e das artes.

Dezenas de quadros fixaram ou ficcionaram Pessoa e «os de Orpheu» e já há também esculturas por eles inspiradas (como o comprovaram duas exposições realizadas na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, em 1985: uma em Junho outra em Dezembro, a primeira só de artes plásticas e a segunda sobre a vida-obra de Pessoa mas incluindo também algumas dessas manifestações plásticas).

Inúmeras medalhas, cartazes anunciando exposições e outras manifestações em torno de Pessoa e «os de *Orpheu*», assim como as muitas obras já existentes de vários artistas gráficos poderiam figurar nesse espaço a criar. (Não é de ficar em museu esse vestido que levou Pessoa até à Lady Di, em silhueta desenhada a lantejoulas por um costureiro em voga e colado ao corpo de uma ex-«miss» de beleza nacional...?)

A poesia de Pessoa também tem largamente inspirado os músicos: reunir essas dispersas gravações, algumas só em fita, e pô-las ao alcance do estudioso ou mero visitante, começa também a impor-se. (Além disso, que melhor expansão para a «pátria língua portuguesa» de que fala Pessoa do que a circulação pelo mundo dos seus poemas musicados e cantados?)

Seria também importante guardar e proporcionar ao visitante a ocasião de ver (gravados em vídeo ou doutra forma) espectáculos vários (teatro, cinema, bailado) criados em torno de Pessoa de *Orpheu*.

Pessoa entrou no imaginário não só português, mas da Humanidade. Todos os dias a Imprensa, mais estrangeira que nacional, faz referência à obra de Pessoa como um livro de cabeceira do homem de hoje. Urge criar um repositório vivo (isto é, um crescimento) dessas referências e também das obras que pelo mundo estudam Pessoa ou o ficcionam. Várias revistas em várias línguas lhe consagraram já e vão continuar a consagrar-lhe não só artigos, mas até números especiais. Reunir e mostrar, num espaço vivo, estes ecos que Pessoa acorda pelo mundo fora é alargar a nossa paisagem cultural não só aos olhos estrangeiros, mas — o que é mais importante — aos olhos da estima que cada nação, como cada ser, precisa de ter por si própria.

Neste espaço e neste contexto, qualquer manifestação cultural, não menosprezando a simples visita de estudo tão útil para as nossas escolas, teria todo o seu alcance e disporiam dos materiais de apoio necessários.

Haveria melhor maneira de comemorar em 88 o centenário do nascimento do poeta do que dar existência a este «sítio»?

Se a Unesco considera «património da Humanidade» cidades como Évora e Angra do Heroísmo para melhor as preservar na sua integridade e harmonia, parece-me que Pessoa e a sua geração não merecem menos este título. Pouco antes de morrer, Jorge Luís Borges consagrou Pessoa «Poeta de Portugal», numa «carta» que lhe mandou para Paris, em 85, por altura da exposição que aí comemorou o cinquentenário da sua morte.

«Um país é uma alma», escreveu Pessoa num dos seus primeiros textos em português, quando escolheu ser cidadão desta pátria. Permitir que se desbarate o nosso património cultural é deixar que nos vendam a alma — a desse «Portugal a entristecer» de que Pessoa fala no fim da sua *Mensagem*. Triste, talvez, mas nosso, mas *nós*. Triste, talvez, porque se sente «impoter» desde muito antes do Ultimatum para tomar nas mãos o seu destino.

Sente-se, mas, vendo bem, não é. Porque um país é feito de cidadãos à paisana responsáveis. Tem o português o hábito infantil de considerar que o Paizinho-Governo tem obrigação de fazer tudo, ter todas as ideias e todos os gestos que o protejam enquanto ele brinca, muito entretido, à sua vidinha. Mas é a cada um de nós que, afinal, compete apetecer e viver a sua cultura tão saudavelmente como a sua vida, cabendo essencialmente aos governantes zelar pelos dinheiros públicos com que os cidadãos matam a fome do corpo e do espírito. A cultura, como a vida, não se pode viver por procuração.

E se fôssemos a isto?

Já um Mecenas nos procurou na disposição de comprar o espólio de José Pacheco. O que é uma grande alegria. Seria a primeira dádiva a mobilar a tal casa-museu a encontrar urgentemente. Ou a primeira pedra. Mas muitas outras são precisas para construir o edifício...

Teresa Rita Lopes

Monstros XXIII

Chaké Matossian

Jean-Jacques Rousseau — por uma sociedade sem monstro

A partir do momento em que a Natureza manifesta leis, elimina o acaso. Tudo, na Natureza, revela um fim, uma finalidade, donde a rejeição, no *Emílio*, desses elementos de um mundo empedoclesiano em que «estômagos sem bocas, pés sem cabeças, mãos sem braços» teriam podido existir, originariamente, como «ensaios disformes» (1).

Para Rousseau, a Natureza não engendra *monstros* porque ela própria se define como um *relógio* (*monstre*/*montre*, no seu original francês), dois termos que se excluem um ao outro para além do jogo de palavras.

Na sua muito célebre profissão de fé, o Vigário Savoyard exprime a sua atitude face à Natureza: «Sou como um homem que visse, pela primeira vez, um relógio aberto e que não deixaria então de lhe admirar o mecanismo, mesmo que não conhecesse o uso da máquina e que nunca tivesse visto um mostrador. Não sei, diria ele, para que serve tudo isto, mas percebo que cada peça é feita para as outras, admiro o operário no pormenor da sua obra e estou seguro de que todos estes maquinismos não funcionam concertadamente senão para um fim comum que me é impossível descortinar» (1).

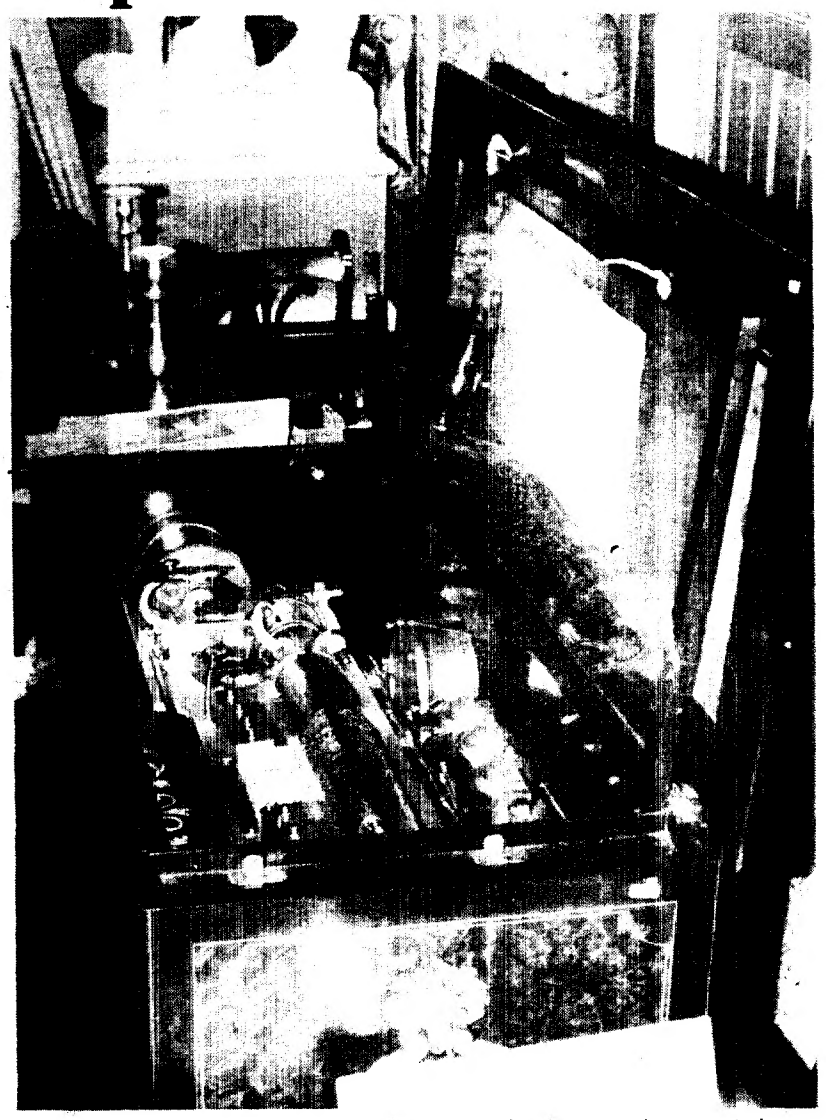
A Natureza permanece, para Rousseau, o modelo a seguir, tanto na elaboração de um sistema pedagógico, como na de um sistema político, na de conduta de vida como na escrita; isso mesmo testemunha a sua obra, que põe sempre em relevo a autenticidade, a simplicidade, a utilidade, enquanto valores. Se a Natureza que não procede tacteando não tolera o monstro, segue-se daí que a sociedade, tal como Rousseau a concede, também não poderá admiti-lo. O monstro, se ele existe, reflecte, ora uma temporalidade que *precede* o momento feliz da comunidade (o Contrato Social), ora a temporalidade que se *segue* a esse momento, a saber, a decadência da civilização. Num caso como no outro, o monstro deve ser eliminado. No entanto convém sublinhar que o «monstro» que antecipa a instalação da comunidade se diferencia do monstro da decadência porque releva da *ignorância*, enquanto o segundo releva da maldade, quer dizer, de um mal voluntário, de uma depravação.

Com efeito, antes de se formarem os grupos humanos, os homens, afirma Rousseau, viviam isolados uns dos outros («o efeito natural das primeiras necessidades foi o de afastar os homens, e não o de os aproximar») (2), atingindo eles assim uma independência máxima. O selvagem é robusto e destemido («rude», cantava Lucrécio) e, contrariamente ao que se atribui a Rousseau, esse selvagem não é bom, estando, sim, *àquem* do bem e do mal, porque é ignorante: «Nada conhecendo, eles temiam tudo; atacavam para se defenderem. Um homem abandonado sozinho sobre a face da Terra, à mercê do género humano, deveria ser um animal feroz» (2).

Rousseau pensa, de modo muito socrático, que ninguém é voluntariamente mau. Segundo ele, Hobbes engana-se portanto ao declarar que o homem é mau por natureza, porque, por natureza, o homem escapa à moral, é *a-moral:* «poder-se-ia dizer dos selvagens que não são maus, precisamente porque não sabem o que é ser bom; porque não é nem o desenvolvimento das luzes, nem o freio da lei, que os impede de fazerem mal, mas antes a calma das paixões e a ignorância do vício» (3).

O homem primitivo de Rousseau não vê no outro senão uma ameaça, um monstro; mantendo-se fechado sobre si mesmo, ele reduz o universo à sua célula familiar que, longe de resultar de uma paixão amorosa, não foi forjada senão utilitariamente, por instinto. Este encerramento em si próprio, esta recusa de abertura ao mundo deriva da ignorância, e é, assim, por ser ignorante, que o primitivo considera o semelhante como monstro: «nunca tendo visto nada senão o que existia em seu redor, até isso eles não conheciam; e não se conheciam a si mesmos. Tinham a ideia de um pai, de um filho, de um irmão, e não de um homem. A sua cabana continha todos os seus semelhantes; um estranho, um bicho, um monstro, eram para eles a mesma coisa; fora deles e da sua família, o universo inteiro nada era para eles» (2).

Deste modo, o surgimento da comunidade não poderá ter lugar senão com a abertura ao outro e ao mundo, abertura ligada ao conhecimento. Antes, no momento da ignorância, o homem vive num círculo fechado onde não existe linguagem que permita comunicar, onde a sexualidade se reduz ao incesto e onde, por consequência, a sociedade não existe: «cada um se mantém em silêncio na sua cabana», «havia famílias, mas não nações, havia línguas domésticas mas não línguas populares, havia casamentos mas não amor. Cada família se bastava a si própria e se perpetuava apenas pelo seu próprio sangue» (2).



«... E fico certo de que todos esses maquinismos não funcionam assim concertadamente senão por um fim comum que me é impossível discernir»

Notas

[1]) Jean-Jacques Rousseau, *Emílio*, livro IV.

[2]) J.-J.-R., *Ensaio sobre a origem das línguas*.

[3]) J.-J.-R., *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*.

Foto Hernando Domingues

Encontros na Lisboa azul

Breves encontros na Lisboa azul de Maria Helena Vieira da Silva: presente quer na retrospectiva de Arpad montada pelo C.A.M. da Gulbenkian, quer na inauguração da sua própria exposição e na de Arpad com que a galeria da Bertrand «relança o Chiado», a pintora encontra Mário Cesariny, velho amigo, que sobre ela e seu marido escreveu «O castelo surrealista», circunstancialmente devolvido às montras dos livreiros.

Vieira da Silva continua em Lisboa, agora menos assediada pela Imprensa, acompanhando as diversas fases da realização do seu painel de azulejos para a futura estação do Metro da cidade universitária e dispondo ainda de tempo para pintar, num atelier posto à sua disposição pela Fundação Gulbenkian, que entretanto começa a preparar a sua grande retrospectiva — a dos 80 anos da artista — que abre portas para o ano. Esta retrospectiva deverá, depois, conhecer uma itinerância internacional.

A era Gorbachev na Imprensa soviética

Eles eram um pequeno grupo de privilegiados

«Falava-se de justiça social, mas na realidade este princípio não era aplicado, em favor de um pequeno grupo de pessoas privilegiadas onde se encontravam os próprios dirigentes», disse o primeiro secretário do partido da República do Kazaquistão, Kolbin, acerca das mudanças na direcção que estiveram na origem dos acontecimentos na cidade de Alma-Ata, em Dezembro do ano passado.

A 17 desse mês, uma manifestação concentrou-se na Praça Brejnev, segundo uns para protestar contra a demissão no dia anterior do secretário do partido, Dinmukhamed Kunaev, de 85 anos, há 25 naquele posto e chamado à responsabilidade por «infracções às normas da vida do partido, criação do culto da personalidade, deturpação da política de quadros e por agir em proveito próprio» (Pravda, 16 de Março de 1987); segundo outros contra a escolha de um dirigente russo para o mais alto cargo de uma república maioritariamente muçulmana.

Houve confrontos. O jornal «Literaturnaia Gazeta» diz terem durado «mais de dez horas». Foram incendiados carros, partidos os vidros das montras e edifícios, morreu pelo menos uma pessoa, a fazer fé na imprensa soviética, versão contrariada pela fontes ocidentais que avançaram um número entre 14 e 50 mortos.

O caso foi rapidamente difundido pela Tass, embora a cidade tivesse sido fechada a correspondentes e jornalistas estrangeiros, pretextando-se os mais diversos motivos. No mês seguinte, o secretário-geral do PCUS abordou-o durante os trabalhos do Plenário do Comité Central como um exemplo de dificuldades existentes nas relações entre nações, «fenómenos de soberba nacional», a superar rapidamente dentro de um novo espírito de complementaridade produtiva, acrescentando que haveria «ainda que perceber tudo o que lá se passou».

Na entrevista concedida ao jornalista do jornal do Komsomol e tratada num artigo recente, Kolbin estabelece uma relação muito directa entre as infracções cometidas pela anterior direcção demitida e os motivos que levaram ao desencadear dos confrontos de Dezembro.

«Era tudo maravilhas»

«Das tribunas, os dirigentes da república espalhavam as maravilhas sobre a situação em todas as esferas da sociedade. Na realidade, tudo era ao contrário. Só em dois anos a república cumpriu o plano de construção de habitações, mas não existia qualquer pejo em gastar dinheiro na construção de residências privadas fora das cidades».

Segundo este dirigente que o jornalista qualifica de «pessoa enérgica, com grande experiência de trabalha de partido na república da Grúsia», «mais de meio milhão de pessoas esperam na bicha para receber um apartamento. E apesar de nos últimos três quinquénios, em cada ano se construir cerca de cinco milhões de metros quadrados para habitação, continua a haver bichas. Porquê? Porque das pessoas que fizeram bicha até Dezembro do ano passado, só uma pequena parte recebeu apartamento e em Alma-Ata só 20 por cento. E quando se foi verificar a entrega, demonstrou-se que os que receberam casa não tinham direito a ela».

Da mesma opinião é o Procurador da República Galin Bagimovitch Elemisov para quem «entre os organizadores da manifestação estavam aqueles que têm rendimentos não provenientes do trabalho». «A manifestação foi fomentada por aqueles que têm medo da reestruturação», diz ele, «por aqueles que se habituaram a ter vantagens pessoais» e que, por essa razão, não estariam interessados no «restabelecimento da ordem».

Para os actuais dirigentes do partido na república, os acontecimentos foram instigados, soprados por aqueles que o «Komsomolskaia Pravda», na sua edição de 10 de Janeiro deste ano, dizia serem elementos da juventude dourada, ligados à Mafia de traficantes locais. «Uns foram influenciados pela demagogia nacionalista», diz Kolbin, «outros foram coagidos por ameaças ou por ajustes e ainda houve quem fosse enganado».

«Como tudo se passou»

«Ao cair da tarde de 17 de Dezembro», conta o secretário do comité do Komsomol da fábrica Guldankirjakov, «apareceram nas residências da fábrica grupos de pessoas a chamar os kazaques para ir ao centro da cidade. Não diziam porquê. Gritavam que o orgulho nacional tinha sido atingido e que era necessário dar uma resposta».

Segundo um estudante, Eskandir Gaipov, de serviço com um grupo de «drujiniki» - cidadãos voluntários do serviço de ordem -, o mesmo se passou nas residências estudantis. «Um jovem vem avisar-nos que andavam com um carro a agitar os estudantes com palavras de ordem nacionalistas». «Vamos também», decidiu Eskandir, «vamos ver». «Nessa altura, um «Volga» de cor clara e com matrícula de particular iluminou-nos com os faróis, mas identificando as braçadeiras vermelhas, deu meia volta e desapareceu».

O jornalista conta que, entre as raparigas que acompanharam o grupo de operários, encontrava-se uma operária da fábrica Porchen. «Eu não sei como tudo começou», diz Mira Dissabaieva, «ia para o trabalho e vi uma multidão onde estava um rapaz. Falava bem, agitava, chamava todos para que fossem para a praça», e acrescenta, «ameaçava mesmo».

O jornalista questiona-a sobre donde era o jovem. Que não era da fábrica.

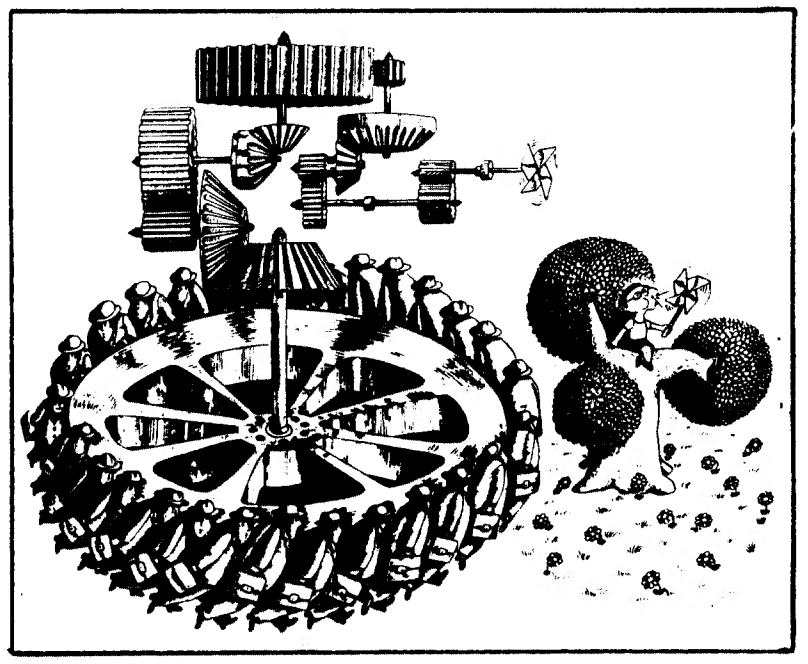
- E muitos dos vossos colegas estavam na praça?

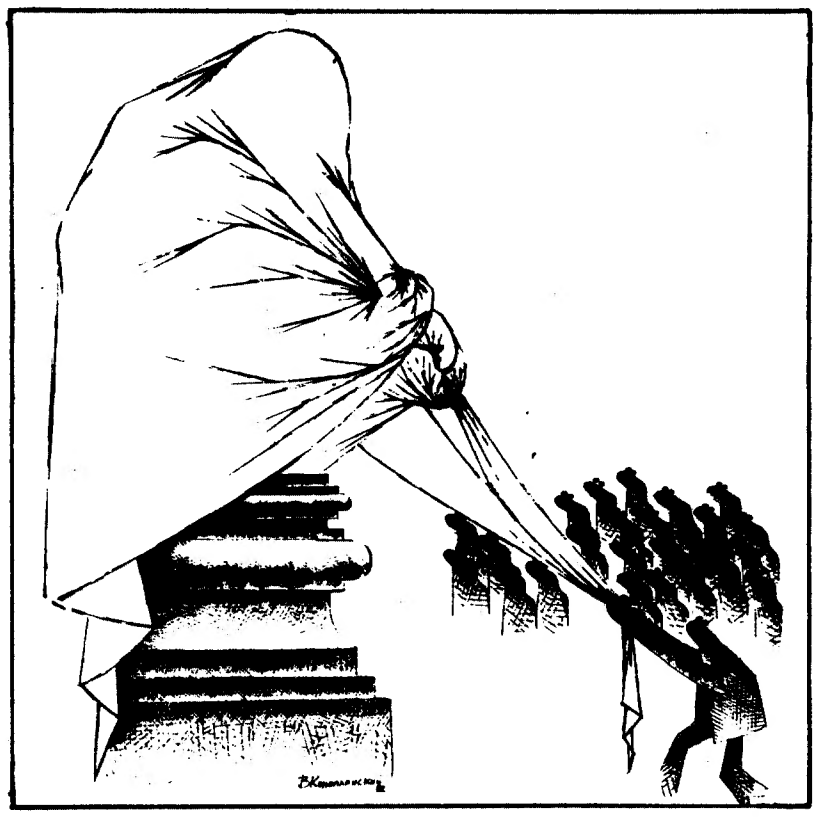
- Sim. Como eu iam para o trabalho e na entrada retiveram-nos, ameaçaram-nos, diziam que se éramos kazaques que tínhamos de ir para a praça. Causou-nos curiosidade o que se estava a passar e fomos com eles.

- E depois?

- Depois foi horrível.»

A rapariga conta que começaram a fugir, mas foram de encontro a uma multidão que os impedia. Em nenhum dos relatos se percebe o que se passou, como se deram os confrontos que terão durado horas. Eskandir diz que quem estava na praça e tinha uma braçadeira de «drujiniki» não teve a vida fácil. Mas o artigo não explica porquê. Um deles morreu, o único morto registado pelas autoridades e pela imprensa. «Savindski era um engenheiro da rádio», escreve-se no artigo, «mataram-no em frente do edifício onde trabalhava. Será que ninguém viu e não fixou quem assassinou este homem?». A pergunta fica sem resposta, tal como ficam aquelas que o jornalista fez a um jovem que participou na manifestação, que, segundo as suas palavras reproduzidas no artigo, atirou pedras sem saber porquê, nem se sabe para onde e cujo nome, por razões claras, não é revelado.





«Não nos defendíamos de ninguém. Não havia perigo algum», disse ele, «alguém com um martelo partia em bocados o revestimento de mármore dos edifícios...

- Quem?

- Não vi.

- Então porque atiraste pedras?

- Alguém me disse: 'Se és um jovem saudável e forte, não me digas que não podes atirar uma pedra'. Eu apanhei quatro e afastei-me.

- E lançaste-as?

- Sim. Umas dez.

- E de onde vieram as outras?

- Estavam lá, já preparadas.

O jornalista conclui a seguir, paremptório: «Pode ser que agora, depois da sentença, ele perceba que foi um instrumento na mão de alguém».

Outra das pessoas sentenciada com cinco anos de prisão é uma professora que a «Literaturnaia Gazeta» afirma ter sido condenada por empunhar uma bandeira e agitado à frente dos manifestantes durante a tarde de 17 de Dezembro. Para o articulista do publicação do Komsomol, Sabitova terá escrito panfletos repletos de frases chauvinistas, «não um nem dois, mas dezenas». «Agora ela explica que, pela manhã, não concordava com o seu conteúdo e prestava-se mesmo a ir aconselhar-se ao comité de cidade do partido. Contudo, não foi lá, mas sim a um dos estabelecimentos de ensino de Alma-Ata, tendo os panfletos ficado na sua posse».

«Os tempos são complexos»

O artigo citado reduz os fenómenos a um número restrito de instigadores, embora não esclareça quem interveio para desbaratar a manifestação. Kolbin, o secretário escolhido na véspera dos acontecimentos pela maioria do comité central do partido da república, restringe o número de privilegiados a um «pequeno grupo» rapidamente detectável e demovido das posições que ocupavam.

Resta a dúvida sobre as razões que levaram a que isso acontecesse e o grau de amplitude do fenómeno ao nível dos mais pequenos circuitos, e da sua aceitação como conduta e forma de obtenção de rendimento.

Quanto às razões, o fenómeno parece ter raízes profundas na história da União Soviética. Já em 1928, Christian Rakovsky, antigo presidente do Conselho dos Comissários do Povo da Ucrânia, escrevia no exílio um pequeno estudo sobre os primeiros sintomas do que agora se parece criticar. «No espírito de Lenine e no de todos nós o objectivo da direcção do partido era precisamente preservar o partido e a classe operária da acção dissolvente dos privilégios, das vantagens e dos favores próprios do poder. (...)A posição do comunista que tem à sua disposição um automóvel, uma boa habitação, licenças regulares e que recebe o salário máximo permitido pelo partido difere da do comunista que, trabalhando nas minas de carvão, ganha 50 a 60 rublos por mês».

Kolbin, no espírito das novas exigências, garante que se tomarão medidas para que nada volte a suceder. «Todos os comunistas, independentemente do lugar que ocupam, terão de prestar contas aos organismos de base». «Se dissermos que uma pessoa utiliza o posto para satisfazer os seus próprios interesses à custa da sociedade, então ele não tem o direito a esse lugar. O dirigente é antes de tudo aquele que tente satisfazer o progresso social, não o seu próprio».

A situação ilustra bem a dificuldade daqueles que, na linha dos orgãos supremos do partido, tentam criar uma reviravolta na sociedade e apenas dispõem de enquadramentos institucionais que, de modo estrutural, inoculam a passividade.

«Uma luta social está em curso», escrevia K.I.Lavrov no «Pravda», «não só contra os que defendem os seus privilégios, mas também contra aqueles que dificilmente conseguem arrancar-se à força dos hábitos».

A questão está em saber como se vence a teia de interesses e dependências que durante décadas, com avanços e recuos, se foi criando, principalmente quando o corpo de funcionalismo, não tão pequeno assim e habituado a certos privilégios, se encontra na parte intermédia da estrutura da sociedade, em posição de bloquear qualquer reforma. Ou mesmo de desmotivar a base social de apoio que, no início, acompanha os esforços liberalizantes de um polibureau, mas que pretende ver alterações reais na sociedade e na sua vida.

«Os tempos são complexos e dramáticos», escrevia Mikhail Ulianov na «Literaturnaia Gazeta», «ou renovamos os genes do sistema ou tombamos nas águas estagnantes por muito tempo, senão mesmo para sempre. E agora ou nunca».

João Almeida

Retratos no Teatro

Suzana Borges

Por Manuel Cintra

Tira os óculos escuros. Vem cansada. Vem de um ensaio onde esteve toda a manhã. Depois irá a correr para o banco. E nesta conversa curta ficarão algumas coisas por dizer. É actriz. Vai sendo, quando isso se torna possível. Neste País quase todos os actores só o são de vez em quando, não é? Durante o resto do tempo, é preciso sobreviver... Há-de tornar apôr os óculos. A esconder-se atrás deles numa Lisboa que às vezes se esconde também.

O percurso de Suzana Borges é, de certo modo, comparável àquele que na semana passada aqui se focou, o de Diogo Dória. E embora isso não estivesse de início previsto (o entrevistado desta semana esteve para ser outro) talvez valha a pena estabelecer essa relação. Foi também na Faculdade de Letras que o teatro lhe chegou pela primeira vez. Foi quase no mesmo espectáculo que ambos começaram, ou seja, *O Despertar da Primavera*, de Wedekind, encenado por Osório Mateus, que com esse trabalho fundou, em conjunto com algumas pessoas (das quais Suzana Borges e, precisamente, Diogo Dória) o grupo *Produções Teatrais*, ainda hoje existente, e que, embora de produção intermitente, nos promete um Tenessee Williams lá para o Outono. Neste momento, e pela terceira ou quarta vez, estão também a trabalhar juntos, num novo projecto: trata-se da peça *Jogos de Praia*, de *E.A. Whitehead*, um contemporâneo inglês, e que estreará brevemente com carreira prevista para o Teatro da Trindade. Entre este espectáculo e o primeiro, alguns anos decorreram. Os anos em que uma jovem termina um curso de Filosofia, descobre entretanto o teatro e se entrega a ele com força, sempre que pode. Mostra, a este respeito, uma certeza grande: o «culpado», que para Diogo Dória teria sido Richard Demarcy talvez neste caso não exista. Talvez não seja, quero eu dizer, o despoletador da paixão pelo teatro. Em todo o caso há um cúmplice muito grande: Osório Mateus, precisamente, de quem Suzana fala com certezas, admiração e talvez até uma certa ternura. Osório Mateus, iniciador de um projecto etgranho, porque às vezes latente, à espera de melhores dias, mas que não morreu. *Garretismos*, estreado há tempos no Teatro do Bairro Alto, é disso prova. Suzana refere-se a Osório Mateus dizendo que lhe trouxe coisas importantes, como o rigor, ou a intenção do rigor. O trabalho com ele, a nível técnico, a nível teórico, a nível de intensidade, foi muito importante. Curioso país, em que como não há escolas, parece haver mestres. Diz também que ao trabalhar com Osório Mateus se está sempre a descobrir coisas novas todos os dias. A pôr problemas, a construir dúvidas, a procurar certezas. E que isso foi importantíssimo para que criasse um método de trabalho, trabalhe com quem trabalhar.

Depois, para falar de si, não é tão fácil. é como se tornasse a pôr os óculos. Como aqueles animais marinhos e coloridos que se retraem quando neles tocamos. Falar de si. Mas é para isso que aqui estamos. Então lá vai. Da infância, pouco quer dizer. Está longe, foi solitária, parece pouco apetecível. Esta mulher está só. Está quase sempre só. Descobriu, como tanta gente, que faz parte da natureza humana ser um, contar acima de tudo connosco próprios. Isso não parece, neste momento, violentá-la. O trabalho está a resultar, está satisfeita com o novo papel, que lhe traz uma certa paz. Sabe o que quer. É neste momento, porque está a ensaiar uma peça, pode fazer o que quer. Apesar dos momentos de paragem, apesar dos tempos intermináveis em que se tem que esperar por um subsídio, ou por um convite, ou por uma oportunidade. Na melhor das hipóteses, quando é assim, trabalha-se às vezes. O resto do tempo sobrevive-se. De traduções, de artigos nos jornais, de aulas que um curso superior permite dar. Vive-se ao contrário. E por muito errado que isso seja, o momento em que se tem trabalho num espectáculo torna-se quase um privilégio. Há aqui uma tal certeza, uma tal paixão, que é preciso esperar para que cresça, tome vida.

Diz-me que não costuma ter medo do palco. Nervosa, sim, para as estreias, mas não assim tanto. Não como alguns colegas costumam ficar. Quanto ao que sente quando está em cena, quando acha que está a resultar bem, a resposta é um sorriso imediato, grande, quente: sente um imenso prazer em representar. Gosta de sentir o público olhar para ela. De vibrar com isso, de sentir a entrega, as reacções. A esse nível foi a peça Tóquio, de Tenessee Williams, a que mais satisfação lhe trouxe. A encenação era de Diogo Dória, igualmente num dos principais papéis, e nela contracenou também com Virgílio Castelo e João Cabral. O que muito lhe satisfez foi poder encarnar o papel de uma mulher totalmente diferente daquilo que é na vida real. Aliás, é isso que mais deseja. E sente-se muito satisfeita por o seu novo papel, em *Jogos de Praia*, ter também essa característica: a mulher que vai encarnar, Maria, é de uma camada social, um estar e uma atitude totalmente diversas das suas, muito menos intelectual, por exemplo, e funcionando muito mais directamente a nível físico, sem que os actos ou as sensações passem por um pensamento, como é, se calhar, sua tendência normalmente.

Também no cinema já teve alguns trabalhos, o mais recente dos quais, Repórter X, de José Nascimento, actualmente em cartaz entre nós, lhe propõe o papel de uma refugiada de um país longínquo, falando francês com sotaque estrangeiro, o que só de si não é muito fácil. Contracenando com Eunice Muñoz, que faz o papel de sua mãe, parece ser o filme em que mais gostou de trabalhar, apesar de mais três ou quatro experiências, tanto em filmes portugueses como ingleses e franceses.

Pedi-lhe que trouxesse algumas fotografias, para que uma acompanhasse este artigo. Preferimos ambos a mesma. Não lhe pergunto porquê..Quanto a mim, sei que escolhi esta por um razão muito simples: nela, os óculos escuros não tapam os olhos verdes que acabam de falar, talvez tanto como a voz um pouco tímida desta jovem actriz. Se nos olha de frente, isso aqui, nestas linhas, quer significar que é no palco, quando encara o público, que ela mostra aquilo que acaba, com sobriedade, de esconder. Tive ocasião de assistir a Tóquio, o único espectáculo em que a vi actuar. Vi igualmente, há poucos dias, Repórter X. Sei, porque essas coisas ou são evidentes ou nunca serão, que se esta mulher continuar à procura do seu espaço, e se esse espaço for, tantas vezes quantas possível, num palco, onde realmente se deve sentir feliz, teremos durante muitos anos mais uma boa actriz no seio do nosso teatro. Não sei se excelente, não sei se muito boa, não sei senão o que sinto. E sinto, mais uma vez, alguma esperança. Tentarei agora falar com alguém de outra geração. A entrevista da próxima semana será, em princípio, com alguém que tenha idade para ser pai ou mãe desta actriz. É preciso descobrir se o que se passa, e as diferenças de atitude que se notam, estão ou não relacionadas com isso. Será tudo um problema de idade? Será que o tempo nos come a todos a juventude? O caso é que tudo indica que quantos mais anos de palco e mais desgaste, menos encanto, menos certezas, menos vontade de continuar. Haverá excepções? Será talvez possível que gente como esta troque essas voltas, e o teatro português ganhe novo sangue. Novo sangue, leia-se: aquele que aos oitenta ainda é jovem. Aquele que nenhuma decepção possa senão enrijecer, tornar mais resistente e mais firme, mais rigoroso se possível for.

Fala-me do futuro, da *Companhia das Luzes*, nome que já vai tendo o núcleo a que actualmente pertence, e com quem está a montar a peça Jogos de Praia. E levanta o dedo, sorrindo, como uma criança, sem querer:

— O nome foi eu que o inventei.

Na quinta-feira

TER ESCREVER

Clip

Mário Botas na Alliance

No *Espace Alliance*, R. Braamcamp, 13-1.º, Lisboa, abre esta tarde a exposição «Mário Botas em francês»: trata-se de uma série de aguarelas e desenhos a tinta-da-china que, na sua maioria, são expostos pela primeira vez, e que foram legendadas em francês pelo autor — *L'Oiseau Lyre, Le loup et l'agneau, Les extases de la Vierge, Les Vaniteux, Tristan Corbière, Antonin Artaud, En ménage, L'époux infernal*...

Mário Botas (1952-1983) terá sido, no dizer de Eduardo Lourenço, «um meteoro no panorama artístico português contemporâneo». Ele tinha acabado o seu curso de medicina quando soube que uma leucemia ia destrui-lo. Depois da retrospectiva recentemente organizada pela Altamira, esta exposição do Espace Alliance revela-nos novas obras e oferece um reencontro com um perfil que aprendemos a estimar (a partir de hoje até 26 de Junho).

Hemsworth

Também hoje, na Galeria Comicos, R. Tenente Raul Cascais, 1-B, Lisboa, abre a exposição de Gerard Hemsworth, um dos mais influentes pintores britânicos da sua geração. O próprio Hemsworth está em Lisboa para apresentar os seus trabalhos, que balançam, no dizer de Paul Filmer, entre os «clichés do significado» (atitude modernista) e «da representação» (realismo), ironizando.

«Vigiar e Punir»

SIDA gera internacional conservadora

Jean Marie Le Pen, em França, e Franz Josef Strauss, na Alemanha Federal, são os precursores do que ameaça vir a ser a grande ofensiva política do fim do século: a SIDA enquanto fronteira entre o eu (nós) «puro» e o outro (outros) «conspurcado». A doença que no princípio da década de 80 pôs em causa a eficácia de uma das marcas distintivas do mundo ocidental — a medicina — é já hoje, na verdade, uma questão política.

E M jogo estão agora dois discursos: o dos cientistas a quem é proibida a especulação; e o dos políticos, que fazem dela a sua trave mestra. Ambos são, afinal, protagonistas de uma luta desde sempre travada pela humanidade: a que opõe a razão ao inconsciente.

O modo de transmissão do vírus da SIDA — pelo sangue e pelo esperma — e o facto de serem homossexuais, prostitutas e drogados três dos grupos de maior risco (o quarto é, como se sabe, constituído pelos hemofílicos), davam, à partida, à doença, as condições ideais para ser um «leitmotiv» de campanhas políticas ou religiosas.

Mas pelas características atrás apontadas, a SIDA só poderia passar para o campo político pela mão da direita mais conservadora. O título de uma das obras de Michel Foucault resume hoje as declarações de um Le Pen ou a prática de um Strauss — «Vigiar e Punir»... E, no domingo passado, ambos ganharam nesta batalha um novo aliado: Ronald Reagan. O presidente da Frente Nacional e líder da extrema-direita francesa, Jean-Marie Le Pen, anunciou já que a SIDA será um tema central da sua campanha nas eleições presidenciais de 1988.

No dia 6 de Maio, num programa televisivo intitulado «Hora da Verdade», Le Pen enunciou as linhas mestras do seu «dossier» sobre a doença: os *sidaitas* — nome que deu aos doentes afectados pelo vírus da SIDA — devem ser internados e isolados em centros especiais — «sidatórios»; os emigrantes ou estrangeiros portadores do vírus devem ser expulsos do país... Le Pen afirmaria ainda que a SIDA pode ser transmitida pelo suor (o que tem sido contestado pelos investigadores que alegam que até hoje não se verificou qualquer caso de contágio pelo suor, lágrimas ou saliva). Le Pen, que sempre defendeu a restrição de entrada em França de emigrantes e exilados e a expulsão dos que se encontram em situação ilegal no país, tem agora na SIDA um trunfo de valor ainda imprevísivel. As suas declarações não foram, contudo, recebidas de ânimo leve nem pela Imprensa nem pela própria direita liberal, que conta com uma forte representação no partido do primeiro-ministro Jacques Chirac (RPR).

Conhecidos comentadores políticos têm afirmado, nestes últimos tempos, que Le Pen pretende exprimir o «inconsciente colectivo de uma França profunda» que, no entender do líder da Frente Nacional, não ousou ainda admitir, perante si própria, «que está farta dos emigrantes».

Le Pen, afirmam, dirige-se ao lado obscuro de cada um de nós, ao colocar em cena o «medo do outro, o ódio do outro, a exclusão do outro». O outro que, até há pouco tinha apenas uma cor diferente, é agora apresentado como a fonte do mal, o foco infeccioso, Na sua expulsão está, afinal, o «milagre» que, no entender de Le Pen, e, «tal como no tempo de Joana D'Arc, pode salvar a França de um destino infeliz».

«Primeiro os Franceses»: eis a palavra de ordem do líder da Frente Nacional para as presidenciais de 1988. As sondagens dão-lhe 10 por cento dos votos. E é esta fatia do eleitorado que pode agora determinar qual a posição do partido de Chirac face ao discurso de Le Pen.

O ministro do Comércio Externo, Michel Noire, não esperou pela posição oficial do RPR para tomar partido. Num artigo publicado no «Le Monde» de 15 de Maio, afirmava: «Estaremos nós prestes a sacrificar a nossa alma para não perdermos as eleições? (...) A responsabilidade de um homem político não é só a de ganhar as eleições com vista a exercer o poder. É também a de vigiar de modo a que as nossas sociedades não esqueçam os valores sobre os quais assentam. É por isso que tenho a convicção íntima de que é necessário ultrapassar os interesses partidários e mesmo aceitar perder as eleições (...)».

O artigo de Michel Noire incomodou Jacques Chirac e foi contestado por outros ministros e dirigentes do RPR que defendem que os temas focados por Le Pen devem ser retomados, embora de um modo mais moderado, pela direita liberal, de modo a assegurar os votos da Frente Nacional numa hipotética segunda volta das presidenciais.

No entanto, Michel Noire tem a seu lado nomes de marca do RPR como François Leótard, ministro da Cultura, Simone Veil ou Michèle Barzach, ministro da Saúde, que ainda recentemente afirmava: «tenho a impressão de que não faltará muito tempo para que regressem as estrelas amarelas...»

«Catálogo da SIDA»

Mas se Le Pen está afastado do poder, o mesmo já não se passa com Franz Josef Strauss, líder dos sociais-cristãos e presidente do Estado federado da Baviera, RFA, onde ontem entrou em vigor o «Catálogo Bávaro da SIDA».

Este catálogo inclui um pacote de medidas que tem sido vivamente contestado por especialistas na matéria e pelo próprio Ministério da Saúde de Bona, que consideram que ele fomenta as tendências antiestrangeiras e a delação e suspeição na sociedade, para além de serem impraticáveis e contraproducentes no combate à SIDA.

À semelhança de outros governos da Europa Ocidental, o Ministério da Saúde de Bona considera que a única arma efectiva para combater a SIDA é a educação e a informação. No entanto, o modelo adoptado na Baviera opta pela punição.

Assim, a partir de ontem, os exames sanguíneos para determinar a existência de anticorpos de SIDA são obrigatórios, na Baviera, não só para os «grupos de risco», como também para os candidatos a cargos da administração pública, pretendentes a asilo político e estrangeiros que desejam radicar-se naquele Estado. Esta obrigatoriedade não é, contudo, extensiva, aos cidadãos da CEE, da Áustria, da Suíça, do Liechtenstein, e dos países escandinavos que solicitem visto de residência na Baviera.

Diga-se de passagem que, segundo os dados conhecidos, a SIDA parece ser menos frequente num país como a Turquia do que, por exemplo, na Suíça, o país europeu que nesta altura apresenta o maior número de casos por milhão de habitantes (30,1).

O «Catálogo da SIDA» estipula que os testes sanguíneos, caso sejam negativos devem ser repetidos de três em três meses. Se o exame se revelar positivo, a pessoa infectada poderá ser isolada em «estabelecimentos terapêuticos especiais» e, no caso de se comprovar que contagiou outra pessoa sabendo que estava infectada pela doença, pode ser acusada de lesão corporal ou mesmo de tentativa de homicídio.

As pessoas portadoras de anticorpos de SIDA não poderão, segundo aquele catálogo, exercer cargos na administração pública.

A prática de Strauss e o discurso de Le Pen se são paradigmáticos na Europa, não constituem, contudo, uma excepção no mundo. Na verdade, em vários países asiáticos, os governos optaram por medidas punitivas e discriminatórias. Alguns exemplos: Na Coreia do Sul, os estrangeiros só podem fixar residência ou obter vistos de trabalho se os seus testes sanguíneos demonstrarem que não são portadores de anticorpos de SIDA. Na Índia e na China todos os estudantes estrangeiros são obrigados a efectuarem testes de despistagem da doença...

A obrigatoriedade destes testes foi também defendida por Ronald Reagan, num discurso efactuado no domingo durante um jantar para angariar fundos para o combate à SIDA e que foi a sua primeira intervenção de fundo sobre a matéria.

Reagan, que tem defendido que a informação sobre a doença, não pode degenerar num «atentado à moral», considerou que os presos, emigrantes e doentes de alguns hospitais deveriam ser submetidos a testes de despistagem da doença. O presidente norte-americano sugeriu ainda que a SIDA fosse incluída na lista de doenças contagiosas, que é um dos instrumentos de triagem dos candidatos a emigrantes.

Nos Estado Unidos, país que apresenta o número recorde de casos de SIDA (35.518), o discurso do presidente foi vivamente criticado por congressistas democratas, que consideram que Reagan transformou a SIDA numa «questão política».

O presidente norte-americano é, no entanto, apenas mais uma voz de uma «internacional conservadora» em torno da SIDA. A doença foi conduzida definitivamente para o campo político e hoje já não está em questão a sua abordagem neste terreno, mas sim saber-se qual o discurso que sairá vencedor.

Uma interrogação que terá resposta num futuro próximo e da qual poderá talvez depender o modo como encaramos a vida em sociedade, pois o perigo não é só representado pela doença em si, como também pela encenação a que se presta o risco absoluto que a SIDA hoje comporta.

Uma certeza, porém: não é impunemente que se joga com a inevitabilidade da morte por doença, nem com a perspectiva de que no fim do século será de 100 milhões o número de pessoas portadoras do vírus.

Como afirmava Jonathan Mann, coordenador do programa de combate à SIDA da Organização Mundial de Saúde, «os casos actuais de SIDA não são mais do que a ponta do icebergue...».

Clara Viana

Mensagens Pessoais

Violino de 3/4

Compro, usado, barato, em bom estado para criança aprender. Proposta a Nuno, Rua António Aleixo, Lote C, 9º D, Miratejo, 2800 Almada

Jeep

Compro, a particular, jeep usado, em bom estado; prefiro UMM Alter, lefone: 313892 de Lisboa depois das 19h

Poetas

Poeta que escreves para a gaveta, Florilégios III é uma antologia à tua espera. O **N.E.R.P.** é a associação que te convém. Existimos há três anos e ainda não recebemos trabalhos teus. Porquê? Escrevenos! **N.E.R.P.** Apartado 630; 2830 Barreiro

Portimão

Aluga-se apartamento mobilado de 3 ass. no centro de Portimão para a época balnear. Informa: Hélder Dias, telefone (089)25494

Lagos/Sagres

Alugo moradia mobilada zona Lagos/Sagres, próximo da praia, meses Junho, 1ª quinz. Julho, 2ª quinz. Agosto e Setembro. Com 2 quartos, sala, kitchnette e 2 casas de banho. Totalmente equipada e com TV. Só a um casal. Tratar tel. 2761520 Almada.

Ajuda e prémio

Para nova edição de «A Fonte de Madalena» de Rogério Gonçalo. O Alentejo, Douro, probl. da Humanidade. Um livro diferente. Envie 225$. Se preferir diga só o que sabe sobre Alves Redol. Todos prémio. Apartado 1333 — 1009 Lisboa Codex.

Secretária antiga

Vendo secretária antiga com tampo de vinhático coberto com chapa de vidro, com 9 gavetas e 2 armários. Tel. 921 05 18»

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.